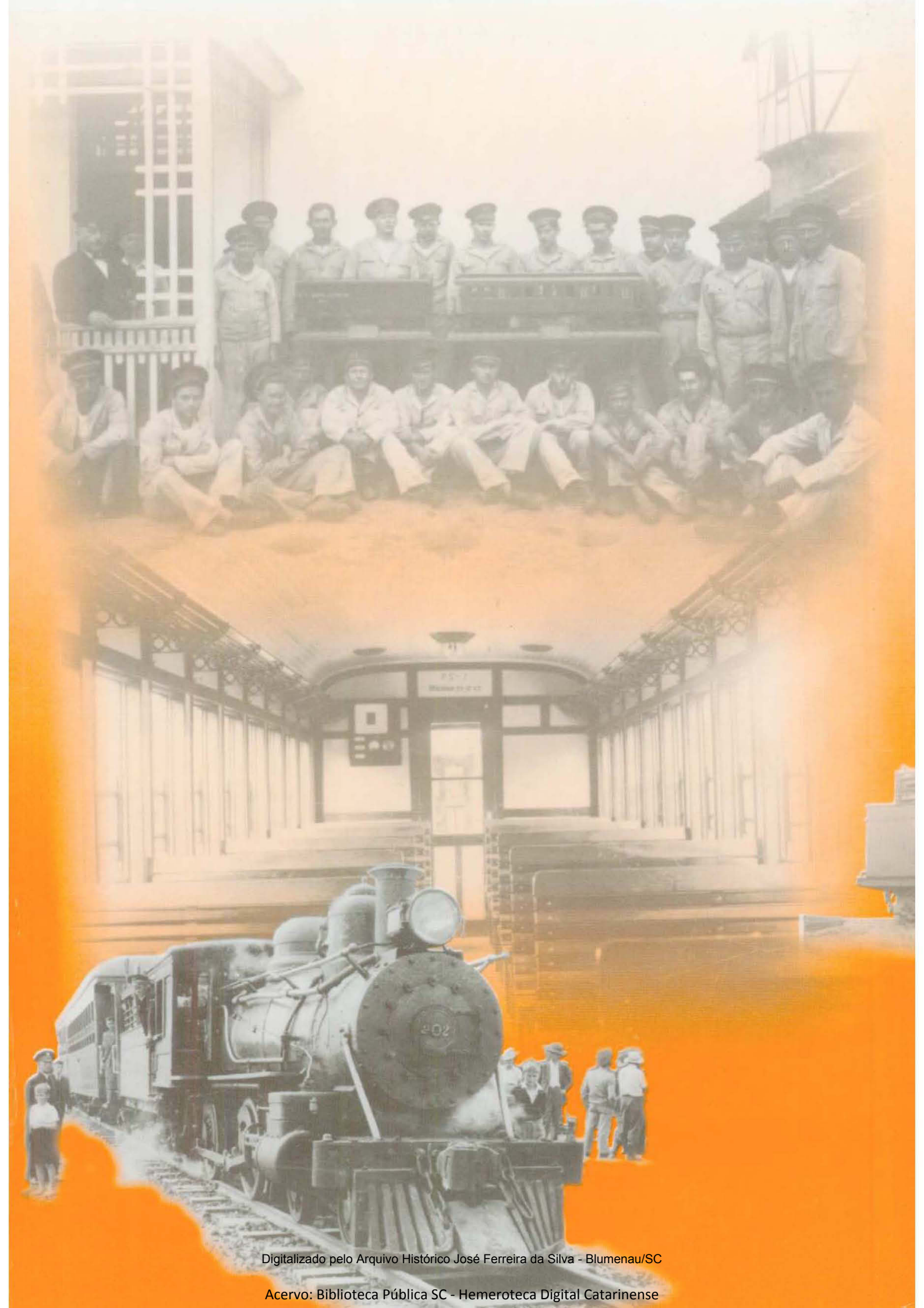


Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Diretoria de Cultura
Vilarino Wolff

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

ISSN 0006-5218

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

BLUMENAU em Cadernos

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau – SC
Fone/fax: (047) 326-6990
E-Mail: *funculbl@zaz.com.br*

CAPA
Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Imagens da Estrada de Ferro Santa Catarina

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Ivo Marcos Theis (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Cristina Ferreira,
Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Documentos Originais – Crônicas
O primeiro plantio e a construção da casa 007
À procura de trabalho 011
O destino de Barthel 017

Burocracia & Governo 024

Fragmentos de nossa história local
Estrada de Ferro de Santa Catarina I 062
Estrada de Ferro de Santa Catarina II 066
O Prolongamento da Estrada de Ferro de Santa Catarina 068

História & Historiografia
Ruptura com as formas do passado: entre a modernidade e a tradição 070
Que cultura é essa? 073
O microcosmo ideológico da década de trinta 075
O uso da imprensa como mecanismo de disseminação do discurso 079
Getúlio Vargas em Blumenau: afogando cabecinhas 084
Entre a tradição e a modernidade 086
Os meios de comunicação e os costumes 090

Crônicas do Cotidiano
O chá dos imortais 102
Projeto Gemini 104

Memórias
Localização não propícia da cidade de Blumenau 106
A Bromélia e o Pasmodium 108

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Artigos

Monsenhor Friedrich Tombrock e a nomatização de comportamento em São Ludgero, SC (1896-1957) 112
Jornais de Casamento 119

Autores Catarinenses

Lobatiana 123
Aleijadinho 124
Variadas 125

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– O primeiro plantio e a construção da casa

– À procura de trabalho

– O Destino de Barthel

TEXTO:

KARL KLEINE

Dando continuidade à publicação das Vivências e Lembranças de um Imigrante (Einst Erlebnisse und Erinnerungen eines Eingewanderten), escritas por Karl Kleine, trazemos nesta edição os textos: O Primeiro Plantio e a Construção da Casa, À Procura de Trabalho e O Destino de Barthel.

O autor narra minuciosamente o cotidiano das vivências do imigrante, deixa transparecer ao leitor a tristeza e a decepção da mãe ao conhecer a nova casa construída pelo seu pai, menciona as dificuldades do mesmo para arranjar emprego e o custoso desempenho do preparo da terra e trabalho agrícola.

Em outro momento, conta a visita do médico Barthel, que, após permanecer algum tempo na região, consegue restabelecer a sua saúde, curando-se de uma sinusite crônica através do ensinamento de uma velha senhora no seu leito de morte.

Estas lembranças escritas em 35 cadernos, foram transcritas e publicadas pelo sobrinho neto, Theodoro Fritz Kleine. Os originais destas memórias se encontram no acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva, à disposição dos pesquisadores e foram doados pela Sra. Maria Agnes Kleine.

*) **Tradução:** Brigitte Kretzschmar.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Erste Anpflanzung und Hausbau

Kurze Zeit nach dieser Expedition wurde unsere Roça in der Vorstadt gebrannt. Ein kleines Stück Bohnen und ein paar Hände voll Kartoffeln (Samen war damals noch sehr knapp), das war unsere erste Anpflanzung. Dann ging es ans Hausbauen. Zu allen diesen Arbeiten mußte Vater sich Leute nehmen, die solche Arbeit schon kannten. Er selber verstand davon rein gar nichts, hatte noch nie in seinem Leben die Axt oder Hacke in der Hand gehabt. Trotzdem half er unverdrossen mit, wo er nur konnte. Unser Haus war natürlich eine sehr bescheidene Palmitenhütte wie alle anderen auch. Doch ließ Vater alle Außenwände mit Lehm verkleben. Die Küche wurde nur mit Latten ausgesetzt. Glüklicherweise hatte er Arbeiter dafür gefunden, die ihre Sache verstanden und gut und billig arbeiteten. Das alles ging nun aber nicht so schnell, wie ich es hinschreiben kann, sondern es vergingen viele Wochen, ehe meine Eltern daran denken konnten, in das erste Haus der neuen Heimat einzuziehen.

Inzwischen hatten wir all die schon geschilderten Leiden im Einwandererschuppen auszustehen. Am schwersten litt unsere arme Mutter darunter. Sie war schwächlich und kränklich, und wenn sie sich wirklich einmal ein bißchen wohler fühlte, hatte sie die Last von Mann und Kindern auf sich. Mein Vater litt an schlimmen Füßen und Beinen. Wir Jungen saßen voller Sandflöhe. Nur ihre starke Willenskraft ließ Mutter ertragen, was kaum zu ertragen war für eine Frau, die in Europa in Verhältnissen gelebt und gewirtschaftet hatte, die geradezu das krasse Gegenteil von den hiesigen gesellschaftlichen und wirtschaftlichen Zuständen bildete. Dazu kamen noch die täglichen Nahrungssorgen; denn von dem bißchen Geld, welches meine Eltern noch besaßen, mußte jeder Heller eingeteilt werden. Sauer genug ist es meiner Mutter auch geworden, und viele Tränen hat's gekostet! Es wurde überwunden, aber heute noch – wenn sie zurückdenkt – werden ihr die alten treuen Augen naß und ihr gutes Herz so traurig, traurig! Es ist wohl schön im fernen Lande, aber zur Heimat wird es nie.

Vielleicht wären wir noch länger in diesem schrecklichen Schuppen geblieben, wenn meine Mutter nicht mit aller Gewalt dagegen gewesen wäre. „Laß uns in unser Haus ziehen, und wenn's auch nur ein Dach auf vier Pfahlen ist! Hier in dieser Hölle ist's ja kaum noch auszuhalten, das Ungeziefer frißt uns zuletzt noch auf!" So sagte sie fast täglich zu Vater, und dieser ging dann auch eines schönen Tages zu den Soldaten und erbat sich von dem Cabo einige Mann, welche unsere Sachen in einem Kahn zu unserem Grundstück hinunterfahren sollten. Auf andere Weise konnten wir die schweren Kisten, ohne auszupacken, nicht dorthin bekommen. Der Cabo übernahm den Transport selber und schaffte bald alles an Ort und Stelle. Da Mutter nur ungern mit dem Boot gefahren wäre, gingen wir alle zu Fuß nach unserem neuen Heim. Der Abschied von dem Schuppen wurde uns nicht schwer, aber als Mutter unsere Palmitenbude ohne

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O primeiro plantio e a construção da casa

Algum tempo após esta expedição, foi realizada a queimada da nossa roça no Vorstadt. Como naquela época a semente era escassa, o primeiro plantio foi apenas de feijão e de alguns punhados de batatinhas. A seguir iniciou-se a construção da casa e, para isso, meu pai precisou contratar pessoas experientes, a fim de executarem todo o trabalho, pois ele não entendia nada disso, visto que durante toda sua vida nunca havia lidado com machado ou enxada. Mesmo assim, ajudava incansavelmente em tudo o que podia. A nossa casa era um modesto barraco de palmito como todos os outros, porém, meu pai mandou tapar as paredes externas com barro, mas a cozinha era revestida apenas com sarrafos. Felizmente ele conseguiu contratar trabalhadores que entendiam do ofício. Contudo, isso não transcorreu tão rapidamente como estou escrevendo agora, mas, muitas semanas decorreram antes que meus pais pudessem mudar-se para sua primeira casa na nova pátria.

Enquanto isso tivemos que suportar todo o sofrimento no rancho dos emigrantes, já anteriormente descrito. Quem mais sofria com tudo isso era a nossa mãe, que estava adoentada e enfraquecida, porém quando se sentia um pouco melhor precisava cuidar do marido e dos filhos. Meu pai estava com problemas nos pés e nas pernas. Nós, meninos, estávamos cobertos de bichos-de-pé. Em virtude de sua força de vontade, minha mãe conseguiu suportar essa situação, o que era praticamente impossível para uma mulher que tinha vivido na Europa, em condições sociais e econômicas totalmente opostas às daqui. A isso se somavam as preocupações diárias com o sustento, pois cada tostão do pouco dinheiro que lhes restava, precisava ser bem dividido. Isso foi muito duro para minha mãe e custaram-lhe muitas lágrimas! Tudo foi superado, porém, ainda hoje em dia, ao lembrar-se do passado, seus olhos cansados e sinceros enchem-se de lágrimas e o seu coração generoso fica muito, muito triste! Este país distante certamente é bom, mas, jamais será sua pátria.

Talvez, se minha mãe não se opusesse com tanta veemência, tivéssemos permanecido por mais tempo nesse rancho horrível.

- Vamos nos mudar para a nossa casa, nem que tenha apenas um telhado sobre quatro estacas! Não dá mais para suportar este inferno, a bicharada acabará nos consumindo.

Isso ela repetia quase todos os dias ao meu pai que, num belo dia, se dirigiu aos soldados, pedindo ao Cabo alguns homens para levarem de canoa nossos pertences até o nosso terreno. Não teríamos conseguido transportar os caixotes pesados de outra maneira, sem tirar as coisas de dentro.

O próprio Cabo se encarregou do transporte, deixando rapidamente tudo em seu devido lugar. Como minha mãe não queria andar de barco, nós todos fomos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Dielen und Deeke, ohne Türen und Luken sah, ringsherum lauter Baumstämme, Baumstümpfe und dicke Wurzeln, dazu keine hundert Schritt entfernt der Urwald, da mußte sie sich abwenden, um ihre Tränen zu verbergen, damit sie unserem Vater nicht wehe tat.

Nun begann ein ganz neues Leben für uns. Vater arbeitete Tag für Tag in der Roça, und wir Jungen mußten mithelfen. So sehr Vater sich auch abquälte, konnte er doch nicht mit den arbeitsgewohnten Kolonisten konkurrieren. War er auch in der Theorie ihnen weit überlegen, so sah es doch mit der Praxis um so trauriger aus. Dazu kam noch, daß er in Hamburg ganz unpraktisches Werkzeug eingekauft hatte, z. B. die sogenannten nordamerikanischen Äxte, die wohl eine gute Schneide hatte, sehr kurz waren und an beiden Seiten so dicke Backen hatten, daß sie unmöglich ins Holz eindringen konnten. Außerdem aber zeichneten sie sich durch ein sehr dünnes Öhr aus, in dem der beste Stiel unmöglich halten konnte, dazu war die Axt nicht breit an der Schneide, sondern rund. Diese Äxte wurden in Nordamerika nur zum Durchhauen der Wurzeln beim Roden benutzt. Man denke sich nun eine solche Axt in den Händen eines großen, starken Mannes, der noch nie mit einer Axt oder Hacke gearbeitet hatte. Die Folge war, daß Vater gleich bei den ersten Hieben den Stiel in der Hand behielt, die Axt aber wer weiß wohin flog! Ähnlich erging es ihm mit den anderen Werkzeugen. Ebenso unpraktisch erwies sich sämtliches leinenes Arbeitszeug. Es wurde gleich durch und durch naß vom Schweiß und kühlte bei dem geringsten Windhauch so ab, daß es in hohem Grade schädlich war.

Unsere beiden Nachbar, ein Apotheker und ein Kunsttischler von drüben, waren auch keine Kolonisten im Sinne des Landbaues, von denen er nichts lernen konnte. So kam es, daß sich bald Nahrungssorgen einstellten und Vater sich Arbeit bei anderen Kolonisten suchen mußte. Trotz allen guten Willens konnte er aber keine finden, weil alle wußten, daß er die hiesige Arbeit noch nicht verstand. Welche Demütigung mußte es für ihn sein, bei anderen um Arbeit zu betteln! Er, der in Europa als Verwalter einer königlichen Domäne Hunderte von Arbeitern unter sich gehabt hatte.

Vater aber überwand dieses viel leichter als Mutter, die unter diesen Verhältnissen schwer litt. Sie konnte alles ertragen, nur nicht ihren Mann als Tagelöhner sehen. Aber Vater dachte in dieser Beziehung ganz anders. „Arbeit schändet keinen Menschen", meinte er, „wohl aber die Faulheit. So lange ich es kann, will ich für Euch arbeiten, auf welcherlei Art es auch sei." Er hat sein Wort treulich gehalten.

Arbeitsuche

Nach lagem Suchen nahm ihn endlich ein Nachbar, der ein ziemliches Stück flußabwärts eine Mahl – und Schneidemühle betrieb. Die Verhandlungen bei der

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

a pé para o nosso novo lar. A despedida do rancho não nos foi difícil, mas quando mamãe viu nosso barraco de palmito sem assoalho, sem teto, sem portas e janelas, rodeado por troncos, tocos de árvores e raízes espessas, distante cem passos da mata virgem, precisou afastar-se para ocultar suas lágrimas, a fim de não magoar nosso pai.

Então, iniciou-se uma vida totalmente nova para nós. Papai trabalhava todos os dias na roça e nós precisávamos ajudá-lo. Apesar de todo o seu esforço, ele não conseguia competir com os colonos, já habituados com o trabalho. Mesmo sobressaindo-se na teoria em relação aos outros, a prática era desoladora. Além do mais, a ferramenta que ele comprou em Hamburgo era inadequada. Os ditos machados americanos, por exemplo, tinham um bom corte, porém, eram muito curtos, com os lados muito espessos e não penetravam na madeira. Distinguiam-se também por terem um encaixe pequeno para fixar o cabo que, por melhor que fosse, não duraria e além disso, a lâmina não era achatada mas, arredondada. Esses machados eram usados na América do Norte apenas para o arroteamento de raízes. Imagine-se um machado desse tipo nas mãos de um homem alto e forte que jamais trabalhou com um machado ou enxada. O resultado disso foi que, aos primeiros golpes, papai ficou apenas com o cabo na mão e o machado voou sabe-se lá para onde. Do mesmo modo sucedeu com os outros instrumentos de trabalho. A roupa de linho também não era nada prática, pois, com o suor, ficava logo molhada, bastando uma brisa para esfriar o corpo, algo bastante prejudicial. Meu pai não pôde aprender nada com nossos dois vizinhos alemães, um farmacêutico e outro marceneiro, pois também não eram agricultores. E logo precisou procurar trabalho junto aos outros colonos, pois estávamos com falta de mantimentos. Apesar da sua boa vontade, não conseguia nenhum trabalho, porque todos sabiam da sua falta de experiência. Que humilhação deve ter sido para ele mendigar por trabalho! Na Europa, ele era administrador de uma propriedade rural da Coroa e, como tal, havia chefiado centenas de trabalhadores.

Meu pai superou tudo isso mais facilmente do que minha mãe, que, sob essas condições, sofria demais. Ela podia suportar tudo, menos ver seu marido trabalhando de diarista. Mas, em relação a isto meu pai pensava de modo diferente e dizia:

- O trabalho não desmoraliza ninguém, mas, a preguiça sim. Enquanto eu puder, quero trabalhar para vocês, seja lá de que modo for.

Ele cumpriu fielmente sua palavra.

À procura de trabalho

Após longa procura, finalmente papai foi aceito por um vizinho, que administrava um moinho de cereais e uma serraria rio abaixo. A negociação para sua

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Annahme meines Vaters als Arbeiter waren so originell, daß ich sie erzählen will. Der Besitzer der Mühle hieß Johann Wloch, nannte sich aber selbst nicht anders als Bugermüller, wahrscheinlich, weil er noch mitten im Urwald wohnte. Wloch war ein mittelgroßer Mann von untersetzter Statur mit einem gutmütigen Gesicht, das von einem rötlichen Bart umrahmt war. Er hatte die schlechte Gewohnheit angenommen, einem jeden ins Gesicht zu sagen, wie er's meinte, was bekanntlich nicht jedermann vertragen kann. Alles in allem war er eine gute, ehrliche deutsche Haut und einer der tüchtigesten Pionere, die je im Urwald gehaust haben.

Zu diesem Manne nun ging mein Vater und bot sich als Arbeiter an. Er traf ihn schon unterwegs im Walde bei der Ausbesserung des Weges an. Wloch stand in einem Sumpfloch und hackte von der Seite Erde hinein, und zwar so eifrig, daß ihm das schmutzige Sumpfwasser um die Ohren spritzte. Er sah denn auch danach aus!

„Guten Morgen!" rief mein Vater. „Guten Morgen!" erwiderte Wloch und reichte die Hand, die voller Lehm und Schlamm war, zum Gruße hin. „Ich kam zu Ihnen", begann mein Vater, „um mich zu erkundigen, ob Sie nicht..."

„Na, papple nur kei tummes Zeig im Urwald!" unterbrach ihn der Bugermüller in seiner derben Weise, „ich bin der Bugermüller und du bist der Kleine, weiter gibt's nischt. Verstanden? Das Sie-sagen kannste drieben lassen. Hier im Urwald, wo eener uff en annern angewiesen is, sagt mann enfach du!"

Mein Vater kannte schon so einigermaßen den hiesigen Ton unter den Kolonisten und ging ohne weiteres darauf ein. „Auch gut", sagte er, hast du keine Arbeit für mich? Ich bin in Not und muß etwas verdienen, um meine Familie durchzubringen."

„Das läßt sich eher hören", entgegnete Wloch. „So, so, du willst bei Bugermüller arbeiten? Aber weeßt du denn nich, daß das een grober Kerl is?" – Als mein Vater schwieg, fuhr er fort: „Na, hol's der Deixel! Arbeit hätt ich genug, aber – na wart mal ä wing – kannst du gut schreien? „Schreien?" frug mein Vater ganz erstaunt und glaubte, nicht recht gehört zu haben. „Na ja doch, schreien", wiederholte Wloch, „brüll mal so toll wieste kannst!" – „Ich bin doch kein Brüllaffe", sagte mein Vater ärgerlich. „Was soll das eigentlich bedeuten? Ich glaube, du hast mich bloß zum besten?" – „I wo, du tummes Luder! Ich will doch nur hören, ob du eine laute Stimme hast. Du sollst meine Ochsen antreiben", erklärte Wloch. „Alle Wetter noch mal! Das ist also des Pudels Kern. Na warte!" Und mein Vater, der über eine sehr laute Stimme verfügte, ließ nun die ganze Kraft seiner Lungen hören. Der Bugermüller hielt sich die Ohren zu und lachte, daß ihm der Bauch wackelte.

„Hör uff, hör uff!" schrie er. „Über das Brüllen sein mer eenig, aber weeßte denn de Kommandos beim Puschen?" – „Keine blasse Ahnung davon", gestand mein Vater, den die Geschichte zu erheitern anfing.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

admissão foi tão original, que pretendo relatá-la. O proprietário do moinho chamava-se Johann Wloch, mas ele próprio denominava-se de "*Bugermüller*" (bugre moleiro), provavelmente porque ainda morava no meio da selva. Wloch era um homem de estatura mediana, com um rosto bonachão, emoldurado por uma barba ruiva, acostumado a falar diretamente o que pensava e isto nem todos suportavam. No mais, era um alemão generoso, honesto e um dos mais diligentes pioneiros da selva.

Meu pai dirigiu-se a este homem, oferecendo-se como trabalhador, encontrado-o na mata a restaurar o caminho. Wloch estava dentro de um lodaçal, o qual cobria com terra, de modo tão enérgico, que a água lamacenta lhe respingava até às orelhas. A sua aparência deixava a desejar!

- Bom dia, cumprimentou meu pai.

- Bom dia, respondeu Wloch, estendendo sua mão enlameada para o cumprimento.

- Eu vim até o senhor, iniciou meu pai, para informar-me se o senhor não...

- Não fale tolices aqui na selva!, interrompeu o bugre moleiro com seu jeito rude de falar. Eu sou o bugre moleiro e tu és um homem do povo, nada mais. Entendeste? Podes dispensar o senhor, pois aqui na selva, onde um depende do outro, fala-se apenas tu!

Meu pai, que já conhecia mais ou menos o jeito de falar, peculiar da região, usado entre os colonos, interveio sem mais:

- Está bem, tu não tens um trabalho para mim? Estou em dificuldade e preciso de trabalho para sustentar minha família.

- Assim está melhor, retrucou Wloch. Então tu queres trabalhar para o bugre moleiro? Mas tu não sabes que ele é um sujeito grosseiro?

Como meu pai se manteve calado, Wloch prosseguiu:

- Que diabo! Trabalho eu teria suficiente, mas, espere um pouco, tu sabes gritar?

- Gritar?, perguntou meu pai.

- Sim, gritar, repetiu Wloch. Berre o mais alto que puder.

- Eu não sou bugio, falou meu pai zangado. O que significa isso? Eu acho que tu estás me gozando.

- Não, seu tolo! Eu só quero saber se tu tens uma voz alta, pois deverás puxar os meus bois, explicou Wloch.

- Caramba, isso é o cúmulo. Aguarde!

E meu pai, que dispunha de uma voz bastante alta, fez-se ouvir com toda a força. O bugre moleiro, tapando os ouvidos, ria tanto que sua barriga sacolejava.

- Para, para!, gritou. Quanto ao berrar estamos de acordo, mas tu conheces os comandos para puxar os bois?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

„Denn paß mal uff! Also, der Ochse, der rechts geht, heeßt Diamante und der linkne heeßt Cative. Wenn nu vorgehängt is, ranzt se erstmal tichtig an un brillst: Vamos Cative! Un wenn die Schindäster nicht gehen wollen, davor haste de lange Puschrute in der Pfote. Weiter haste nischts zu tun dabei, das annere besorg ich, verstanden?"

„Jawohl, aber..." – „Halts Maul und paß uff, was ich sage; hernacher stehste morgen do un weeßt nicht hin un nich her! Das paßt schön. Meine Hedwig hatn schlimmen Fuß un hinkt schon wie lang, da kannste glei murgen anfangen! Haste denn och en ornliches Facão?" Vater zeigte sein Waldmesser aus Hamburg. Wloch nahm es in die Hand und betrachtete es von allen Seiten mit Kopfschütteln. „Das haste wull beim Blechschmied gekauft? Da damit kannste keenen Strempel mit abhaun, das laß man bei Muttern zum Zwiebelschälen."

„Ich habe aber kein anderes. Wo soll ich so schnell ein neues herkriegen?"

„Daß de mir nich mit demm Käsemesser angeschissen kömmst! Ich will der meiner Hedwig ihrs so lange borgen, bis de ä urdentliches hast. Also, morgen kummste!"

„Jawohl! Aber wie ist's mit dem Lohn und der Kost?

„Zu fräßen haben mer woll, aber der Lohn – „Wloch kratzte sich seinen Pudelkopft sehr energisch und meine dann: „Ich kann dir nich mehr geben als einen Patac Tagelohn (8 Silbergroschen nach dem damaligen preußischen Gelde)!" und setzte dann für sich auf polnisch hinzu: „Das ist eigentlich viel zu viel, aber der arme Teufel tut mir leid, er will doch wenigstens arbeiten."

„Jawohl!" erwiderte mein Vater nun ebenfalls auf polnisch, „ich werde schon meine Schuldigkeit tun."

„Ei der Deixel! Hol dich der Schinner! Warum sagste nich gleich, daß der son verfluchter Wasserpolacke bist?" schrie Wloch auf deutsch und fuhr dann polnisch fort: „die Polacken taugen alle nichts, kannst es mir glauben, ich hab sie kennengelernt!"

„Beruhige dich nur", erwiderte mein Vater, „ich bin ebenso wenig ein Polack wie du, habe nur viel mit ihnen zu tun gehabt. Die ganze Provinz Posen wimmelt ja von ihnen."

Nun schieden die beiden Männer von einander, und Vater war wohlbestallter „Puscher", oder auf deutsch Ochsenknecht bei dem Bugermüller geworden. Diese Beschäftigung verheimlichte er aber vor meiner Mutter und sagte ihr nur, daß er gute und leichte Arbeit gefunden hätte. Sie wunderte sich zwar, daß er abends immer so heiser und die Kleider immer naß und voll Schmutz waren, aber er erklärte ihr, daß er in der Nähe des großen Wasserrades zu tun hätte und nur davon ein wenig bespritzt würde und sich dabei wohl ein bißchen erkältet habe. Zuletzt zog er von Wloch eine alte Hose an und täuschte meine Mutter, aus Liebe und um ihr keinen Kummer zu machen.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Não tenho a mínima noção sobre este assunto, confessou meu pai, começando a divertir-se com tudo isso.

- Então presta atenção! O boi da direita chama-se Diamante, o da esquerda, Cative. Assim que eles estiverem aparelhados, briga com eles e berra:

- Vamos, Diamante! Vamos, Cative! E se a junta não quiser andar, terás nas mãos um chicote. Mais do que isso não precisas fazer, o resto eu arranjarei, entendeste?

- Sim, mas...

- Cala a boca e presta atenção ao que eu falo, senão tu não saberás o que fazer amanhã! Isso vem a calhar. Minha Hedwig está com o pé machucado e já há algum tempo está mancando. Podes começar amanhã! Tens por acaso um bom facão?

Papai mostrou o facão que trouxe de Hamburgo e Wloch o pegou e examinou-o cuidadosamente, balançando a cabeça.

- Tu deves tê-lo comprado num latoeiro. Com este tu não conseguirás derrubar nem um toco. É melhor que deixes em casa para descascar cebolas.

- Eu não tenho outro. Como conseguirei um novo tão rapidamente?

- Não me aparece aqui com uma faca de cortar queijo! Eu te emprestarei o da Hedwig até conseguires um que preste. Então, tu vens amanhã?

- Sim está bem! Mas como é que ficamos com o salário e a alimentação?

- Para comer ainda há o suficiente, mas o salário..., Wloch coçou a cabeça dizendo: "Não poderei pagar-te mais que um patacão (que corresponde a 8 moedas de prata prussianas) por dia!" Acrescentando para si próprio, em polonês: "Isso na verdade é demais, mas o pobre diabo me dá pena, pelo menos ele quer trabalhar."

- Sim, eu cumprirei com minha obrigação, replicou meu pai igualmente em polonês.

- Por que não falaste logo que és um maldito polaco?, gritou Wloch em alemão, prosseguido em polonês: "os polacos não valem nada, eu os conheço bem!"

- Acalma-te, replicou meu pai, eu sou tão pouco polaco quanto tu, apenas tive bastante contato com eles, pois são numerosos na província de *Posen*.

Então os dois se despediram e meu pai tornou-se "puxador", ou o criado de bois do bugre moleiro. Contudo, ocultou essa função de minha mãe, dizendo-lhe apenas ter conseguido um trabalho fácil e bom.Entretanto, minha mãe admirava-se que, à noite, meu pai estava sempre rouco e com a roupa suja e molhada Mas, dizia que precisava trabalhar próximo à roda d'água, resfriando-se em conseqüência dos respingos d'água. Por fim, usava uma calça velha do Wloch, enganando minha mãe por amor, para que não sofresse.Tudo corria bem, até que um belo dia Wloch resolveu tirar um tronco de madeira especial da roça do nosso vizinho, para utilizá-lo na construção hidráulica. O tempo estava chuvoso, o que favorecia a extração da madeira,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Das ging so lange gut, bis eines schönen Tages Wloch einen Stamm von besonders guter Holzart, den er zu Wasserbauten verwenden wollte, aus unsres Nachbars Roça holte. Es war gerade Regenwetter, welches gern zum Puschen benutzt wird, weil dann die Bahn glatt ist. Vorneweg ging Wloch, Hedwig und leitete die Ochsen, hinter dem Gespann kam mein Vater mit einer langen Stange, die Hosen bis über die Knie aufgekrempelt Wloch ging hinter dem Stamm mit einem großen Hebebaum, um nachzuhelfen, wenn's Not tat. – Meiner armen Mutter gingen nun die Augen auf über die Beschäftigung ihres Mannes. Sie geriet ganz außer sich darüber. Um sie zu trösten, setzte ihr mein Vater auseinander, daß es doch wohl schließlich einerlei sei, auf welche Art man sein Brot verdiene, wenn es eben nur ehrlicher Verdienst wäre. Aber sie konnte sich nicht beruhigen und ruhte nicht eher, bis Vater die Arbeit bei dem Bugermüller aufgab und wieder in seiner Roça arbeitete. Wir beiden Jungs mußten wieder tüchtig mit ran.

Barthels Geschick

Gleich nach unseres Vaters Rückkehr aus Dona Francisca erschien eines schönen Tages ein Mann bei uns mit einem schlanken Jünglich an der Seite, den wir im ersten Augenblick nicht erkannten. Erst als er zu sprechen begann, rief mein Vater beinahe erschrocken: „Das ist ja Herr Barthel!" – „Natürlich", sagte dieser, denn er war es wirklich, „wenn auch nicht mehr der Barthel vom Schiff, so bin ich doch immer noch der Barthel, und das hier ist mein Sohn Wilhelm". – Barthel trug einen feinen Sommeranzug, war glatt rasiert und strotzte vor Gesundheit. Seine Gestalt schien gerader, schlanker geworden zu sein, aus seinen Augen leuchtete die helle Freude hervor, sein ganzes Wesen schien verändert, kurz, aus der häßlichen Raupe von einst war ein schöner Schmetterling geworden! Auch aus dem Helmchen war ein Wilhelm geworden, oder viel eher ein echter brasilianischer Jüngling, bei dem nur die Augen und das Haar die deutsche Abkunft verrieten.

„Ja, sehen Sie mich nur verwundert an", fuhr Barthel heiter fort, „ich bin leibhaftig der Barthel, der wie ein Phönix aus der Asche zu neuem Leben emporstieg; denn – wie Sie sehen – bin ich von meinem schrecklichen Übel vollständig befreit und bin wieder Mensch unter Menschen." Er drückte meinen erstaunten Eltern herzlich die Hände und sagte mit Wärme: „Meine lieben Freunde, glauben Sie, ich habe recht oft an Sie gedacht. Ich konnte unmöglich von Ihnen scheiden, ohne Abschied zu nehmen". – „Ach, Sie wollen fort?" rief mein Vater. – „Jawohl, es zieht mich wieder hinüber in mein schönes Sachsen! Bald, bald gedenke ich wieder Erfurts Türme zu erblicken, zu wandeln in seinen herrlichen Gärten, wie sie wohl keine zweite Stadt auf Erden aufzuweisen hat. Ja, meine Vaterstadt ist ein Kleinod, nicht nur von der Provinz, sondern

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pois o caminho tornava-se liso. Wloch seguia à frente, Hedwig guiava os bois e, atrás da junta, vinha meu pai, com a calça arregaçada até os joelhos e uma vara longa. Wloch andava atrás do tronco com uma alavanca, caso fosse necessário ajudar. Foi então que minha mãe compreendeu qual era a ocupação de seu marido. Para tranqüilizá-la, meu pai tentou explicar-lhe que afinal, a forma de ganhar o sustento não vinha ao caso, desde que fosse honesta. Ela, porém, não conseguiu acalmar-se, e não descansou antes de meu pai desistir do trabalho para o Bugre Moleiro e voltar para sua roça. Nós, garotos, tivemos que ajudar novamente para valer e outra vez precisávamos nos empenhar muito no trabalho.

O destino de Barthel

Logo após meu pai ter regressado de Dona Francisca apareceu, um belo dia, um homem com um jovem esbelto ao seu lado, mas, que não reconhecemos de imediato. Assim que este homem começou a falar, meu pai exclamou surpreso:

- Mas é o Barthel!

- Naturalmente, disse o próprio. Mesmo não sendo mais o Barthel do navio, continuo sendo o Barthel, e este é o meu filho Wilhelm.

Barthel usava um elegante terno de verão, estava bem barbeado e esbanjava saúde. Seu porte parecia mais ereto e esbelto, seus olhos brilhavam de alegria e todo o seu ser parecia ter se modificado, resumindo, a lagarta feia havia se transformado numa linda borboleta! Também o garotinho havia se tornado um adulto, ou melhor, um autêntico jovem brasileiro, e apenas os olhos e o cabelo evidenciavam sua descendência alemã.

- Sim, olhe-me surpreso, prosseguiu Barthel alegremente, eu sou o Barthel em pessoa, que ressurgiu das cinzas, tal fênix para uma nova vida. Como vêem, estou completamente curado do meu terrível mal e agora sou novamente uma pessoa entre as pessoas.

Ele apertou as mãos de meus surpresos pais com afeto e falou calorosamente:

- Meus queridos amigos, acreditem, muitas vezes pensei em vocês. Seria impossível partir sem me despedir.

- O senhor pretende partir?, exclamou meu pai.

- Certamente, sinto-me novamente atraído para a minha bela Saxônia e espero em breve rever as torres de Erfurt, caminhar por seus maravilhosos jardins que, com certeza, não existem em nenhuma outra cidade do mundo. Sim, minha cidade natal é uma jóia, mas não apenas da província e sim de toda a Prússia!, exclamou Barthel entusiasmado, prosseguindo, então, mais calmo: lá eu nasci e lá eu quero morrer. Tudo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

von ganz Preußen!" rief Barthel begeistert aus, dann fuhr er etwas ruhiger fort. „Dort bin ich geboren, dort will ich sterben. Es ist schon alles zur Abreise fertig, und Ende nächsten Monats, so hoffe ich, wird mein Wunsch erfüllt und meine Sehnsucht gestillt."

„Ich kann mir Ihre Freude vorstellen", entgegnete mein Vater, „und Ihre Frau?" – Ein Schatten flog über Barthels Gesicht bei dieser Frage, und er antwortete beinahe wehmütig: „Das ist ein Punkt, der mir schon Kummer genug bereitet hat: Doch wir sprechen nachher davon, ich möchte gerne Ihre Meinung darüber hören." – Dann erkundigte er sich nach meines Vaters Verhältnissen und hörte verwundert die Geschichte von Onkel Julius. Auch er war der Meinung, daß diesem ein jähes Ende seiner Herrlichkeit bevorstehe. Die Abreise von Goldener und Nante nach Desterro hatte er schon am Stadtplatz erfahren, und bedauerte, daß er zu spät gekommen sei, um sie noch einmal zu sehen. Dann sprach er sich über die Lage meiner Eltern aus und riet meinem Vater, vorläufig auf dem kleinen Grundstück auszuhalten. – „Die Kolonie Blumenau", sagte er zu meinem Vater, „wird immer größer und braucht bald tüchtige Beamte, die Dr. Blumenau doch jedenfalls unter den Deutschen sich aussuchen wird. Dann werden auch Sie eine Stelle bekommen. Den Plan, Ihr Grundstück hier zu verkaufen, verwerfe ich ganz und gar. Wenn Sie auch ein größeres Stück Land hätten, es würde Ihnen nicht viel nützen, Sie passen nicht zum Bauern. Weder Sie noch Ihre Frau würde sich glücklich fühlen und würden sich nur aufreiben bei einem Leben voll mühseliger Arbeit, ohne jemals Ihr Ziel zu erreichen. – Nein, nein, halten Sie aus und hören Sie auf den Rat eines Freundes". – Darauf meinte mein Vater, daß er vorläufig überhaupt nicht wo anders anfangen könne und daher schon gezwungen sei, Barthels Rat zu befolgen. Wie richtig Barthel ihm geraten hatte, werden wir weiterhin noch erfahren.

Barthel wollte erst am nächsten Tage fort, und so hatten die beiden Männer Zeit, sich gegenseitig auszusprechen. „Wie Sie wissen", sagte Barthel im Laufe des Gespräches über seine Erlebnisse unter den Brasilianern, „wurde ich von Mafert als Arzt angestellt. In den ersten Monaten wohnten wir in einer verlassenen Negerhütte, die einem Hundestall ungefähr gleichkam. Nachher zogen wir in ein zwar kleines, aber recht nettes Häuschen, welches Mafert für uns hatte bauen lassen. Meine Praxis als neugebackener Doktor begann gleich am ersten Tage meiner Ankunft bei Mafert, und ich hatte all die Zeit vollauf zu tun. Das erste Jahr war schrecklich. Wir konnten uns an die brasilianische Lebensweise durchau nicht gewöhnen. Meine Frau weinte Tag und Nacht und wurde so elend dabei, daß mir schon bange wurde. Nur unser Wilhelm blieb kreuzfidel, lernte spielend Canôfahren, Reiten, Fischen, Jagen, Schwimmen und leider auch andere noble Passionen der lieben brasilianischen Jugend. Natürlich konnte er in kurzer Zeit die Landessprache ebenso geläufig wie seine Muttersprache. Das war für mich ein großer Vorteil, weil ich dadurch einen sicheren Dolmetscher bekam. Ich

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

está preparado para a partida e espero que no próximo mês meu desejo seja realizado e minha saudade aquietada.

– Eu posso imaginar a sua alegria, replicou meu pai. E a sua esposa?

O rosto de Barthel anuviou-se e ele respondeu meio tristonho:

– Esse assunto já me causou desgosto suficiente, mas disso falaremos depois e eu gostaria de ouvir sua opinião a respeito.

Então se informou sobre a situação de meu pai e ouviu admirado a história sobre tio Julius. Também ele achou que o prestígio do tio Julius estaria chegando ao seu fim. Ele já havia tomado conhecimento no Stadtplatz da partida do Nante e do Goldener para Desterro, lamentando não ter chegado a tempo para vê-los mais uma vez. Então opinou sobre a situação de meus pais e os aconselhou a continuarem, por enquanto, em sua pequena propriedade.

– A Colônia Blumenau, disse ele ao meu pai, está crescendo cada vez mais e, brevemente, necessitará de funcionários hábeis, que Dr. Blumenau certamente escolherá entre os alemães. Então também o senhor receberá uma colocação. Eu condeno totalmente seu plano de vender sua propriedade, e mesmo que o seu terreno fosse maior não lhe seria muito útil, pois o senhor não se presta como agricultor. Nem o senhor, tampouco sua esposa se sentiriam felizes se desgastando em um trabalho árduo, sem jamais alcançar o objetivo. Não, não, persista e ouça o conselho de um amigo.

Meu pai retrucou dizendo, que por enquanto não teria mesmo condições de recomeçar em outro lugar e, por isso, seria obrigado a seguir o conselho de Barthel. Mais tarde saberemos o quanto Barthel estava certo. Barthel pretendia partir apenas no dia seguinte, assim os dois homens tiveram tempo para conversar.

No decorrer da conversa sobre suas experiências entre os brasileiros Barthel comentou:

– Como o senhor sabe, eu fui contratado como médico pelo Mafert. Nos primeiros meses nós moramos em um barraco de negros, abandonado, que mais parecia um canil. Depois nos mudamos para uma casa pequenina, porém, simpática que Mafert mandou construir para nós. O trabalho em meu consultório, como doutor recém-formado, iniciou logo no primeiro dia em que cheguei para trabalhar com Mafert e sempre estava ocupado. O primeiro ano foi terrível, pois, de modo algum conseguíamos nos acostumar aos hábitos brasileiros. Minha esposa chorava dia e noite, enfraquecendo tanto, que eu já estava ficando preocupado. Apenas nosso Wilhelm continuava alegre, aprendendo, com facilidade, a remar a canoa, montar, pescar, caçar e nadar, mas, infelizmente, também fez suas "paixões nobres" da querida juventude brasileira. Naturalmente, dentro de um curto espaço de tempo, ele sabia falar o vernáculo tão bem quanto a língua materna e isto foi uma grande vantagem, pois ganhei um

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

hatte manchmal Tag und Nacht keine Ruhe und wurde weit und breit geholt. Meine medizinischen Kenntnisse verwandte ich zum Besten meiner Mitmenschen, und ich kann wohl ohne Überhebung sagen, daß ich vielen gefolfen habe. Nur mir selber konnte ich nicht helfen! Aber es gibt eine göttliche Vorsehung; ich habe sie selbst an mir erfahren. Hören Sie, auf welche Art.

Vor ungefähr einem Jahr wurde ich zu einer kranken Mulattin gerufen, die Maria Nunez hieß, aber allgemein nur unter dem Namen Maria Velha bekannt war. Sie war schon recht alt, aber immer noch ganz rüstig. Längst schon Witwe, hatte sie auch alle ihre Kinder überlebt. Mit einer Urenkelin hauste sie einsam in einer kleinen Hütte auf Maferts Land. Das Wenige, was sie gebrauchte, bekam sie von Mafert und anderen mitleidigen Menschen. Da sie sich viel mit „Sympathie" befaßte und auch sonst noch quacksalberte, wurde sie von vielen Brasilianern aufgesucht, aber auch von vielen als Hexe verschrien. In der ersten Zeit konnte sie mich nicht leiden und behandelte mich feindselig, weil ich ihr ins Handwerk pfuschte und ich ihr ins Gesicht sagte, daß ihre Hausmittel gut seien, ihre Sympathiesprüche aber keinen Pfifferling taugten. – Nun traf es sich einmal, als ich zufällig mit meinem Sohne und einem Neger von Mafert an ihrem Häuschen vorbeifuhr, daß ich sie hilflos am Ufer liegen sah. Sie hatte Wasser holen wollen, war gefallen und hatte sich dabei den Fuß verrenkt. Wir trugen sie behutsam in ihre Hütte, wo ich ihr den Fuß wieder einrenkte und alles mögliche tat, um ihre Schmerzen zu lindern. Ihr Jammern und Stöhnen hörte auch bald auf und sie erzählte uns, daß ihre Urenkelin bei deren Eltern sei und erst gegen Abend wieder zurückkäme. Da ich an dem Hause vorüber mußte, versprach ich ihr, das Mädchen sogleich zu schicken, damit sie Aufsicht und Pflege habe. – Seit diesem Vorfall änderte sich der alten Maria Haltung mir gegenüber, und wir wurden die besten Freunde. Mancherlei Kräuter und Wurzeln hat sie mir gebracht und mich deren Heilkraft und Anwendung gelehrt. Ich war erstaunt, bei einem wild aufgewachsenen Naturkind, das niemals in einer Schule gewesen und von medizinischen Kenntnissen keine Ahnung haben konnte, so viel richtige Erkenntnis zu finden. Zu dieser Frau nun wurde ich gerufen. Gleich beim ersten Blick sah ich, daß es mit ihr zu Ende ging. Ich sagte ihr offen, daß sie höchtens noch einige Stunden zu leben habe. Sie schien darüber erfreut und dankte mir. Als ich wieder gehen wollte, griff sie unter ihr Kopfkissen und holte ein kleines Bündel Baumrinde hervor, welches sie mir mit diesen Worten übergab: Von dieser Rinde mußt du jeden Tag sieben Stücke auf glühende Kohlen legen, dich darüber beugen und mit Mund und Nase den Rauch einatmen. Tust du das, so bist du gesund, ehe die Rinde ganz aufgebraucht ist. Wir sind quitt, Bartolomeo, adeus! – Früher schon hatte sie mich öfter ausgefragt über mein Leiden und, wie ich recht gut gemerkt hatte, dasselbe schon lange beobachtet, aber nie von der Möglichkeit einer Heilung gesprochen. Ich hatte schon zu viel versucht, um noch Hoffnung auf Besserung haben zu können; aber

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

intérprete. Muitas vezes eu não tinha sossego de dia, nem à noite, pois era solicitado em toda a redondeza. Apliquei meus conhecimentos de medicina para o bem-estar dos meus semelhantes e posso dizer, sem exagero, que ajudei muitas pessoas. Apenas a mim mesmo não conseguia ajudar! Mas, a providência divina existe e isto eu senti em mim mesmo. Ouça como aconteceu:

Há aproximadamente um ano fui chamado para atender uma mulata doente, chamada Maria Nunez, conhecida por todos como Maria Velha e, apesar de idosa, ainda era ativa. Há muito havia enviuvado, porém, sobreviveu a todos os seus filhos. Vivia com uma bisneta em uma choça construída na terra de Mafert, ganhando deste e de pessoas piedosas, o pouco que necessitava. Como era dada a "simpatias" e demais curas, era procurada por muitos brasileiros, mas muitos também a tinham por bruxa. A princípio, ela não me suportava, tratando-me até com hostilidade, pois eu atrapalhava seu trabalho e dizia que seus remédios caseiros podiam ser bons, mas suas simpatias não valiam nada. Um dia passava casualmente em frente à sua casa, com meu filho e um dos negros do Mafert, quando a vimos deitada à margem do rio, onde caiu e torceu o pé ao buscar água. Cuidadosamente a levamos para sua choça e eu a tratei, fazendo o possível para aliviar suas dores. Seus lamentos e gemidos foram cessando e ela nos contou que sua bisneta estava na casa dos pais e regressaria à noite. Como eu tinha que passar por lá, prometi mandar-lhe a menina imediatamente para ajudá-la. A partir desse incidente a velha Maria mudou sua atitude para comigo e nos tornamos grandes amigos. Quantas foram as ervas e raízes que ela me trouxe, explicando seu poder de cura e o devido emprego. Eu me admirei de encontrar tantos conhecimentos precisos numa pessoa criada na selva, que nunca havia freqüentado uma escola e sem noção alguma sobre conhecimentos medicinais.

Bem, um dia fui chamado para atender a essa mulher. Assim que a vi, logo percebi que sua vida estava chegando ao fim e disse-lhe com franqueza, que teria poucas horas de vida. Isso pareceu tê-la alegrado e ela me agradeceu. Quando fiz menção de me retirar, tirou debaixo do travesseiro uma pequena trouxa, contendo casca de árvore, entregando-a com as seguintes palavras:

– Coloque todos os dias sete pedaços dessa casca sobre brasas e te inclina por cima delas, inalando sua fumaça com a boca e o nariz. Fazendo isso, tu estarás curado antes que toda a casca seja usada. Estamos quites, Bartolomeu, adeus!

Muito antes ela já havia me interrogado sobre o meu padecimento e eu notei muito bem, que ela o havia percebido há tempo, porém, nunca chegou a falar sobre a possibilidade de me curar. Eu já havia experimentado de tudo para ainda ter esperança de alguma melhora, mas, considerei esse fato como um sinal divino e realmente foi!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ich betrachtete es als einen Wink des Himmels. Und er war es auch! Wie Sie sehen, hat es gründlich geholfen. Aber freuen Sie sich, daß Sie bei der ersten Räucherprobe nicht dabei waren, Sie hätten dann vielleicht einen Abscheu für immer vor mir bekommen. Es war geradezu scheußlich, was meiner Nase entströmte. Die Rinde entwickelte einen scharfen, nach Kampfer duftenden Rauch, der ganz rot aussah und wie eine dicke Säule kerzengerade in die Höhe stieg. – Gleich bei der ersten Prozedur fühlte ich ungeheure Erleichterung und merkte, daß ich auf richtigem Wege war. Nach fünfmaliger Wiederholung war ich von meinem Übel auf immer befreit, von einem Übel so schrecklich und hartnäckig, daß kein Arzt mir zu helfen wußte. – Eine Probe von dieser merkwürdigen Rinde zeigte ich schon vielen Brasilianern, aber keiner kannte den Stamm, an dem sie gewachsen. Ich will sie drüben untersuchen lassen und nehme überhaupt eine ganze Kiste von hiesigen Heilmitteln mit, um sie dort durch Fachleute prüfen zu lassen.

Und nun sagen Sie selbst, ob es eine göttliche Vorsehung gibt oder nicht. Warum mußte ich gerade nach Blumenau gehen, um bei Luiz Alves die kranke Frau zu treffen, die wiederum der Grund war, daß Mafert mich als Arzt anstellte und ich so die Mulattin kennenlernen mußte, die endlich das Wekzeug zu meiner Heilung und Rettung wurde.

Barthel begann nun von seinen häuslichen Verhältnissen zu reden: „Sehen Sie, ich bin mit meiner Frau in Zwiespalt geraten wegen unserem Sohn. Ich möchte ihn gern hier lassen, denn er paßt nicht mehr in europäische Verhältnisse. Ich habe ihm wohl etwas Schreiben, Lesen und Rechnen beigebracht, auch das allernotwendigste von Geographie usw., aber das wäre noch das wenigste, das Schlimmste ist, daß er schon mit einem blutjungen Brasilianermädel angebändelt hat und daß die Sache schon zu weit gediehen ist, als daß sie wieder rückgängig gemacht werden könnte. Meine Frau aber hängt zu sehr an dem Jungen, daß sie ihn um keinen Preis hier lassen will. Er selber will auch gar nicht mit nach Detschland, will hier bleiben und seine Braut heiraten. – Sie sehen, lieber Herr Kleine, daß immer etwas sein muß, damit der Mensch in seinem Glück nicht übermütig wird."

„Ich bedaure Sie sehr", erwiderte mein Vater, „am meisten aber Ihre Frau, die den Verlust ihres einzigen Kindes nicht so leicht verschmerzen wird. Es ist Ihnen in Ihrem Leben schon werkwürdig genug gegangen, vielleicht findet sich noch ein Weg, an den wir jetzt nicht denken."

„Gott gebe es!" seufzte Barthel, und wir merkten nun, wie schwer ihn dieses neuerliche Mißgeschick drückte. Auswandererschicksal?

Am anderen Morgen nahm Barthel herzlichen Abschied von uns allen und versprach, von Erfurt aus zu schreiben. „Ein Freund weniger", sagte mein Vater trübe. „Und der guten Menschen sind wenige", setzte meine Mutter hinzu. Barthel hatte meinen Eltern ein Andenken hinterlassen. Vielleicht errät der geneigte Leser, was es gewesen?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Como o senhor pode ver, o tratamento foi muito eficaz. Porém, dê graças por não ter presenciado a primeira inalação, pois, com certeza, o senhor me consideraria repulsivo para sempre. Foi simplesmente horrível o que saiu do meu nariz. A casca desprendia uma fumaça avermelhada, com forte odor de cânfora, que parecia uma coluna espessa. Logo após o primeiro procedimento, senti um alívio enorme, percebendo estar no caminho certo. Após a quinta inalação, havia me livrado definitivamente de um terrível e persistente mal, que nenhum médico soube curar. Eu já mostrei essa notável casca para muitos brasileiros, porém ninguém conhece esta árvore. Eu pretendo mandar examiná-la por especialistas na Alemanha e levarei comigo uma caixa cheia de medicamentos naturais da região para serem testados.

E então, diga-me, se há ou não há providência divina. Porque eu tive que vir justamente a Blumenau para encontrar essa senhora adoentada, em Luiz Alves que, por sua vez, motivou Mafert a me empregar como médico, conhecendo assim a mulata que foi o instrumento para minha cura.

Barthel começou a falar sobre a sua situação familiar:

– Veja, desentendi-me com minha esposa por causa do nosso filho. Eu gostaria de deixá-lo aqui, pois ele não se adaptaria mais às condições européias. É certo que lhe ensinei um pouco a ler, escrever, calcular, bem como o essencial sobre geografia, etc.; isso seria o de menos, o pior é que ele namora uma jovem brasileira, e seu namoro é bastante sério para ser desfeito agora. Minha esposa é apegada demais ao rapaz e, de jeito nenhum, quer deixá-lo aqui. Ele próprio não deseja ir junto para a Alemanha e quer ficar para casar-se com sua noiva. Veja, senhor Kleine, sempre existe algo para que a felicidade não torne o homem arrogante.

– Eu sinto muito pelo senhor, respondeu meu pai, porém, sinto mais por sua esposa, que não superará a perda do seu único filho tão facilmente. O senhor já passou por situações estranhas, mas com certeza irá encontrar uma saída, a qual no momento não estamos conseguindo pensar.

"Queira Deus!", suspirou Barthel. E sentimos o quanto esse infortúnio o oprimia. Seria destino de imigrante?

Na manhã seguinte Barthel despediu-se calorosamente de todos, prometendo escrever de Erfurt.

- Um amigo a menos, falou meu pai tristemente.

- E existem poucas pessoas boas, acrescentou minha mãe.

Barthel deixou uma recordação para meus pais. Talvez o leitor adivinhe o que tenha sido...

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Burocracia & Governo

Colônia Blumenau – Lista dos proprietários de lotes - 1872

Ao editarmos a sessão ***BUROCRACIA & GOVERNO****, buscamos trazer para o conhecimento dos nossos leitores uma lista contendo a nominata dos moradores da Colônia Blumenau do ano de 1872.*

A intenção da publicação desta listagem que contém o número do lote, famílias, religião e localidade, se deve à constante busca de informações por parte dos pesquisadores de estudos genealógicos e famílias interessadas em ampliar os seus conhecimentos.

Ao Arquivo Histórico José Ferreira da Silva esta publicação representa uma forma de socializar os documentos originais existentes no seu acervo e ao mesmo tempo preservar uma frágil documentação extemporânea do constante manuseio dos interessados na temática.

As informações contidas neste documento, além da nominata, revelam a extensão territorial da Colônia Blumenau de 1872, cuja colonização já se estendia em direção ao "hinterland" do Vale do Itajaí,ultrapassando o vizinho município de Indaial, e localidade do Warnow.

Os imigrantes que chegavam eram encaminhados pela direção colonial tanto no sentido norte, como ao sul do Grande Itajaí.

Nesta mesma época o Governo Imperial, em reconhecimento aos serviços prestados pelo Dr. Blumenau, como também pelo seu guarda-livros, Hermann Wendeburg, conferiu a ambos a comenda da Ordem de Cristo. Segundo o censo estatístico, a Colônia Imperial Blumenau contava neste período com 6.406 pessoas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Lista dos proprietários de lotes na Colônia Blumenau em 1872

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
1ª. Povoação Blumenau	01.	Fernando Schrader	07
	02.	Henrique Probst	06
	03.	Guilherme Friedenreich	09
	04.	Victor Gaertner	07
	05.	Hermann Wendeburg	07
	06.	Dr. Hermann Blumenau	07
	07.	Fernando Ebert	05
	08.	Antonio Hartmann de Hartenthal	01
	09.	Julio Baumgarten	09
	10.	Gustavo Spierling	05
	11.	Carlos Meyer	04
	12.	Francisco Lungershausen	06
	13.	João Schreep	10
	14.	Casas de hospedagem	00
	15.	Dr. Guilherme Eberhard	04
	16.	Jorge Behnke	05
	17.	Armazém de sociedade de consumo	00
	18.	Clara Scheeffer	05
	19.	Sociedade dos Atiradores	00
	20.	Guilherme Roedel	07
	21.	Henrique Schultze	05
	22.	Eduardo Böttger	07
	23.	Carlos Säuberlich	04
	24.	Luis Sachtleben	12
	25.	Guilherme Siebert	09
	26.	Rudolpho Osvald Hesse	07
	27.	Victor de Gilsa	10
	28.	Friderico Hoffmann	02
	29.	Henrique Fricke	06
	30.	João Padaratz	03
	31.	Friderico Tiedt	09
	32.	Guilherme Tuschinsky	03
	33.	Emilio Odebrecht	09
	34.	Martin Krug	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	35.	Caspar Schacker	04
	36.	João Schack	03
	37.	Friderico Rüdiger	03
	38.	Friderico Seifert	06
	39.	Friderico Luders Junior	04
	40.	Friderico Radtke	07
	41.	Gottlob Ehnke	01
	42.	Henrique Michel	09
	43.	Mariana Schellenberg	04
	44.	Friderica Keiner viuva	03
	45.	Theodoro Kleine	07
	46.	Guilherme Koch	09
	47.	Christiana Romer viuva	02
	48.	Emilio Gropp	07
	49.	Friderico Lüders senior	05
	50.	Carolina Rosemann	03
	51.	Luiza Friedenreich	04
	52.	Benjamin Schenke	04
	53.	Carlos Tobias Rechsteiner	01
	54.	Viuva Hahn	00
	55.	Henrique Fröhner	04
	56.	Jacó Schmidt	04
	57.	Carlos Richter	00
	58.	Gotthelf Grahl	12
	59.	Friderico Jarchow	03
	60.	Godofredo Richter	05
	61.	Carlos Külps	03
	62.	Theophilo Gieseler	09
	63.	Henrique Schmidt	03
	64.	Friderico Schmidt	09
	65.	João Esemann	04
	66.	Claudio Buck	03
	67.	Apollonia de Buettner	05
	68.	Joanna Riediger viuva	02
	69.	Berta Strobel viuva	06
	70.	Dorothea Knoblauch viuva	04

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	71.	Rudolpho Doberstein	06
	72.	Guilherme van der Berg	03
	73.	Carlos Schneider	13
	74.	José Bugmann	04
	75.	Xaver Bugimann	03
	76.	Henriqueta Schlüter	07
	77.	Caspar Braun	05
	78.	Pedro Pauli	06
	79.	Francisco Baader	07
	80.	Augusto Richter	11
	81.	Eduardo Schadrack	08
	82.	João Breithaupt	13
	83.	Friderico Riemer	05
	84.	Carlos Hegel	04
	85.	Rinaldo Freigang	06
	86.	Augusto Gloeden	08
	87.	Mathilda Zimmermann viuva	04
	88.	Friderico Deeke	07
	89.	Guilherme Petters	09
	90.	Pedro Dyk	01
	91.	Luis Weise	05
	92.	Henrique Kroberger	04
1o. Ribeirão Fresco	93.	Carlos Höltgebaum	08
	94.	Friderico Koball	06
	95.	Carlos Bulow	01
	96.	Hermann Krepsky	04
	97.	Friderico Kloth	07
	98.	João Westphal	03
	99.	Christiano Dittrich	08
	100.	Paulo Budag	11
	101.	João Kreutzfeld	08
	102.	Theophilo Ritiger	07
1o. Ribeirão do Retiro	103.	João Baade	07
	104.	Gottlob Knoch	08
	105.	Christiano Möller	03
	106.	Augusto Hille	07

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	107.	Mauricio Holetz	11
	108.	Henrique Ohrt	05
	109.	Christiano Böhme	06
1a. Blumenau Belxior Itajahy margem direita	110.	João Wlock	06
	111.	Friderico Koch	10
	112.	Dr. Friderico Müller	10
	113.	Pedro Wagner	11
	114.	Pedro Lucas	10
	115.	Augusto Germer	06
	116.	Christiano Huscher	08
	117.	Joaquina de Oliveira viuva	05
	118.	Friderico Hahne	08
	119.	Augusto Hoppmann	08
	120.	Bernardo Scheidemantel	06
	121.	Carlos Müller	02
	122.	Bernado Klinger	02
	123.	Augusto Herbst	02
1a. Praia comprida Itajahy margem esquerda	124.	Jacó Jasper	03
	125.	Christiano Barth	08
	126.	Christiano Böhm Senior	04
	127.	Carlos Hering	07
	128.	Francisco Eger	06
	129.	Theophilo Metzner	05
	130.	Sebastião Threiss	10
	131.	Elisa Jasper viúva	01
	132.	Henrique Lucas	05
	133.	Francisco Antonio de Roxa	13
	134.	Henrique Voigt viúvo	01
	135.	Guilhermina Hohl viúva	01
	136.	Augusto Keuneke	09
		Total	**1471**
2. Casas de hospedagem	01.	Carlos Erdmann	03
	02.	Augusto Siebert	05
	03.	Friderico Borchart	02
	04.	Theophilo Piske	05
	05.	Othon Bachmann	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	06.	Eduardo Thierfelder	02
	07.	Christiano Friederich	05
	08.	Carlos Demmer	02
	09.	João Demmer	05
		Total 2	**32**
3o. Ribeirão do Garcia margem direita	01.	Theodoro Schräder	06
	02.	Henrique Köhler	08
	03.	Carlos Hadlich	10
	04.	Julio Klüger	08
	05.	João Bewiahn	08
	06.	D. Seiler	05
	07.	Guil. Schreiber	12
	08.	A. Erhardt, viúva	05
	09.	João Hadlich senior	06
	10.	G. Benz	05
	11.	Bern. Weck	08
	12.	João Lindner	06
	13.	Fr. Holetz	03
	14.	Fr. Matthiass	07
	15.	Chr. Frotscher	04
	16.	Alex. Bürger	09
	17.	João Grevsmühl	14
	18.	Henr. Seids	05
	19.	Henr. Koth	05
	20.	Fr. Holler	09
	21.	Otto Baer	03
	22.	Ger. Metzger	04
	23.	Jas. Grasser	05
	24.	Chr. Hertz	03
3o. Ribeirão Jordão	25.	C. Urban	06
	26.	Abr. Metzger	03
	27.	Henr. Vogel	04
	28.	Fabin Fath	03
	29.	Phill. Hoeringer	04
	30.	Jacob Wite	06
	31.	Gust. Brandes	10

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	32.	Trang. Sprung	06
	33.	João Laube	06
	34.	João Ferchow	01
		Total 3	**206**
4o. Ribeirão do Garcia margem direita	02.	I. Holler	04
	03.	M. Diem	06
	04.	Henr. Gräbner	04
	05.	Car. Hedler senior	07
	06.	X. Bugmann	06
	07.	José Pfiffer	07
	08.	X. Zimmermann	05
	09.	Johª. Greis Kreis	05
	10.	Fr. Stühber	07
	11.	João Gauche	10
4o. Ribeirão do Caethé	12.	Fern. Vogel	03
	13.	N. Schmidt	08
	14.	G. Könitzer	04
	15.	Carlos Kühne	06
4o. Ribeirão do Garcia margem esquerda	16.	Gottlob Schmidt	07
	17.	Nir. Neuport	05
	18.	Aug. Schmidt	06
	19.	C. Schwabe	07
	20.	Mair. Schatz, viuva	05
	21.	Th. Ruetz	02
	22.	Alois Bucher	07
	23.	Fr. Jahn	06
	24.	Henr. Weeckal	06
	25.	Louis Hedler	03
	26.	Aug. Sutter	06
	27.	Aug. Vogel	06
	28.	João Frank	04
	29.	Aug. Sandner	03
	30.	Ad. Schurt	04
	31.	Henr. Bichels	04
	32.	Thr. Müller	02
	33.	J. Jarchow	01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	34.	João Gebien	10
	35.	C. Schreiber	03
	36.	Gott. Hadlich	06
	37.	C. Lehmann	02
	38.	João Koth	05
	39.	Andr. Grassmann	08
	40.	Luiz Wehmuth	06
		Total 4	**208**
5. Estrada do Salto	01.	H. Rüdiger	06
	02.	Cr. Matheis	04
	03.	Th. Zwicher viúva	02
	04.	Alf. Beims	07
	05.	Henr. Hosang	08
	06.	J. Sametzki	02
	07.	Th. Baer	02
	08.	Henr. Sieberodt	03
	09.	José Stieg	02
	10.	H. Matthess	09
	11.	Car. Probst	06
	12.	João Schmitz	05
	13.	Guilh. Rischbieter	08
	14.	Carlos Stock	07
	15.	Em. Scheidemantel	07
	16.	Aug. Blomayer	07
	17.	Lud. Beyer	08
	18.	Henr. Gretschmer	05
	19.	C. Penider	04
	20.	Edn. Romer	09
	21.	Aug. Persuhn	05
	22.	Chr. Bauke	06
	23.	Aug. Thomsen, viuva	12
	24.	Henr. Clasen	12
	25.	Fr. Stein, viuva	13
	26.	J. Hinsching, viuva	04
	27.	C. Engicht	04
	28.	C. Peters	07

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	29.	Guil. Mertthrss	05
	30.	Fr. Schönau	09
	31.	Chr. Spernau	09
	32.	C. Vahldick	07
	33.	J. Hönnecke	04
	34.	L. Penz	05
	35.	O. Stutzer	09
	36.	João Hönneck	06
	37.	Fr. Metzner	08
	38.	Aug. Padaratz	03
	39.	Rud. Rödel	11
	40.	Osw. Zwicker	10
	41.	Max. Merck	04
	42.	Chr. Witthöft	07
	43.	Guil. Weise	02
	44.	Er. Weise	05
		Total	**278**
6. Estrada do Manso	01.	Henr. Kaestner	07
	02.	Aug. Mueller	10
6. Ribeirão Branco	03.	Jasper Kröger	03
	04.	C. Grosskreutz	05
	05.	Fr. Glau	04
	06.	João Ohf	14
	07.	Henr. Hardt	11
	08.	H. Strebe	04
	09.	Chr. Essig	04
	10.	Henr. Dettmer	04
	11.	João Petersen	05
	12.	Fr. Heinecke	03
	13.	Henr. Hadlich	08
	14.	Guil. Kühlewein	05
	15.	C. Grube	05
	16.	Fr. Richter	05
	17.	José Dörner	03
	18.	J. Paupitz	07
	19.	Abr. Meldola	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
6. Estrada do Encano	20.	Fr. Meyer	06
	21.	João Giesler	06
	22.	Hugo. Schulze	03
	23.	João Hostert	06
	24.	Henr. Strohkirch	03
	25.	João Kramer	06
	26.	C. L. Fröhner	03
	27.	Th. Loes	07
	28.	Fr. Henkels	06
	29.	C. Seide	08
	30.	Pdr. Theis	04
	31.	João Luchtenberg	06
	32.	Pdr. Tillmann	06
	33.	Th. Schmidt	05
	34.	João Tillmann	05
	35.	Henr. Weiss	04
	36.	G. Fröhlich	05
	37.	Fr. Mihe	02
	38.	J. Weiss	07
	39.	Abr. Baumhardt	08
	40.	C. Guil. Henkels	07
		Total 6	**226**
7. Ribeirão do Encano margem direita	01.	Aug. Rechenberg	04
	02.	C. Schmauch	04
	03.	G. Labes	06
	04.	C. Stein	08
	05.	João Döschar	08
	06.	C. Schenkel	04
	07.	Henr. Hunze	04
	08.	Eren. Duphöy, viuva	01
	09.	Guil. Michel	04
	10.	João Hackmann	06
	11.	Guil. Hackländer	03
	12.	Aug. Bratfisch	05
	13.	C. Gielow	08
	14.	Lui. Michel	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	15.	R. Eskelsen	06
	16.	J. Notebard	02
	17.	Guil. Kühn	06
	18.	Pedro Jark	04
	19.	Rob. Reinhold	05
	20.	A. Schröder	06
	21.	Guil. Kohlmann	05
	22.	Fr. Hackländer	01
	23.	João Wagner	04
	24.	Th. Hackländer	07
	25.	C. Preilipper	02
	26.	Fr. Koch	07
	27.	Em. Lewcrentz	04
	28.	João Locwen	04
	29.	Jacó Leber	06
	30.	Lev. Fuchs	06
	31.	Guil. Selbmann	02
	32.	Fr. Milbratz	07
	33.	Guil. Kopelke	05
	34.	Fr. Roesner	03
	35.	José Kostatzer	07
	36.	Guil. Kummerow	02
	37.	João Mohr	03
		Total 7	**175**
8. Ribeirão do Encano margem esquerda	01.	Fr. Lang.	03
	02.	Guil. Hahn	05
	03.	H. Röder	05
	04.	Henr. Ladekof	08
	05.	Fr. Braun	07
	06.	João Sarodnick	04
	07.	Henr. Stein	05
	08.	Fr. Kuenzer	04
	09.	Guil. Köpp	02
	10.	João Adam	03
	11.	Alb. Sauth	07
	12.	Fr. Morganroth	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	13.	Chr. Schneider	05
	14.	J. Vogt	02
	15.	Trgtt. Lindner	05
	16.	João Voss	06
	17.	C. Kretshmen	05
	18.	Fr. Arnold	05
	19.	B. Boddenberg	07
	20.	João Loes	07
	21.	C. Loes	03
	22.	Guil. Vogel	03
	23.	Goswin Zoz	05
	24.	P. Jasper	06
	25.	Henr. Reiter	04
	26.	C. Schimper	04
	27.	Paulo Zoz	06
	28.	V. Vogel	03
	29.	G. Bugmann	05
	30.	H. Vogel	05
	31.	Fr. Gutz	06
	32.	Aug. Gutz	07
	33.	A. Jung	06
	34.	G. Jeske	02
	35.	Fr. Franz	05
	36.	C. Wehrmeister	05
	37.	Ferd. Damaskr	04
	38.	Aug. Milbratz	07
	39.	Guil. Zilz	08
	40.	Aug. Rüstow	04
		Total 8	**198**
9o. Estrada para o Rio Benedito	01.	H. Heidom	06
	02.	Chr. Knust	04
	03.	André Moseberg	05
	04.	João Vogt, junior.	02
	05.	Rinkus. Halfmann	04
	06.	Jacó Fey	08
	07.	João Vogt, senior.	07

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	08.	Aug. Wulfes	08
	09.	F. Gramkow	08
	10.	Bern. Klaus	02
	11.	Henr. Freesé	04
	12.	Henr. Gronotte	03
	13.	P. Hartmann	08
	14.	Fr. Zibell	03
	15.	Guil. Henshell	08
	16.	J. Howe	06
	17.	André Erdmann	06
	18.	André Höltgebaum	06
	19.	Fr. Spernau	05
9o. Lugar da	20.	Alb. Schadrack	04
Indayal	21.	Fr. Nagel	03
	22.	Guil Schröder	10
	23.	D. Krambeck	02
	24.	Adolph. Bernack	05
	25.	R. Christen	07
	26.	João Bähler	05
	27.	Jorge Knoch	06
	28.	Henr. Mueller	05
	29.	Fr. Bush	07
	30.	Guil. Rossdeutscher	04
	31.	C. Erhert	03
	32.	Bazilio Correa dos Negreiros	08
	33.	Miguel de Souza da Silva	10
	34.	Manoel Salvador Henrique do Nascimento	07
	35.	Ch. Rauh	07
	36.	José Morowskÿ	04
	37.	João Rauch	07
	38.	C. Fiedler	03
	39.	Fr. Huhn	03
	40.	Henr. Fritz	03
	41.	Fr. Fritz	06
	42.	O. Pottrack	03
		Total 9	**225**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
10o. Estrada para o Ribeirão do Warnow	01.	Zeferino Floriano da Silva	09
	02.	G. Frech	04
	03.	Isidoro Antonio Pereira	13
	04.	Felisiano José Fagundes	06
	05.	Jacinto Raimundo da Silva	06
	06.	José Kötterlin	03
	07.	Antonio Dias de Moura	03
	08.	A. Weingärtner	03
	09.	Leo Krieck	07
	10.	Henr. Harnisch	06
	11.	C. Zisemer	07
10º. Estrada entre Warnow	12.	H. Plaster	06
	13.	Bruno Hocheim	03
	14.	Mauricio Hartwig	02
	15.	Fr. Fröhlich	04
	16.	Fr. Reinhold	04
	17.	C. Becker	04
	18.	Guil. Schiffter	11
	19.	C. Seifert	06
10º. Ribeirão da Ilse	20.	Augusto Gärner	05
	21.	André Hersing	06
	22.	Aug. Kurth, senior.	05
	23.	Dor. Krueger, viúva.	05
	24.	Guil. Wietfeldt	03
	25.	Fr. Witt	03
	26.	Augusto Kurth, junior.	04
	27.	E. Zibell	05
	28.	Fernando Zibell	05
	29.	R. Krause	05
		Total 10	**153**
11o. Ribeirão do Warnow margem direita	01.	Ricardo Vogt	08
	02.	C. Rosemann	03
	03.	João Kühl	08
	04.	João Möller	02
	05.	Alb. Fiedler	04
	06.	Guil Fiedler	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	07.	C. Arndt	07
	08.	Fr. Fiedler	02
	09.	C. Kurth	05
	10.	M. Waterstraut	04
	11.	Alb. Beeskow	06
	12.	Fr. Imm	03
	13.	João Block	02
	14.	G. Buse	03
	15.	João Klemz	04
	16.	Lud. Jenrich	05
	17.	C. Haut	05
	18.	João Baumann	04
	19.	Henr. Clemz	07
	20.	Fr. Haut	06
Ribeirão do Warnow margem esquerda	21.	Fr. Feustel	07
	22.	Henr. Krüger	03
	23.	G. Nebel	04
	24.	J. Piske	04
	25.	C. Schulz	07
	26.	C. Witt	05
	27.	Fer. Lawien	05
	28.	Fr. Voigt	03
	29.	João Reimer	04
	30.	Chr. Gollnow	03
	31.	João Schuhmacher	02
	32.	Chr. Schröder	02
	33.	C. Baumann	06
	34.	Aug. Fischer	05
	35.	João Klein	06
	36.	Aug. Block	06
	37.	C. Nörenberg	03
	38.	C. Hahnke	05
	39.	Fr. Kath	03
		Total 11	**174**
12o. Caminho entre os 12	01.	Conr. Mette	07
	02.	Ad. Müller	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
ribeirões da	03.	C. Pahl	06
Ilse e Neisse	04.	C. Neumärk	06
	05.	H. Stahnke	06
	06.	Fr. Giell	04
	07.	José Gopfrich	01
	08.	Theophilo Naatz	05
	09.	José Jacinto da Silva	13
	10.	W. Teske	03
	11.	C. Abraham	04
	12.	Fr. Bunde	05
	13.	Aug. Hass	06
	14.	Henr. Guse	10
	15.	C. Buchholz	06
	16.	Guilhermina Liermann, viúva.	05
	17.	C. Krüger	10
	18.	Au. Stahnke	06
	19.	C. Reblin	05
	20.	P. Gröning, viuva.	05
	21.	Guil. Streÿ	05
	22.	Chr. Teske	03
	23.	Aug. Schwarzrock	03
	24.	Guilhermina Piske, viuva.	06
	25.	Fern. Strey	07
	26.	Theoph. Graupner	06
	27.	Au. Otte	02
	28.	Guilh. Reblin	01
	29.	Guilh. Wagner	04
		Total 12	**155**
Fortaleza 13a.	01.	Fr. Faust	06
	02.	L. Tieme	06
	03.	Henr. Lüders, junior.	04
	04.	Henr. Lüders, senior.	06
	05.	Fer. Starke	06
	06.	Henr. Meier	06
	07.	C. Kluge	03
	08.	Fr. Koegler	09

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	09.	A. Haerthel	09
	10.	Chr. Schoenfelder	07
13°. Itoupava Norte	11.	J. Scheidemantel	06
	12.	Lui. Wagner	03
	13.	Fr. Koch	02
	14.	C. Mueller	06
	15.	Johanna Leisenberg, viuva.	05
	16.	P. Herbst	07
	17.	Guilh. Voigtländer	06
	18.	Benno Paraski	08
	19.	C. Egebrecht	02
	20.	G. Hutke	02
	21.	Er. Kroer	02
	22.	João Lucht	04
13o. Salto do Norte	23.	Guilh^{me}. Soeliger	04
	24.	Chr. Beck	08
	25.	Aug. Kirsten	05
	26.	E. Köchy	01
	27.	Erdmann Kaestner	06
	28.	H. Sperber	05
	29.	Guilh. Beck	05
	30.	Henr. Rischbieter	06
	31.	D. Anlauff	06
	32.	G. Meuche	06
	33.	C. Ratke	03
	34.	Henr. Mezner	06
	35.	Henr. Passhold	05
	36.	Maria Mihe, viuva.	06
13°. Lugar de Badenfurt	37.	Fr. Hoffmann	05
	38.	Aug. Mögel	07
	39.	A. Marx	10
	40.	Chr. Reif	08
	41.	P. Götzinger	01
	42.	Henr. Kraemer	04
	43.	G. Pietsch	03
	44.	Henr. Fischer	04

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	45.	Fr. Lunge	04
	46.	Friderico de Lösecke	01
		Total 13	**228**
14o. Ribeirão Itoupava margem esquerda	01.	G. Jünge	08
	02.	João Pedro Dias de Moura	10
	03.	L. Bormann	06
	04.	C. Sasse	13
	05.	L. Pragst	04
	06.	João Michels	02
	07.	H. Jurk	06
	08.	J. Morthorst	05
	09.	A. Höbbel	05
	10.	Fr. Hinkeldey	07
	11.	C. Hinkeldey	05
	12.	G. Dreher	06
	13.	Guilh. Möbius	03
	14.	Henr. Bosse	05
	15.	B. Otto	04
	16.	João Rutzen	08
	17.	Er. Feldmann	03
	18.	Chr. Setter	04
	19.	Fr. Krutsch	03
	20.	R. Krutsch	04
	21.	Guilh. Steinbach	04
	22.	E. Liesenberg	03
	23.	Guilh. Rückert	04
	24.	Th. Günther	06
	25.	G. Hensel	01
	26.	Guilh. Starke	02
	27.	L. Otto	04
	28.	N. Grevsen	05
	29.	Fr. Wachholz	07
	30.	L. Zülow	05
	31.	M. Bremer	06
	32.	Aug. Zibell	04
	33.	B. Rohdes	08

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	34.	Fr. Sellhorst	08
	35.	José Baumgarten	04
		Total 14	**182**
15. Ribeirão da Itoupava margem direita	01.	Aug. Reif	05
	02.	Lor. Krambeck	07
	03.	D. Krambeck	07
	04.	André Krambeck	03
	05.	C. Henschel	08
	06.	D. Schröder	02
	07.	G. Bichels	01
	08.	G. Henschel	08
	09.	J. Jenichen, viuva.	04
	10.	Henr. Pasold	09
	11.	Th. Kinze	03
	12.	Chr. Peschke	04
	13.	M. Wulf	08
	14.	C. Volles	04
	15.	Nicolau Jensen	09
	16.	Henr. Kay	04
	17.	Jens Jensen	03
	18.	M. Krille	05
	19.	Ph. Volles	04
	20.	João Rower	03
	21.	André Jordan	05
	22.	Ph. Oberthür	05
	23.	Fr. Goldacker	07
	24.	V. Blasius	05
	25.	G. Bausch	03
	26.	Jacó Oshlmann	03
	27.	Guilh. Dressel	08
	28.	João Vogt	03
	29.	Fr. Orckler	05
	30.	Aug. Zülow	04
	31.	Fr. Feldmann	08
	32.	H. Schauffert	04
	33.	Andre Röhrigs m. esq.	14

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	34.	A. Hessling	12
	35.	Guilh. Bornhold	04
	36.	Th. Rueckert	07
	37.	P. van den Baylawerdt, viuva.	06
	38.	Chr. Wulf	06
	39.	Guilh. Riese	03
	40.	Fer. Ziebell	02
	41.	Aug. Pohl	01
		Total 15	**216**
16o. Itoupava-zinha	01.	Guilh. Mohr	04
	02.	José Hefrich	05
	03.	João Pries	08
	04.	João Kath	09
	05.	H. Geier	07
	06.	O. Schmidt	05
	07.	H. Bähr	08
	08.	Chr. Schmelzer	06
	09.	M. Petersen, viúva.	06
	10.	N. Theissen	05
	11.	Hans Hass, senior.	03
	12.	Guilh. Alsleben	04
	13.	Chr. Hass, junior.	03
	14.	José Wirth	05
	15.	C. Schmidt	05
	16.	P. Bansen	02
	17.	A. Ewald	06
	18.	L. Weisshaupt	08
	19.	Chr. Besen	07
	20.	Aug. Fiedler	05
	21.	André Baader	05
	22.	João Knoch	13
	23.	Chr. Holler	06
	24.	J. Litzenberger	11
	25.	G. G. Jung	07
	26.	João Vinandy	04
	27.	Ph. Lanser	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	28.	Gottfr. Baumann	05
	29.	G. Borger	03
	30.	Guilh. Bauler	04
	31.	Fr. Laursen	06
		Total 16	**180**
17o. Tatutyba	01.	Alb. Velwock	07
	02.	H. Carl	08
	03.	Fr. Carl	04
	04.	João Dumke	05
	05.	C. Hackbart	04
	06.	C. Wruck	03
	07.	L. Hardt	08
	08.	Guilh. Conrad	03
	09.	Fern. Bublitz	03
	10.	João Maske	08
	11.	Fr. Goll	05
	12.	Gottf. Tribess	08
	13.	Lu. Peylow	03
	14.	Guilh. Kasulke	05
	15.	G. Manske	05
	16.	Guilh. Fritzke	05
	17.	Lu. Nörenberg	06
	18.	Fr. Manke	06
	19.	C. Flemming	05
	20.	Guilh. Dahlke	03
	21.	H. Kreitlow	04
	22.	Guilh. Franz	02
	23.	Guilh. Manke	05
	24.	C. Schwanke	05
	25.	L. Krause	05
	26.	J. Voelz	03
	27.	Alb. Koball	05
	28.	Fr. Pollnow	05
	29.	C. Vogt	10
	30.	Fr. Manske	04
	31.	Guilh. Kurghals	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	32.	Aug. Dahlke	04
	33.	Fr. Heidrich	07
	34.	Carlos Quentien	07
		Total 17	**176**
18º. Rio do Testo margem esquerda	01.	Henr. Hoffmann	04
	02.	João Riedinger	02
	03.	Henr. Riegel	02
	04.	J. Koser	06
	05.	André Koser	06
	06.	Dan. Krez	08
	07.	Alb. Kraemer	03
	08.	Fr. Karsten	02
	09.	Anna Mueller	04
	10.	N. Harbs	07
	11.	João Vogel	03
	12.	Paulo Stahl	05
	13.	Aug. Bader	04
	14.	Fr. Bruns	06
	15.	V. Nuss	06
	16.	João Ottmann	02
	17.	C. Severinn, viuva.	04
	18.	D. Westphalen	05
	19.	D. Krambeck	06
	20.	Henr. Buhr	04
	21.	Fr. Förtig	03
	22.	Fr. Bähr	03
	23.	Claus Rower	05
	24.	C. Zwang	07
	25.	João Phillipps	03
	26.	L. Hadlich	02
	27.	Chr. Löhele, viuva.	06
	28.	P. Hartmann	03
	29.	P. Kiemen	06
	30.	Fr. Karsten	07
	31.	Henr. K. Rüdiger	07
		Total 18	**141**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
19º. Rio do Testo margem esquerda	01.	Maria Krüger	04
	02.	Frederic Hafenstein	04
	03.	Aug. Hachtel	05
	04.	G. Steinert	05
	05.	Ern. Wegner	06
	06.	João Steinert	04
	07.	Fr. Hartmann	07
	08.	Henr. Kühl	03
	09.	Fr. Klitzke	02
	10.	João Ottmann	05
	11.	G. Enke	06
	12.	Julius Lach	05
	13.	Aug. Krueger	06
	14.	Fr. Arndt	05
	15.	C. Glatz	10
	16.	Aug. Volkmann	09
	17.	Ludwig Lach	02
	18.	Aug. Berner	06
	19.	C. Sievert	06
	20.	C. Gust	04
	21.	Ferd. Hackbarth	13
	22.	G. Gnewruch	04
	23.	C. Gueths	04
	24.	Fr. Hoge	06
	25.	João Maass	04
	26.	Fr. Reinke	08
	27.	C. Ramthun	06
	28.	Fr. Hein	07
	29.	Guilh. Radünz	07
		Total 19	**163**
20o. Rio do Testo margem esquerda	01.	G. Grützmacher	05
	02.	Aug. Hornburg	05
	03.	João Gneewruch	05
	04.	Guilh. Reinecke	06
	05.	Fr. Görl	05
	06.	Aug. Spordemann	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	07.	Guilh. Utpadel	07
	08.	Fr. Strelow	05
	09.	Fr. Butzke	04
	10.	M. Kath, viuva.	06
	11.	Guilh. Gruetzmacher	03
	12.	Fr. Greuel	09
	13.	Guilh. Horney	03
	14.	H. Arendt	05
	15.	C. Maass	04
	16.	Fr. Bosse	06
	17.	G. Schaldach	06
	18.	Guilhermina Steinert, viuva.	05
	19.	L. Zeplin	05
	20.	Aug. Friese	05
	21.	C. Lindemann	07
	22.	H. Ehmke	06
	23.	Henrique Zastrow	05
	24.	Carlos Riebe	04
	25.	Guilh. Riemer	05
	26.	G. Lach	03
	27.	Fr. Jandrei	06
	28.	Friderico Kleemann	09
		Total 20	**149**
21o. Rio do Testo margem esquerda	01.	Fr. Ramthun	07
	02.	C. Hornburg	03
	03.	C. Zastrow	05
	04.	Henr. Hoppe	04
	05.	Fr. Achterberg	03
	06.	Fr. Hornburg	09
	07.	Fr. Gustmann	06
	08.	Guilh. Gustmann	05
	09.	C. Siebert	10
	10.	Guilh. Lemke	04
	11.	Fr. Schumann	03
	12.	Guilh. Holz	04
	13.	H. Nienow	04

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	14.	Aug. Nagel	07
	15.	Guilh. Winkler	05
	16.	Alb. Gaulke	04
	17.	Fr. Radtke	03
	18.	H. Ziemer	03
21o. Rio do Testo margem direita	19.	C. Lemke	04
	20.	G. Kray	06
	21.	Aug. Lach	04
	22.	Fer. Malon	04
	23.	C. Döge	06
	24.	Guilh. Peter	05
	25.	Guilh. Ziemer	04
	26.	Guilh. Frettin	08
	27.	Alb. Krueger	05
	28.	Fr. Schade	05
	29.	Guilh. Prahl	09
	30.	C. Krueger	02
	31.	João Schümann (Böhme)	05
	32.	C. Ramlow	03
	33.	Alb. Wacholtz	04
	34.	Guilh. Krueger	07
	35.	Guilh. Borchardt	12
		Total 21	282
22o. Rio do Testo margem direita	01.	Guilh. Krahn	05
	02.	L. Dahlmann	03
	03.	João Kickhöfel	06
	04.	C. Giese	04
	05.	C. Utech	05
	06.	Er. Schwarz	04
	07.	H. Behling	04
	08.	João Tratschel	03
	09.	G. Dallmann	05
	10.	Gust. Dallmann	03
	11.	Aug. Konell	07
	12.	H. Konell	03
	13.	C. Selke	03

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	14.	C. Ziebell	06
	15.	Fr. Fischer	04
	16.	Fr. Wendorff	07
	17.	Fr. Weege	05
	18.	G. Meyring	08
	19.	Fr. Beilke	03
	20.	João Strelow (Haveroth)	02
	21.	G. Nunendorf	02
	22.	H. Enkeroth	04
	23.	M. Hemkemeier	07
	24.	H. Thiess	07
	25.	C. Hoffmann	06
	26.	Guilh. Thiess	05
	27.	B. Heerdt	06
	28.	C. Malü	06
	29.	Henr. Geisler	03
	30.	Fr. Hasse	10
	31.	Guilh. Volkmann	09
	32.	Jörgen Sievers	03
	33.	Chr. Karsten	06
	34.	Henr. Wehrmeister	04
		Total 22	**168**
23o. Rio do Testo margem direita	01.	C. Wacholz	07
	02.	C. Draeger	06
	03.	Fr. Pumpluhn	05
	04.	L. Freichel	04
	05.	Fr. Ruse	01
	06.	Guilh. Rusch	07
	07.	Guilh. Lümke	04
	08.	H. Marquardt	08
	09.	C. Borchardt	09
	10.	Fr. Buse	09
	11.	João Kröger	05
	12.	Guilh. Kock	07
	13.	C. Fischer	07
	14.	C. Koch	09

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	15.	M. Wirth	09
	16.	M. Engel, viúva.	03
	17.	N. Brückheimer	04
	18.	C. Nielsen	09
	19.	Aug. Hafenstein	03
	20.	C. Weege	09
	21.	Ferd. Lübke	06
	22.	P. Michels	04
	23.	M. Kienen	03
	24.	Chr. Borchardt	06
	25.	Fr. Schuetz	03
	26.	C. Schmidt	05
	27.	Hilarius Gievens	03
	28.	H. Hadlich	03
		Total 23	**158**
24o. Rio do Testo margem direita	01.	João Karsten	07
	02.	João Bruch	09
	03.	Henr. Weis	03
	04.	João Krepski	04
	05.	C. Geier	03
	06.	João Schalter	05
	07.	João Schoeninger	06
	08.	L. Keltelsen	01
	09.	João Laars	03
	10.	João Harbs	05
	11.	Chr. Rower	03
	12.	João Kuhlmann	07
	13.	C. Jansen	07
	14.	Adolfo Krug	01
	15.	Lorenzo Bruchmueller	04
	16.	Guilh. Peters	02
	17.	C. Georg	06
	18.	Fer. Bennertz	05
	19.	Ph. Hausmann	10
	20.	B. Hesse	04
	21.	C. Schubert	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	22.	Fer. Schuhmacher	06
	23.	C. Padratz	03
24º. Ribeirão	24.	H. Offe	05
do Schalter	25.	Guilh. Scheel	05
	26.	M. Weis	07
	27.	Guilh. Steinbrink	05
	28.	Henr. Weis	02
	29.	J. Wagenknecht, viuva.	07
	30.	H. Reese	03
	31.	N. Stammerjohann	07
	32.	N. Weis	03
	33.	H. Lohse	07
	34.	J. Urban	07
		Total 24	**168**

I Recapitulação dos distritos No. 1 até inclusive No. 24

Distrito 1			771
Distrito 2			32
Distrito 3			206
Distrito 4			208
Distrito 5			278
Distrito 6			226
Distrito 7			175
Distrito 8			198
Distrito 9			225
Distrito 10			153
Distrito 11			174
Distrito 12			234
Distrito 13			228
Distrito 14			182
Distrito 15			216
Distrito 16			180
Distrito 17			176
Distrito 18			141
Distrito 19			163
Distrito 20			149

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Distrito 21			282
Distrito 22			168
Distrito 23			158
Distrito 24			168
		Total I	**5.012**

Districto ou localidade	**N°**	**Nome do habitante**	**Número de pessoas**
25°. Estrada do Passo Manso até o Ribeirão da Mulda	01.	Car. Bachmann	09
	02.	Gui. Meffert	04
	03.	Vicensi Schnitzler	04
	04.	José Dörner	08
	05.	Joanna, viuva Kluge.	05
	06.	Valentin Link	04
	07.	Jorge Fries	05
	08.	Guilherme Blaese	08
	09.	Henriqueta viuva, Matthias.	06
	10.	Theophilo Junge	06
	11.	Francisco Tillmann	09
	12.	Eduardo Prochnow	04
	13.	Carlos Weiske	02
	14.	Hermann Hönig	03
	15.	Augusto Sohn	08
	16.	Friderica, viuva Pieritz (Prochnow).	02
	17.	Carlos Lessig	03
	18.	João Pofahl	03
	19.	Roberto Rothbart	03
	20.	Augusto Busch	08
	21.	Augusto Vogel	06
	22.	Henrique Prüsse	03
	23.	Carlos Baumgärtd	07
	24.	Patricio Correa de Negreiros	04
	25.	Patricio José de Alcante	07
	26.	Marcellino Henrique de Nacimento	09
	27.	Augusto Duve	06
	28.	Guilherme Duve	05
	29.	André Theilacker	09

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	30.	Carlos Sharz	05
	31.	Augusto Westphal	06
	32.	Fernando Kühl	03
	33.	Guilherme Priester	03
	34.	Christiano Kopsch senior	07
	35.	Ernesto Kopsch junior	02
	36.	Margarita viuva Priester	03
	37.	Friderico Maass	06
	38.	Guilherme Maass	06
	39.	Francisco Rüth	03
	40.	Christiano Belm	03
	41.	Carlos Knoppe	07
	42.	Fernando Jacobsen	07
	43.	João Correa	07
	44.	Isidoro Patricio Correa *(intruso)*	08
	45.	Fernando Braatz *(intruso)*	05
		Total 25	**241**
26º. Ribeirão do Kellermann	01.	Guilherme Nass	06
	02.	Carlos Krüger	03
	03.	Jorge Barg	07
	04.	Carlos Freese	06
	05.	Pedro Schramm	02
	07.	Godofredo Sievers	04
	08.	Catharina Suhr	04
		Total 26	**32**
27º. Valle do Ribeirão da Mulda margem esquerda	01.	Friderico Jansen	06
	02.	Carlos Reckelberg	06
	03.	Nicolau Maul	06
	04.	Francisco Schmechel	04
	05.	Carlos Kohls	05
	06.	Christiano Henning	05
	07.	Eduardo Hafemann	08
	08.	Augusto Hafemann	06
	09.	Friderico Kriesser	08
	10.	Joanna Abel, viuva.	05
	11.	Theophilo Gellert	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	12.	Martim Hobus	04
	13.	Gottlob Weise	09
	14.	Henrique Kickhöfel	03
	15.	Christtiana Manger, viuva.	02
	16.	Guilherme Hannig	04
	17.	Guilherme Gross	02
	18.	Julio Gross	04
	19.	Augusto Oestreich	07
	20.	Carlos Strassburger	06
	21.	Friderico Grimm	06
	22.	Guilherme Mühlstädt	06
	23.	Friderico Bärisch	04
		Total 27	**122**
28o. Valle do Ribeirão da Mulda margem direita	01.	Luiz Knoppe	02
	02.	Ernesto Naumann	01
	03.	Henrique Puff	05
	04.	João Wichmann	04
	05.	João Severino	01
	06.	Detlef Westphahl	01
	07.	João Westphahl	03
	08.	Adolpho Clar	05
	09.	Carlos Hafemann	06
	10.	Friderico Will	06
	11.	Theophilo Berghold	05
	12.	Rudolpho Kellermann	07
	13.	João Wendt	02
	14.	Friderico Keilhack	02
	15.	Godofredo Gessner	05
	16.	Bernado Gessner	03
	17.	Ernesto Piritz	04
	18.	Carlos Gross	02
	19.	Luiz Schubert	03
	20.	Antonio Reichel	04
	21.	Friderico Carls (Becker)	03
	22.	Carlos Andrae (Zemke)	01
	23.	Henrique Zemke (Züls)	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	24.	Carlos Zils (Gessner)	05
	25.	Carlos Hergert	07
	26.	Augusto Wetzel	07
		Total 28	**99**
29o. Lugar de Carijós	01.	Guilherme Justmann	07
	02.	Christiano Gebhardt	04
	03.	Henrique Sievert	03
	04.	Carolina Bähr, viuva.	03
	05.	Carlos Krambeck	06
	06.	Sidonia Rödel, viuva.	06
	07.	Augusto Schleicher	04
	08.	Othon Kowalky	03
	09.	Augusto Feustel	02
	10.	Carlos Blaese	05
	11.	Carlos Dumke	04
	12.	Augusto Dumke	03
	13.	Friderico Krause	05
	14.	Julio Maass	06
	15.	Augusto Maass	06
	16.	Guilherme Marquard	07
	17.	Ernesto Panten	06
	18.	Guilherme Wagner	07
	19.	Henrique Lafran	05
	20.	Guilherme Kamholz	04
	21.	Ludwig Stieber	03
	22.	Augusto Steuck	08
	23.	Alberto Köpsel	09
	24.	Ludwig Röpke	06
	25.	Friderico Mäbs	03
	26.	Augusto Sihulz	04
	27.	Friderico Leitzke	02
	28.	Augusto Duve	05
	29.	Friderico Duve	04
	30.	João Duve	03
	31.	João Neitzel	04
	32.	Hermann Berndt	01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	33.	Friderico Strelow	05
	34.	Carlos Pinske	04
	35.	Augusto Ziebell	03
	36.	Augusto Viebranz	05
	37.	Carlos Leitzke	04
	38.	Henrique Klug	05
	39.	Christiano Decker	06
	40.	Lina Hempe, viuva.	04
		Total 29	**183**
30º. Rio Beneditto margem direita	01.	Bendix Kühl	03
	02.	Friderico Krambeck	06
	03.	Ludwig Hostert	07
	04.	Christiano Voss	06
	05.	João Peters	06
	06.	Thassilo Leber	06
	07.	Guilherme Hafemann	07
	08.	Theophilo Lange	07
	09.	Fernando Radloff	05
	10.	Friderico Kühl	05
	11.	Augusto Böning	07
	12.	Guilherme Bremer	05
	13.	Friderico Höltgebaum	05
	14.	Theophilo Schlei	06
	15.	Guilherme Borchert	03
	16.	Guilherme Brandenburg	03
	17.	Augusto Grübert	02
	18.	Guilherme Ulrich	04
	19.	Friderico Mantei	04
	20.	Augusto Ewald	04
	21.	João Reguse	04
	22.	Guilherme Stühlert	04
	23.	João Dumke	04
	24.	Augusto Ewald	05
	25.	Friderico Michelsohn	06
	26.	Augusto Schuster	07
	27.	Augusto Eickenberg	06

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	28.	Theophilo Timm	04
	29.	Fernando Zamzo	03
	30.	Augusto Venske	04
	31.	Friderico Sauer	04
	32.	Theophilo Röbke	03
	33.	Fernando Kohls	04
	34.	Augusto Jandt	05
	35.	Carlos Müller	05
	36.	Miguel Krüger	03
	37.	Guilherme Krüger	05
	38.	Henrique Manske	07
	39.	Friderico Priebe	03
	40.	Henrique Zickuhr	05
	41.	Carlos Janke	10
	42.	Henrique Janke	02
	43.	Guilherme Ittner	05
	44.	Henrique Blödorn	05
		Total 30	**217**
31o. Rio Beneditto margem esquerda	01.	Carlos Manske	03
	02.	Fernando Zumach	07
	03.	João Frebes	04
	04.	Augusto Krüger	03
	05.	Guilherme Samp	01
	06.	Friderico Samp	03
31º. Rio dos Cedros margem direita	07.	Friderico Donner	04
	08.	Augusto Hammermeister	05
	09.	Christlieb Adam	03
	10.	Friderico Adam	03
	11.	João Adam	02
	12.	João Ittner	04
	13.	Alberto Strey	02
	14.	João Kochlin	04
	15.	Carlos Bertram	05
	16.	João Wallow	04
	17.	Alberto Koffke	04
	18.	Augusto Klitzke	01

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	19.	Carlos Klitzke	03
31º. Rio dos Cedros margem esquerda	20.	Christovão Kissner	08
	21.	Carlos Tesch	03
	22.	Augusto Starke	05
	23.	Godofredo Nornberg	05
	24.	Carlos Milbratz	04
	25.	Augusto Jahn	06
	26.	Friderico Klug	06
	27.	João Klug	02
	28.	Guilherme Klug	02
	29.	Carlos Klug	06
	30.	Guilherme Klitzke	02
	31.	João Klitzke	07
	32.	Guilherme Gaulke	05
	33.	Friderico Kanneberg	04
	34.	Guilherme Butzke	04
	35.	Friderico Kleinschmidt	04
	36.	Guilherme Raasch	03
	37.	Carlos Raasch	04
	38.	Friderico Kleinschmidt	03
	39.	Friderico Klitzke	05
	40.	Carlos Klitzke *(intruso)*	03
	41.	Hermann Brandt *(intruso)*	05
	42.	Carlos Arndt *(intruso)*	04
		Total 31	**164**
32º. Caminho o Rio Beneditto e o ribeirão de São Paulo	01.	Lorenzo Schneider	03
	02.	Florentino José de Andrade Leite (João Scheider) *(intruso)*	08
	03.	Damásio Pereira da Rocha (Boaventura José Pereira) *(intruso)*	06
	04.	José Luciano Silveira *(intruso)*	08
	05.	Julião Florenço da Vega (Guilherme Florenço da Vega)	03
	06.	Matther de Souza da Silva	07
	07.	Hilário Machado da Vega	08
	08.	Francisco Nicolete Vieira	02

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	09.	Domingo Sabino de Souza (João Antonio dos Santos) *(intruso)*	04
	10.	Antonio Ignácio de Mendonça *(intruso)*	02
	11.	Manoel Antonio dos Santos	08
	12.	Caetano Manoel Ignácio (Martinho Antonio dos Santos) *(intruso)*	06
	13.	Antonio Adriano de Oliveira Ramos *(intruso)*	03
	14.	Adriano de Oliveira Ramos	11
	15.	Horacio Patrício Correa de Negreiros (Luis Francisco de Souza) *(intruso)*	03
	16.	Augustino Patrício Correa de Negreiros *(intruso)*	04
	17.	Pedro Patrício Correa de Negreiros *(intruso)*	04
	18.	José Francisco Pereira *(intruso)*	04
	19.	Manoel Antonio Machado (Antonio Manoel Machado)	05
	20.	Antonio Machado *(intruso)*	05
	21.	Patrício Correa de Negreiros	04
	22.	Antonio Patrício Correa de Negreiros (José Cardoso de Vieira) *(intruso)*	04
	23.	Manoel Patrício Correa de Negreiros *(intruso)*	03
	24.	José Francisco Anicleto *(intruso)*	03
	25.	Manoel Antonio dos Santos (Manoel dos Santos)	03
	26.	Thomasio Machado de Marciel	10
	27.	José Thomas Machado	04
	28.	Pedro Thomas Machado	02
	29.	José Antonio dos Santos (Antonio dos Santos)	05
	30.	Joaquim Ferreira de Mello	05
	31.	Manoel Florindo da Silva *(intruso)*	04
	32.	Joaquim Simão	01
	33.	Matthias Knopf	05

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	34.	João Baptista Nering	06
	35.	Claudino Antonio Martins (José Simon) *(intruso)*	09
	36.	Antonio José da Silva	11
	37.	Isidoro Manoel dos Anjos (Isidoro Manoel da Vieira)	04
	38.	João Pereira Machado	06
	39.	Laurindo Pereira Machado *(intruso)*	02
	40.	José Pereira Machado (Manoel Pereira Machado)	05
	41.	Cardinha Rosa de Jesus *(intruso)*	05
	42.	Manoel Pereira Machado (José Pereira Machado)	02
	43.	José Felizbino da Barcellos *(intruso)*	08
	44.	Manuel José Pereira	01
	45.	José Antonio Pereira	05
	46.	João Antonio Vieira *(intruso)*	05
	47.	Luis Silvano *(intruso)*	03
	48.	Antonio José Vieira Chave *(intruso)*	04
	49.	Francisco Antonio de Ramos (Francisco Antonio Vieira de Ramos)	01
	50.	Manoel Jacinto Raimundo	07
	51.	José Jacinto da Silva (José Marcellino da Silva)	05
	52.	Jeremias Dias de Arzão	03
	53.	Manoel José Rodrigues	03
	54.	Joaquim Hamester	03
	55.	Chricencio Paulo de Lima (Chrisostomo Paulo dos Santos)	02
	56.	Mathias Franz	06
	57.	Cornelius Göpfrich	06
	58.	Dionysio Henrique de Nascimento	02
	59.	João Luiz da Silva (José Antonio Vieira)	04
	60.	Joaquim Floriano (João Luciano Vieira)	10
	61.	Hibia Joaquina da Conceição, viúva (Rosa da Conceição).	02

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Districto ou localidade	Nº	Nome do habitante	Número de pessoas
	62.	Manoel João da Silva (Manoel Joaquim da Silva)	07
	63.	Francisco José da Silva	04
	64.	José Joaquim da Silva Senior (Junior)	08
	65.	José Joaquim da Silva Junior (senior)	04
	66.	Christovão Cesário Martins	10
	67.	José Abellino da Silva *(intruso)*	06
	68.	João Jacinto Andrea (Francisco Antonio de Souza)	03
	69.	Antonio Francisco de Souza	04
	70.	Francisco Antonio de Souza (João Jacinto Andrea)	04
		Total 32	**336**

II Recapitulação dos distritos No. 25 até inclusive No. 32

Distrito 25			241
Distrito 26			32
Distrito 27			122
Distrito 28			99
Distrito 29			183
Distrito 30			217
Distrito 31			164
Distrito 32			336
Total II			**1.394**
Total I dos distritos No. 1 até No. 24			5.012
Total II dos distritos No. 25 até No. 32			1.394
SOMA TOTAL			**6.406**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fragmentos de nossa história local

- Estrada de Ferro de Santa Catarina I
- Estrada de Ferro de Santa Catarina II
- Prolongamento da EFSC

A capa do bimestre Março/Abril da Revista Blumenau em Cadernos nos traz à memória um ícone do progresso na área do transporte no Brasil e Blumenau no início do século XX.

A implantação da Estrada de Ferro Santa Catarina, com maquinário e capital vindos da Alemanha para a região do Vale do Itajaí, foi um projeto que mostrou-se eficiente e oportuno para a colonização do Alto Vale.

A construção, iniciada em 2 de dezembro de 1906, inaugurou o primeiro trecho Blumenau-Warnow em 3 de maio de 1909. Esta via férrea constituiu-se não apenas um veículo para o transporte de produtos produzidos nos núcleos coloniais, como também contribuiu para o surgimento de novas frentes de povoamento ao longo da ferrovia.

Com a declaração da I Guerra Mundial a ferrovia passou para as mãos de uma comissão militar, sob o comando do Major Dr. Oscar Barcelos. Em certos segmentos da população local formou-se forte oposição aos alemães e seus descendentes, tendo como porta voz o periódico "O Nacional".

Com um discurso inquiridor este jornal, em nome da Defesa Nacional, desencadeou severas críticas, conclamando o Estado a assumir o patrimônio da ferrovia que estava sendo administrado por funcionários alemães.

Para conhecer e interpretar as falas dos atores desta fase, selecionamos três notícias extraídas deste episódio que culminou com a transferência do patrimônio da EFSC para o Governo Brasileiro.

O Estado deu continuidade ao projeto de prolongamento da ferrovia. Em 1954, a ligação Blumenau-Itajaí foi inaugurada. Após 62 anos de funcionamento, ao ser declarada antieconômica esta ferrovia foi erradicada em 13 de março de 1971.

Neste 2001, três décadas se passaram, ficando na memória daqueles que a conheceram, os referenciais das imagens fotográficas e alguns símbolos que insistem em resistir ao tempo.

Deixamos a você, leitor, a interpretação dos textos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Estrada de Ferro de Santa Catarina I[1]

Desde quase o início da publicação da nossa folha vínhamos reclamando, em cada número, do Governo Federal, a sua atenção por estar a Estrada de Ferro Santa Catarina em poder ainda dos nossos inimigos, bem como a nossa navegação fluvial, sem que fossem adotadas medidas no sentido de fazer cessar semelhante estado de cousas, que atentava contra o nosso patriotismo.

Raimundo Flores - Nivelador da EFSC (1923)

A própria imprensa do Rio ocupou-se do fato transcrevendo os artigos que, a respeito, havíamos publicado no que fomos secundados pela Liga da Defesa Nacional, deste município, que diretamente reclamou do poder contra tal anomalia, que nos entristecia, pois, não era raro ver a cada passo, a maneira desdenhosa com que se portavam os nossos inimigos, vendo que o governo da República fazia ouvidos de mercador às nossas justas solicitações a respeito.

Pela notícia anteontem chegada e recebida por todos nós com a

1 Jornal O NACIONAL. Blumenau, Ano I - nº 11 - 10/03/1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

máxima satisfação, o que julgávamos uma desídia nada mais era do que uma demora no estudo do modo como poderia ser tomada a aludida via férrea, que se achava em poder dos boches por um contrato de arrendamento e construção, que felizmente acaba de ser rescindido.

Este ato do nosso governo ansiosamente esperado demonstra cabalmente que não se dorme nos arraiais da mais alta administração do país e quanto patriótico é o homem que se acha à frente dos seus destinos, que não pode fazer concessões a uma nação, que unicamente por uma demonstração de força, que a ninguém intimidou e pela sua sede de conquista, não trepidou em abalar o nosso bem estar, ofendendo os nossos direitos de povo livre com a destruição da nossa propriedade e o assassinato de indefesos e infelizes patrícios.

A notícia, portanto, que se espalhou célere por toda a cidade de que tinha vindo ordem ao engenheiro fiscal Dr. Oscar Castilho, a fim de procurar ser-lhe entregue a referida estrada até a chegada do novo diretor nomeado, encheu-nos de alegria porque importa no triunfo da campanha, que vínhamos movendo contra a direção germânica da nossa estrada de ferro.

Logo que recebeu da direção fiscal do distrito ferroviário a ordem de ocupação, o engenheiro Oscar Castilho, sem perda de tempo, rodeado das principais autoridades deste lugar, dirigiu-se ao Chefe do trafico Ludwig Bischof a quem deu conhecimento da ordem recebida exigindo que lhe fosse entregue a aludida estrada, do que foi lavrada uma ata assinada pelas mesmas autoridades e muitos patrícios, que imediatamente, cheios de satisfação, correram à estação para assistir ao ato da posse, que se revestiu de certa solenidade.

Apesar de não termos merecido um convite para assistir a esse ato, nós que lutamos pela realização do fato, estivemos presente à entrega da via férrea catarinense, que os boches julgavam jamais sair-lhes das mãos.

Por ocasião da assinatura da ata, em seu e no nome de seus auxiliares e do delegado de polícia, proferiu breve e patriótica alocução, o Sr. Dr. João Pedro da Silva, íntegro Juiz de Direito da Comarca, concluindo por oferecer ao engenheiro fiscal Dr. Oscar Castilho todo o apoio de que carecesse para o cumprimento da missão de que se achava incumbido.

Secundou-o nosso representante Sr. Francisco Margarida que, realçando a campanha que, a respeito moveu esta folha, congratulou-se com aquele fiscal pelo ato patriótico que acabava de praticar o governo da República.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Por essa ocasião inúmeros foguetes atrocaram os ares.

Compareceram ao ato além do Dr. Oscar Castilho, engenheiro fiscal, o Dr. João Pedro da Silva, digno Juiz de Direito da Comarca, Pedro Feddersen, substituto do Juiz Federal, Paulo Zimmermann, superintendente municipal, Reinholdo Anton, ajudante do procurador da República, Manoel Barreto, promotor público, Luiz Werneck de Castro, coletor federal, Albano Leal, representante do encarregado da estação telegráfica, Felicio dos Anjos, coletor estadual, Joaquim Pacheco, inspetor de linha dos telégrafos, Altino Flores, inspetor do ensino, Romario Moreira e Carlos Sada, professores da Escola Complementar, Custodio de Campos, escrivão da coletoria estadual, Thomé Braga, delegado de polícia, João Borba, subdelegado da polícia, Coronel Francisco da Cunha Silveira, Dorval Moelmann, Ernesto Mendel, Fernando Kinder, escrivão de paz, Francisco Dias, João Cunha, Affonso Veiga, Alfredo Buchele, Frederico Gassenfelder, quase todos os empregados da estação e oficinas da estrada e muitos outros cidadãos cujos nomes nos escaparam.

O Nacional, por sua vez, congratula-se com o Governo da República por tão patriótico ato, que a todos encheu de intenso júbilo.

Chefe de estação entre os trens de carga na EFSC.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Estrada de Ferro de Santa Catarina II[2]

A anulação do contrato existente entre o Governo da União e o Sindicato Alemão constituído para a construção da Estrada de Ferro Santa Catarina, foi um verdadeiro ato de patriotismo, por quanto não se podia conceber a permanência de inimigos em um próprio território nacional sem que ferisse, bem de perto, os brios e a dignidade do povo brasileiro.

De posse agora dessa propriedade, que se achava arrendada aos alemães, por força daquele contrato, o governo tem que adotar outras medidas, que lhe serão indubitavelmente propostas pela atual direção, tendentes não só a melhorar o estado em que se acha, que, em nada abona a direção passada, embora fiscalizada, como também cuidar do prolongamento do trecho construído até a vizinha cidade de Itajaí, que é o seu ponto inicial, para maior facilidade do comércio exportador desta praça, digno de todo o auxílio e proteção dos nossos governantes além do resultado que, disso, poderá advir aos cofres do país.

Estudado, como se acha o aludido trecho, pela Comissão de Estudos de que era competentíssimo Chefe o engenheiro civil Dr. Joaquim Breves, não será difícil ao Governo Federal autorizar a sua construção, que é de inadiável necessidade e estratégia por se tratar de um porto de certa importância como é o de Itajaí, que serve de escoadouro aos produtos agrícolas e industriais de dois adiantados municípios, como são Blumenau e Brusque, povoados, além disso e na sua maior parte, por elementos germânicos.

Como está atualmente a Estrada de Ferro Santa Catarina, somente poderá ocasionar déficit para o erário nacional, pois, o seu rendimento é diminuto ao passo que se prolongando o trecho até a Hammonia, cuja estação terminal, atualmente, dista dali mais ou menos três quilômetros e estendendo-se a linha ao porto de Itajaí, parece-nos, a renda aumentará de forma a não prejudicar os cofres federais.

O nosso Estado bastante que carece dessa linha ferroviária para seu maior desenvolvimento e, por conseqüência, cabe aos nossos representantes, no Congresso Federal, o emprego de esforços afim de que seja uma realidade, no mais curto prazo possível, a idéia que ora vimos de aventar, que é também

[2] Jornal O NACIONAL. Blumenau, Ano I - nº 18, 28/04/1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

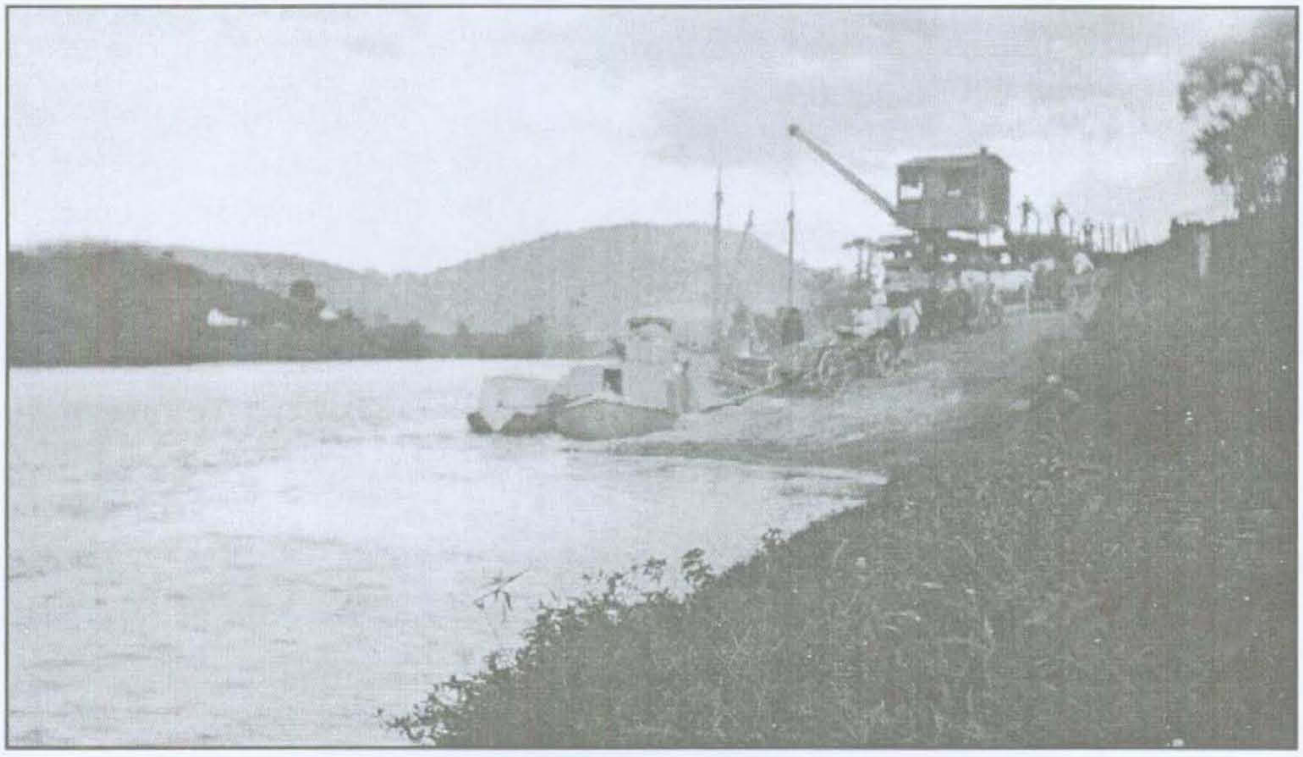
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

toda vantajosa para a União.

Está conosco nesse sentido o Sr. Major Oscar Barcellos, digno e atual Diretor da Estrada, conforme perfeitamente deduzimos da palestra que, com o mesmo tivemos por ocasião da sua honrosa visita à nossa tenda de trabalho e ao qual solicitamos seus bons ofícios junto aos poderes competentes no sentido de ser satisfeita a nossa pretensão.

Não sendo grande a extensão a construir-se e havendo, como há, variantes no trecho estudado, que torna a construção mais fácil, rápida e econômica, sem os dispêndios de grandes pontes e túneis, que sempre consomem tempo e avultada soma de dinheiro, não pode ser alegada a falta de material, porque temos a certeza deve existir nos depósitos das nossas importantes estradas de ferro, de onde poderá ser distraído para aqui, pois, trata-se apenas de um prolongamento, mais ou menos de 50 quilômetros.

O »Nacional« espera do patriotismo do Sr. Ministro da viação o estudo desta momentosa questão, que muito virá cooperar para a prosperidade do nosso Estado.



Guindaste da EFSC em Itoupava Seca, descarregando trilhos para construção do trecho da Ferrovia Subida/Lontras

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O prolongamento da Estrada de Ferro Santa Catarina[3]

Têm tido sorte varia e pouco propícia os empreendimentos sucessivos que se prepuseram dotar o nosso Estado de uma via-férrea, atravessando o seu território desde o mar até os longínquos pinheirais da fronteira argentina.

A princípio foram as dificuldades dos estudos e da organização das empresas, embaraços uns próprios dessa ordem de negócios, outros criados pelas várias zonas do litoral catarinense, cada qual pleiteando para si o ponto inicial da futura estrada.

Decidiu-se, enfim, a técnica pelo vale do Itajaí, como o caminho mais fácil para ligar com trilhos a zona marítima ao far-west catarinense, e constituiu-se uma empresa, para levar a efeito o cometimento.

Não podia estar mais segura a execução da obra. O nosso Governo nomeara uma comissão, que estudou o traçado, fez a locação de um bom trecho da planejada via-férrea, e, quando o ilustre Dr. Breves Filho entregou à Companhia alemã que havia contratado a construção, as plantas e estudos, ninguém poderia supor que, semanas depois, a grande guerra viria adiar mais uma vez a realização da velha aspiração catarinense.

Já nos havíamos conformado em esperar até que a normalidade voltasse ao mundo, para, então, de novo meter ombros à obra.

Nessa desoladora situação, em que estamos e que não sabemos quando há de terminar, as notícias de que podemos pensar em ver realizado já, ao menos em parte, o melhoramento, que não é exagero considerar o arcabouço de nossa estrutura econômica, trazem-nos um imenso e justificado júbilo.

Informam-nos que o provecto profissional, hoje à testa da Estrada de Ferro Santa Catarina, o Exmo. Sr. Dr. Oscar Barcellos, irá propor ao nosso Governo o prolongamento dessa estrada até Itajaí e o até o planalto.

Semelhante apelo, feito justamente no momento em que o Sr. Presidente da República acaba de abrir um crédito de dez mil contos para aplicar na viação férrea do Paraná e Santa Catarina, por certo há de ser atendido pela União que só por esse modo se livrará de cobrir o déficit com que sempre há de trabalhar a nossa pequena estrada.

Levados os trilhos da Santa Catarina até as terras altas do nosso

[3] Jornal O NACIONAL. Blumenau, Ano I - nº 20, 12/05/1918.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

riquíssimo "hinterland", o nosso progresso deixará esse passo de boi em que se tem vindo arrastando. Todas as riquezas das regiões do Alto-Itajaí e dos campos deixarão de ser simples possibilidades econômicas, para se tornarem valores efetivos. Só a produção do distrito de Bela Aliança, cujo desenvolvimento, mesmo sem uma boa via de comunicação, se tem realizado em uma progressão que maravilha, bastando assinalar, como índice desse surto, o fato de haver crescido quase pelo dobro a sua renda municipal, dentro de três anos fornecerá à nossa estrada elementos que estabelecerão o equilíbrio entre a receita e a despesa. Ajude-nos, pois, o Governo da União, que, assim fazendo, agirá também em proveito próprio, vindo em socorro de dinheiros seus e dando mais um impulso à construção de uma linha férrea, cujo valor, para a segurança e eventual defesa do país, não pode ser posto em dúvida.

Turma de construção do prolongamento da ferrovia
na região SUBIDA/LONTRAS

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

História & Historiografia

Ruptura com as Formas do Passado: Entre a modernidade e a tradição

TEXTO:

*ROBERTO MARCELO CARESIA**

*BALBINO SIMOR ROCHA***

Os discursos sobre a cidade de Blumenau sempre são acentuados por tudo o que ela tem de "germânico" ou "alemão", remetendo-se ao passado da cidade como se este representasse o próprio presente, como se ambos os tempos fossem um só e não houvesse uma ruptura entre eles. Atualmente, quando se afirma publicamente que Blumenau é uma cidade germânica excluem-se todos os demais cidadãos que nada tem de descendência germânica e que em nada se sentem afeitos a tais tradições[1], sendo que tais cidadãos preenchem mais da metade da população blumenauense, ou seja, a sua grande maioria.

É certo que a cultura germânica, no tempo presente, já não representa a cultura predominante na cidade, como representou outrora, até as três primeiras décadas do século XX, portanto, este artigo dedica-se a refletir e compreender as passagens de discursos de predominância inicialmente germânica, na cidade de Blumenau para, durante a Campanha de Nacionalização Brasileira, nas décadas de trinta e quarenta, passar a sustentar-se nos discursos fundadores do nacionalismo brasileiro, assim como também passa a receber as influências do discurso norte-americano, ou seja, um discurso da "nação ocidental".

Compreender como se deu tal adaptação destes discursos no meio cultural nem sempre é fácil, uma vez que estão introjetados de tal forma pela sociedade que suas fronteiras não se apresentam de forma definida, alterando e estabelecendo novos paradigmas, através da modificação dos hábitos alimentares, das vestimentas, nos trejeitos, nas

* Mestrando em História pela UFSC
** Professor e Arquivista na FURB

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

expressões lingüísticas, enfim, no jeito de viver das pessoas. Para tanto, busca-se compreender, através do período da Campanha de Nacionalização e da década de quarenta - com os EUA saindo como vencedores da Segunda Guerra e impondo seu discurso através da economia, da política e da cultura - como se deu essa transição do discurso.

Entretanto, não é nossa intenção comparar o discurso norte-americano com o germânico ou com o brasileiro, buscando meramente comprovar qual é o "melhor", o "maior" ou o "mais forte", mas sim, compreender como se deu essa passagem, a qual provoca uma alteração nos discursos veiculados pela mídia, pela política, pela educação, e como ele se insere nas mentalidades e no senso comum na cidade de Blumenau.

Tais passagens de discursos impõem não só uma mudança lingüística - do idioma alemão para o português - mas acarretam também numa alteração de valores implícita em tal modificação lingüística, onde os indivíduos produtores dos discursos que fomentavam e apoiavam a nacionalização e a modernização urbana[2] do município passam então a serem os detentores do discurso culturalmente dominante na região do Vale do Itajaí, disseminando-o para a sociedade, indo de encontro ao que diz Eni P. Orlandi, onde "*línguas diferentes produzem discursos diferentes*" (1996, p.124), e discursos diferentes sugerem práticas (sociais, políticas e cotidianas) diferentes.

Este artigo dedica-se, então, ao estudo do que chamamos "discursos de passagem"[3], e não o de meramente fazer a identificação de elementos do discurso, mas a sutileza com que são utilizados, através da construção de um discurso que se torna dominante, se sobrepondo a um outro, sem que este seja claramente percebido pela sociedade no momento em que se dá tal processo, a qual passa a praticar tal discurso sem refletir sobre sua procedência ou seus efeitos.

Especificamente no que se refere a Blumenau, isto se dá pela supressão de um discurso eminentemente de origem germânica por outro: norte-americano e ocidental, escondido sobre a capa do nacionalismo brasileiro de Getúlio Vargas.

Após muitas reflexões sobre os usos do "discurso" e suas inserções na construção de uma ordem, de suas análises e recorrências - na qual se procurou obter pressupostos metodológicos para lidar com as fontes primárias e bibliografias sobre o tema - seguiu-se a análise das obras que tratam do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

contexto histórico sobre a política externa e interna do Brasil, no que tange a assuntos como o nacionalismo, a revolução de 30 e seus acontecimentos posteriores, o envolvimento do país na Segunda Guerra, o expansionismo e o chamado imperialismo cultural estadunidense, bem como as relações internacionais com os EUA (Estados Unidos da América), temáticas estas centrais na historiografia brasileira do século XX.

Procuramos não utilizar os autores tradicionais da História de Santa Catarina[4] como suporte teórico ou historiográfico em si, mas foram tratados unicamente como fontes de consulta. Tal atitude deve-se ao fato de que os mesmos são ao mesmo tempo os autores e atores da História que escrevem, sendo que muitos deles não apenas vivenciaram mas também participaram politicamente dos períodos históricos que abordam. Uma vez que tais autores exerceram ofícios junto à administração pública - à Prefeitura, ao Governo Estadual e mesmo a órgãos militares -, o que leva a transparecer em seus textos a História a partir da perspectiva das instituições que os acolhem, dando um crivo de "oficial" à História da região, o que os torna discutíveis enquanto produtores de uma História "verdadeira". Porém, alguns de seus textos são utilizados como fonte discursiva, para ter-se idéia e/ou noção do discurso que era produzido, posto a circular, disseminando-se entre a sociedade.

Na obra *A Ordem do Discurso* (1996) Michel Foucault diz que o discurso não é somente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas, também, o poder do qual se quer apoderar. Ou seja, ao mesmo tempo em que o discurso é um instrumento do poder, ele também é o próprio poder, pois quem detém o discurso predomina na sociedade. O que é, em certa medida, análogo ao que diz Roger Chartier (1988) sobre as representações sociais, sendo estas construídas a partir dos interesses dos grupos que as forjam.

Mesmo que tais representações sociais sejam forjadas pelo grupo que dita o discurso predominante, este sempre buscará demonstrar em seus aspectos uma perspectiva de singularidade - o dizer "*isto é nosso, faz parte de nossa tradição*" - assim como também de uma universalidade - o dizer que tais representações são reflexos de uma cultura comum aos povos civilizados e que é dessa forma que nos aproximamos do mundo.

Chartier ainda enfatiza que tais representações não são neutras. Elas produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade, legitimando um projeto reformador ou justificando suas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

escolhas e condutas (1988, p.17). Os discursos implícitos em tais representações, portanto, estão longe de não terem uma intencionalidade maior do que aquela que aparentam ter: elas regem nossas opções de um modo geral, e mesmo em nossos conceitos e preconceitos.

Um prato típico germânico não é apenas a comida que representa os antecedentes culturais de um grupo. Ele faz parte das representações de um discurso que visa uma continuidade perpetuada através de um ritual cotidiano: o ato de comer. Porém, em Blumenau, o prato típico não faz parte do cardápio cotidiano das pessoas. Ele faz parte de algo mais complexo: as festas de outubro e as representações culturais construídas especialmente para os olhares e paladares dos turistas. O que faz parte do cotidiano do blumenauense é a *Coca-Cola*, a batata frita, o cachorro quente, o lanche de rua, as calças *jeans*, os dizeres em inglês que constam em quatro de cada cinco camisetas e blusas, a música que se ouve nas rádios e que faz parte das gerações atuais. A freqüência de tais práticas, transformadas em hábitos introjetados ao longo dos anos e das gerações, é o que determina a cultura vigente de um grupo social, mesmo que este não perceba que discurso é este. É claro que aqui não abordamos as exceções que com certeza existem, mas que são poucas e não chegam influir nos aspectos gerais tratados aqui[5].

Trata-se, portanto, de compreender como se deu essa ruptura cultural em Blumenau - de um discurso germânico para um discurso brasileiro com influências estadunidenses - e como a sociedade foi assimilando o novo discurso, onde o germânico fica relegado a um segundo plano.

Que Cultura é Essa?

Em primeiro lugar, é necessário pensar que cultura brasileira é essa? Como ela foi sendo construída? E, em segundo, se ela corresponde a interesses internos ou externos ao país. Herbert Marcuse, numa redefinição da cultura, diz que "*a obrigatoriedade da cultura sempre esteve restrita a um universo específico, tal como foi formado por uma identidade étnica, nacional, religiosa ou outra*"[6].

Essa restrição a um universo específico pode ser entendida como sendo também "importada" quando nos lembramos que os EUA, nos tempos da Doutrina Monroe, em 1823, colocavam a si mesmos como os "*protetores das nações latino-americanas contra qualquer tentativa expansionista européia*"[7].

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Logo, em 1855, é instituído o Destino Manifesto com as declarações de superioridade nacionalista americana, que não ficavam devendo em nada aos pensamentos nacionalistas dos países europeus: "*a pura raça anglo-americana está destinada a estender-se por todo o mundo com a força de um tufão*"[8].

No início do século XX, o Presidente americano Theodore Roosevelt, interpreta que os EUA têm o direito de intervenção política na América Latina, inclusive na economia destes países.

Rui Barbosa, em 1909, num discurso eufemista sobre a divisão dos três poderes constitucionais, sugere que a solução para os problemas da República está na Justiça Legal da Constituição estadunidense, e que deveríamos fazer nossas as leis destes, justificando assim a intervenção e a ação imperialista e expansionista dos EUA na América Latina.

Já em 1921, Oliveira Vianna diz que no Brasil copia-se tudo de todos: "*a forma de governo e os modos de vestir, os princípios da política (...) as filosofias mais em voga, as modas literárias (...)*"[9] e de cultura brasileira, nada; sugerindo, então, que nós façamos esse *brasileirismo*, pensamento comum que culminou com a Semana da Arte Moderna, em 1922.

Por fim, Luís Carlos Prestes[10], em 1930, dizia que os golpes contra as oligarquias deveriam ser dirigidos à "*grande propriedade territorial e ao imperialismo anglo-americano*"[11]. A prisão de Prestes, durante o governo de Getúlio Vargas — declaradamente anticomunista —, deixa claro que a intenção da nacionalização brasileira, desde a década de vinte, não ia de encontro aos anglo-americanos, mas sim, favorável a estes[12], como é demonstrado não só pelo apoio político na Segunda Guerra como também pelos vários tratados assinados naquele período.

À Campanha de Nacionalização coube a represália aos de origem européia - alemães e italianos, no caso do Vale do Itajaí - os quais precisavam ser aculturados e nacionalizados. Tal campanha só foi possível graças ao contexto ideológico e político mundial, com os movimentos nacionalistas pipocando em diversos países de todos os continentes, culminando com a Segunda Guerra. Sem perceber este contexto, ela poderia tornar-se extremamente autoritária, sem um sentido aparente.

Levando em conta a construção do pensamento político estadunidense e o contexto político internacional no início da Segunda Guerra, mais especificamente em 1940, pode-se ler o seguinte artigo, publicado na época,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

no jornal "*Cidade de Blumenau*":

> "Como a América, felizmente, está longe do conflicto, o melhor que podem fazer seus povos é estabelecer, entre si, uma aliança política e econômica. Resguardada a neutralidade - que é grata a todos os americanos - o intercâmbio econômico e cultural entre os povos do continente parece-nos a solução mais racional para as inquietações do momento e as incertezas do futuro europeu. Essa é, aliás, a política do Estado Novo. No seu significado, pelas conseqüências que já trouxe ao país, ella - que mais convém aos nossos interesses - será certamente mantida. É que o Brasil - o Futuro da Nação - exige de seus filhos, numa hora em que é incerto o destino da civilização européia."[13]

Com a Guerra, o Brasil fez alianças políticas e econômicas com países do continente americano, já que a Europa tornara-se o palco da mesma. Porém, quando o artigo fala em "*todos os americanos*" pode-se entender que é expressão genérica para todos os povos e países dos três continentes da América. Porém, quando se fala em "*americanos*" lembra-se em seguida dos Estados Unidos da América (EUA) que, além de advogarem para si a denominação de "*americanos*", era o único país do continente que tinha capacidade para unir, política e economicamente, os demais países, como de fato o fez após a guerra, já que, em 1940, detinham 75% do ouro "amoedado" no mundo[14].

No entanto, a imprensa local do Vale do Itajaí não tinha outra opção a não ser dar continuidade ao discurso pan-americano, o qual trazia em suas entrelinhas o lema "*a América para os americanos*", deixando apenas subentendido que o americano de que se fala pode não ser o habitante das Américas, mas sim o estadunidense.

O Microcosmo Ideológico da Década de Trinta.

Para compreender o que se passou naquele período com a imprensa e as proporções dadas a ela, tem-se que pensar no contexto de então, mais precisamente ao início da década de trinta. Esta é a década ou período marcado pelo surgimento e pela configuração política de várias ideologias, de cunho autoritário e nacionalista, em muitos países: o nazismo na Alemanha, o fascismo na Itália, o franquismo na Espanha e o stalinismo na URSS. Tais ideologias

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

impunham um governo apoiado na ordem militar ditatorial, tornando-se comum esta prática governamental na América Latina, até o final da década de oitenta.

No Brasil, houve o que se denomina de populismo getulista, ou seja, uma posição carismática da parte de Getúlio Vargas para levantar e movimentar a massa popular ao seu favor como forma de manter-se no poder — tanto que em 1950 Vargas é eleito democraticamente pelo povo como Presidente da República. Porém, após a chamada revolução paulista de 1932, contra o Tenentismo do governo de Getúlio e urgindo uma nova constituição para o país, surge a AIB - Ação Integralista Brasileira, movimento de cunho fascista, antiliberal e anticomunista que propunha um Estado Forte, centralizador, unipartidário e, sobretudo, com fortes tendências nacionalistas.

A AIB foi idealizada e presidida por Plínio Salgado, definindo-se como nacionalistas "*cujo conteúdo era mais cultural do que econômico*"[15], rendendo ainda o "*culto da personalidade do chefe nacional, as cerimônias de adesão, os desfiles dos 'camisas verdes', ostentando braçadeiras com a letra grega sigma (S), utilizada na matemática como símbolo de integral*"[16]. Era a "*versão tupiniquim do fascismo europeu*"[17], trazida por Plínio Salgado quando viajou à Europa em 1930, permanecendo na Itália, em pleno regime fascista de Mussolini, onde sofreu grande influência ideológica. Além de outros fatores de sua vida pessoal que o levaram à construção dos pensamentos e posições da AIB frente a problemas como a imigração e sua assimilação à cultura brasileira, bem como participando do movimento modernista da década de vinte, através de romances de cunho nacionalista.

No Vale do Itajaí, cresceu entre os descendentes de alemães o orgulho e a admiração pelo rápido desenvolvimento econômico e social da Alemanha, presidida oficialmente a partir de 1933 por Adolf Hitler e seu NSDAP[18].

Esta admiração pode ser lida e vista nos jornais e kalenders da época, onde artigos e fotos de comícios de Hitler figuravam entre notícias da Alemanha nazista. Porém, como estes viviam no Brasil e não na Alemanha, dizendo-se brasileiros de coração e alemães de espírito, deveriam apoiar o nacionalismo brasileiro acima do nacionalismo alemão[19].

No entanto, o Integralismo de Plínio Salgado foi muito bem aceito pelos municípios de origem teuto, pois os habitantes do Vale do Itajaí, que desejavam participar de forma mais ativa da vida política brasileira, viram aí uma forma de expressarem seu nacionalismo contido - não em relação à Alemanha, mas ao Brasil - visto que a grande maioria dos teuto-brasileiros sofria um certo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

preconceito por parte dos partidos políticos conservadores do país, os quais não os aceitavam por não serem genuinamente brasileiros, assim como a representação do partido nazista em Blumenau só aceitava os nascidos na Alemanha, fazendo sérias restrições quanto aos filhos de alemães nascidos no Brasil.

Já a AIB sustentava o caldeamento das diversas etnias do país. Tanto que Santa Catarina tornou-se um dos Estados brasileiros que mais apoiaram a AIB, e a região do Vale, um dos principais pólos nacionais do movimento. O próprio Plínio Salgado esteve em Blumenau em 1934 e em 1935, durante o Congresso Integralista entre 6 e 7 de setembro, onde foi recepcionado pelos integralistas locais — cujo chefe era Alberto Stein, depois prefeito da cidade.

Nas eleições de 1936, oito municípios catarinenses deram a maioria de votos a candidatos integralistas, sendo todos municípios de colonização germânica, em Blumenau, é eleito o próprio Alberto Stein[20].

Passeata integralista em Blumenau (02/6/1935)

Antevendo esta ascensão do Partido Integralista no Vale do Itajaí, surge em 1934 o Calendário Blumenauense, feito nos moldes dos kalenders de idioma alemão, mas redigido em língua portuguesa e de inclinação nacionalista, uma vez que seu redator era José Ferreira da Silva, vice-prefeito de Alberto

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Stein em 1936 e prefeito da Cidade depois do Estado Novo, em 1937, com a destituição de Stein.

Logo em seu prefácio dizia que o mesmo era dedicado ao povo, para que este aproveitasse as "*lições de civismo, de amor ao trabalho, de persistência, de abnegação, de fé na grandeza da pátria, que os nossos maiores nos legaram*"[21]. Utilizando-se de todos os chavões ideológicos integralistas de amor à pátria, ao trabalho, à família e à fé (Deus). Além de buscarem na disposição ao trabalho — como sendo algo nato ao teuto-brasileiro — sua demonstração de patriotismo pela terra em que vivem, deixando a pátria mãe apenas em suas lembranças e saudades[22]. Outros ainda frisam a colaboração européia dos imigrantes que ajudaram para o desenvolvimento da nação e, por isto, não devendo ser ignorados ou hostilizados, dizendo ainda que é da fusão/integração destes vários elementos étnicos do país que se formará o povo brasileiro[23].

O Integralismo entra em conflito com a ALN - Aliança Libertadora Nacional, braço político que dará origem ao movimento comunista, conhecido também por ter deflagrado a Intentona Comunista, liderado por Luiz Carlos Prestes, devido às suas diferenças ideológicas e políticas, já que a AIB de Salgado era de extrema direita.

A ALN é formada em março de 1935, recebendo "*a orientação vinda da Internacional Comunista*"[24] de Moscou. Resultando numa tentativa de golpe militar nesse mesmo ano, a ALN é considerada proscrita logo em julho, quando Prestes, então, é preso. Getúlio passa a apoiar-se na AIB até a deflagração do Plano Cohen em 1937. Tal plano não passou de uma armação contra os comunistas — forjado por Vargas e por alguns líderes integralistas — onde uma carta forjada sob um pseudônimo informa sobre os supostos planos da ALN para aplicar um Golpe de Estado, independente do resultado das eleições.

Diante desta situação, Getúlio Vargas cancela as eleições presidenciais e aplica o Golpe de 1937, promulgando uma nova Constituição, dando início ao período conhecido na historiografia brasileira como Estado Novo, utilizando-se de um estilo autoritário.

Ocorre ainda a proscrição da AIB devido ao decreto de extinção dos partidos políticos, o que muito desagradou os líderes integralistas visto que haviam ajudado a forjar a carta que levou Vargas a aplicar o golpe[25].

Se antes da Revolução de 30 a política blumenauense já não era favorável a Vargas[26], depois da proscrição da AIB ficou menos favorável ainda.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A Campanha de Nacionalização das escolas e a conseqüente proibição de praticar o idioma alemão durante a Guerra foram mais alguns dos fatores que contribuíram para que a política de Blumenau seja de oposição a Vargas, como se verifica na queda do Estado Novo e na destituição de Vargas em 1945, quando a oposição (UDN) volta à Prefeitura Municipal.

O Uso da Imprensa como Mecanismo de Disseminação do Discurso.

A imprensa, apesar do Estado Novo em 1937, continua sendo redigida no idioma alemão, principalmente através do *Blumenauer Zeitung* e do *Der Urwaldsbote*, mas esta veiculação vai até o ano seguinte, quando em dezembro de 1938, o *Blumenauer Zeitung* encerra suas atividades devido à Campanha de Nacionalização, quando todas as publicações deveriam estar em português. No último ano de existência do *Blumenauer Zeitung*, este trazia artigos sobre o nacionalismo teuto-brasileiro, a reorganização da AIB em forma de associação, da nova legislação que trata da cidadania dos estrangeiros e imigrantes, discursos da Confederação Nacionalista Americana e do presidente dos EUA Franklin Delano Roosevelt que tratam da criação de uma Legião Americana contra o comunismo, bem como ligações dos EUA ao imperialismo internacional judaico; a ascensão do nacional-socialismo alemão na política econômica da Europa e as relações da Alemanha com os países europeus e suas ideologias nacionalistas, reproduções de discursos e artigos sobre a figura de Adolf Hitler e do Reich como um Estado Europeu, bem como os levantes da Segunda Guerra e as causas que levaram à mesma. Todas redigidas em alemão gótico. Porém, no segundo semestre de 1938 até a última edição, em dezembro, diminuem progressivamente as notícias sobre a Alemanha, além de haverem várias chamadas, em português, principalmente sobre estatística populacional. Por fim, em seu último número, um extenso artigo extraído do *Jornal do Comércio* informa sobre o novo quadro territorial do Brasil, relevando o papel crucial dos municípios para a União nacional, para que todos fiquem "*sob a proteção de uma só bandeira, ao soar de um hino só, a alma municipal, integrada no seu patrimônio, irá vibrar com a alma da Pátria*"[27].

O *Der Urwaldsbote*, depois de uma breve lacuna, continua com o idioma alemão, contanto que o redator fosse brasileiro nato — no caso, Max Tavares do Amaral — e obrigando que artigos de cunho patriótico, em português,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

figurassem entre os demais artigos. Porém, encerra essa fase em agosto de 1941 devido ao Decreto Federal despachado em 31 de janeiro, restringindo a publicação de periódicos em língua estrangeira no Brasil, dando um prazo de seis meses para que tais periódicos se adaptassem à nova situação, bem como proibindo a distribuição de outras publicações editas pelos países que compunham o chamado Eixo. O *Der Urwaldsbote* muda, então, seu nome para "*Correio do Povo*" e é inteiramente redigido em português, mas encerra suas atividades logo depois.

Os kalenders editados ainda em 1940 e 41 trazem artigos bilingües, o que ocupa um espaço textual maior devido à repetição do mesmo artigo, os quais tratam sobre a pessoa de Getúlio Vargas — buscando identificar sua imagem com a do país —, outros vultos nacionais, poemas de autores brasileiros, o próprio hino nacional, bem como paisagens e notícias de outras regiões do país, como Rio de Janeiro e o Nordeste, já que antes o foco centralizador eram as demais colônias germânicas de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, quando não paisagens da própria Alemanha. Não que antes SC e RS não divulgassem imagens de outras cidades não germânicas do Brasil, mas o contexto em que eram abordadas agora fazia com que as ex-colônias germânicas não fossem mais vistas individualmente, sob o signo da singularidade e do exotismo, e sim como parte integrante do país, junto com os demais Estados, formando um corpo uno e coeso.

Porém, e talvez para suprir isto, há também notícias sobre um intercâmbio cultural entre Brasil e Alemanha, dizendo que artistas brasileiros, principalmente pianistas, vão à Berlim para apresentar-se[28]; e o Instituto Ibero Americano, tanto em Berlim quanto em Hamburgo, "*instituem cursos, onde são ministrados a centenas de alunos alemães conhecimentos aprofundados sobre a literatura e a arte brasileira*"[29], bem como o idioma português. É provável que tal intercâmbio não seja de tal intensidade, fazendo com que a notícia tenha uma intenção de acalmar os ânimos dos teuto-brasileiros, como se na Alemanha nazista estivessem aprendendo a língua portuguesa assim como os imigrantes aqui também tinham que aprendê-la. No entanto, faltam dados para comprovar a intensidade deste intercâmbio, mas, sabendo do orgulho nacionalista presente na Alemanha nazista em relação à cultura germânica, é difícil crer que os alemães daquele período teriam interesse em aprender a língua portuguesa em plenos anos 40, com a Guerra já em andamento.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O Arcebispo de Porto Alegre, João Becker, publica um longo artigo bilingüe, em um dos kalenders gaúchos[30], onde discorre sobre o sentido de Pátria e nacionalidade, dizendo que ao Brasil "*não lhe falta espaço vital*", em contraste com o que é reclamado pela Alemanha nazista, que o procurava na Europa. Escreve por seis parágrafos seguidos a frase "*devemos amar esta Pátria*", justificando cada vez que a menciona, terminado por dizer que "*ela* —a pátria — *nos ensina a língua que falamos e que se deve falar em todo o Brasil, em todos os Estados da União Brasileira*".

Alertando também que o país "*não permite nem poderia permitir que a sua soberania seja abatida e a sua independência escravizada ao jogo de potências estrangeiras*". E neste "*não poderia permitir*" está implícita a Campanha de Nacionalização, dentro das "*medidas de segurança e de vigilância, que todos os habitantes do país devem respeitar*". Sobre a nacionalidade, é citado o artigo 115 da Constituição de 10 de novembro de 1937, a qual diz que são brasileiros os nascidos no Brasil ainda que de pai estrangeiro, o que contraria a compreensão de nacionalidade do *pangermanismo*, que unia os alemães através do sangue e da hereditariedade, em qualquer país onde estivessem, contanto que estes continuassem praticando a cultura germânica através do idioma.

O trecho do artigo onde demonstra com maior clareza a quem ele se dirige diz que o Brasil, como país de imigrantes tem a necessidade de "*assimilar os elementos estranhos*"[31], e só pela "*fusão e caldeamento de diferentes povos que as nações se fortalecem, revigorando as suas energias vitais*"[32], o que deve ser levado não só aos imigrantes como também à ideologia nazista que pregava o arianismo e a não mistura das etnias.

Na parte final em que encerra o artigo discorre justamente sobre o nazismo e especialmente sobre o integralismo, ao dizer que "*quem trabalhasse pela substituição dos nossos emblemas nacionais, seria um miserável traidor da Pátria*"[33]. Tal artigo, publicado em kalender destinado aos imigrantes alemães, pega-os em todos os pontos: na questão da nacionalidade, da ideologia nazista e integralista — que tão bem acolhidos foram nas colônias germânicas —, em contraponto com o que é colocado como sendo *patriota e cristão*, já que estas colônias tinham muito imbricados em sua vida cotidiana o religioso e o privado.

Numa edição antecipada para 1942, o mesmo kalender publica um extenso artigo, onde comunicam sobre o referido Decreto Federal e o conseqüente cancelamento do anuário, já que deveria ser redigido inteiramente

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

em português e perderia suas características, dizendo que "*despedir-se sempre é penoso; eis porque ela se grava em nossa mente*"[34], fazendo ainda um retrospecto e um breve histórico da situação dos imigrantes no sul do Brasil.

Tal artigo ainda traz na primeira página, em sua abertura, uma foto do presidente Getúlio Vargas e uma "Homenagem ao Chefe da Nação", a qual pode ser vista em tom de conformismo obrigatório em relação ao bojo do artigo. Há ainda, no mesmo kalender, um artigo sobre a Segunda Guerra, sendo que as fotos publicadas mostram somente as tropas aliadas.

Já no *Cidade de Blumenau*, redigido inteiramente em português, em 1940 as notícias sobre o desenrolar da Segunda Guerra ocupavam, às vezes, páginas inteiras. Notícias sobre os conflitos da Alemanha contra a Noruega, Dinamarca, Suécia, França e Inglaterra colocavam o prestígio germânico no alto, com sua crescente força bélica e econômica ocupando pontos estratégicos da Europa como numa disputada partida de xadrez.

Há até uma eufórica descrição sobre o afundamento de um porta-aviões inglês, feito por um correspondente alemão que estaria no submarino que o abateu[35]. Outro trata sobre um ataque aéreo inglês sobre bases alemãs na ilha de Sylt que, segundo a imprensa britânica, teria sido vitorioso, mas, segundo testemunhas oculares e demais jornais, teria sido inútil e infrutífero.

Além das notícias favoráveis à Alemanha na guerra, havia também as que enalteciam sua crescente economia. Durante uma guerra, procura-se utilizar a imprensa como um meio de influenciar a opinião pública internacional para favorecer determinado país, dependendo do grau de interesse da informação para o governo[36]; ainda que a notícia trate de um fato que não corresponda com o que acontece no interior do próprio fato, ou seja, na intenção de construir uma verdade. O artigo, por exemplo, nada comenta sobre a estatização das imetalúrgicas, das indústrias de ferro e dos Bancos, simplesmente confiscadas de seus donos, alguns deles judeus alemães, os quais compunham uma parte da população economicamente ativa e do patronato alemão, bem como é difícil crer que toda uma população apóie uma guerra ideológica, sem que haja coerção por parte do Estado, onde seu país põe-se contra a maioria dos outros países em torno de si.

Em se tratando ainda da imprensa, pode-se perceber várias chamadas anônimas que dizem respeito à influência estrangeira, à publicidade, à organização industrial e comercial, entre outras. No caso das riquezas naturais (do sub-solo):

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> "É dever acentuar o perigo para o Brasil da possibilidade de encontrar-se, amanhã, surprehendido com a posse perpetua de jazidas, estradas de ferro e portos no seu território como propriedade de uma nação estrangeira."[37]

Ou ainda na área comercial e industrial:

> "...Qual e o mais importante departamento de uma organização commercial ou industrial? O da publicidade. Só desconhecem esta verdade os commerciantes retrógrados."[38]

E na economia em geral:

> "... A publicidade bem comprehendida constitue, o principal factor dos negocios, que ela estimula na razão direta da sua intensidade."[39]

Pode-se ver nas mesmas a intenção de formar a idéia de que não só a publicidade como marketing é a *"arma"* do negócio, mas também que ela, através da imprensa, passe pelo filtro da verdade, ou seja, aquilo que legitima um discurso. Pois "*tanto a informatização como a mídia produzem realmente a multiplicação (diversificada) dos meios mas, ao mesmo tempo, homogeneizam seus efeitos*" (ORLANDI, 1996, p. 16), o que sugere que a mídia transmite uma ilusão de que há uma multiplicidade de idéias contidas em seus discursos — que a tornaria uma imprensa livre — mas também uma uniformidade visto que as notícias e os meios de transmiti-la são diferentes mas os seus objetivos e o alvo são os mesmos: o leitor e a formação de sua opinião[40].

Além da própria imprensa, através de seu discurso, ditar e reger a interpretação das informações publicadas, fazendo com que o sujeito tome como suas "*as palavras da voz anônima produzida pela memória discursiva*"(ORLANDI, 1996, p. 31), e isto se tratou de fazer em ambas as partes: de um lado, a voz anônima da imprensa oficial condenando os rumos da guerra e assinando tratados econômicos e políticos com os EUA, do outro, a voz pseudônima dos correspondentes e simpatizantes alemães dizendo que está tudo em ordem e não há nada a temer, porque a Alemanha está certa e vencerá.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

É neste contexto que o presidente Getúlio Vargas visita Blumenau. Uma passagem histórica pela cidade, pois a proclamação de seu discurso deixa clara a posição do país perante as antigas colônias germânicas do Vale do Itajaí, dando um alerta aos simpatizantes das ideologias estrangeiras, e indicando que o país estará *de olho* nos teuto-brasileiros, o que praticamente consolida a Campanha de Nacionalização Brasileira no Vale do Itajaí.

Getúlio Vargas em Blumenau: afagando cabecinhas.

O jornal *Cidade de Blumenau* descreve de forma enaltecida a visita do Presidente Vargas a Blumenau como sendo o "*evento máximo na vida do povo de Blumenau*", já que era a segunda vez que um presidente visitava a cidade, ainda mais sendo ele o "*maior brasileiro de todos os tempos*"[41].

Presidente Getúlio Vargas em Blumenau (março/1940)

Tal descrição, recheada de elogios e grandezas ao presidente, deve-se ao próprio jornal ter uma inclinação por demais nacionalista. Porém, a descrição é feita desta forma também por força da situação, pois com o Departamento

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de Imprensa e Propaganda - DIP censurando e fechando muitos jornais, não era conveniente desafiar o Estado Novo. Sendo Blumenau um município de origem germânica onde havia núcleos integralistas e representações do partido nazista — as quais a esta altura já haviam sido fechadas — a visita de Vargas foi conveniente por demonstrar que o país, representado por ele próprio, estava vigilante sobre a cidade.

Um trecho interessante, quando Vargas estava prestes a entrar no Teatro Carlos Gomes, demonstra de que forma ambas as partes se portaram durante a visita:

> "S. Excia. depara no patamar com duas crianças louras de olhos azues. Sorri e as enlaça quasi de joelhos. Pergunta-lhes os nomes. Ellas os respondem com mimo nos olhinhos vivos. O presidente aponta-lhes a bandeirinha nacional que empunhavam, ellas a reconhecem e beijam com um mixto de amor e respeito. Afasta-se, então, afagando-lhes as cabecinhas."[42]

Tal descrição pode ser entendida como uma metáfora, onde as duas crianças "*louras de olhos azues*" representam a descendência germânica de Blumenau, a qual reconhece a "*bandeirinha nacional*" e a beija, demonstrando que deixa para trás as ideologias estrangeiras e os movimentos partidários contrários ou em desacordo com a política de Vargas. O presidente, então, num gesto que simboliza proteção, "*afaga-lhes as cabecinhas*" demonstrando sua satisfação pelo que viu e pelo que o agradou, verificando desta forma, a "*não existência do tão propalado sentimento antipatriótico*"[43].

Analisando seu pronunciamento, Vargas diz que ficou surpreso e admirado quando chegou em Blumenau, um município do qual "*se dizia que a língua portuguesa era desconhecida e os sentimentos de brasilidade jaziam amortecidos*", verificando que "*o sentimento de fraternidade brasileira e de amor a nossa terra*" estava latente nas pessoas. Em relação à Campanha de Nacionalização, reconhece que os imigrantes custaram a assimilar a cultura nacional, mas "*a culpa não foi deles, a culpa foi dos governos que os deixaram isolados na mata, em grandes núcleos, sem comunicações*", e ele agora estava ali, olhando por eles, afagando-lhes as cabeças e cuidando de sua assimilação, protegendo-os contra as influências estrangeiras — ou de origem germânica. Pois, assim como extinguiu os partidos políticos que não passavam de "*agremiações regionais*", não poderia também

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

permitir que "*elementos estranhos, vindos de fora, procurassem perturbar a tranqüilidade das populações coloniais*", levando-as a praticarem o exercício de "*atividades contrárias aos interesses da Pátria*". Uma vez que "*os agentes forasteiros não poderiam constranger a população colonial, a qual, por seus interesses, por suas inclinações e pelas tradições de sua vida, é genuinamente brasileira*". Em relação à posição do país frente à Guerra na Europa, Vargas diz que "*o Brasil não é inglês nem alemão. O Brasil é brasileiro*", assim como "*esta população, de origem colonial, é brasileira*".

Em outro pronunciamento, posterior a este, Vargas ressalta novamente a neutralidade do país frente à guerra, mas se houver de ser tomada alguma iniciativa neste sentido, ela não será tomada de forma isolada, e sim, "*de acordo com as demais nações americanas*" [44].

Entre a Tradição e a Modernidade.

Os Estados Unidos da América (EUA) sempre penetraram de forma impositiva na vida política e econômica das nações, influenciando países do mundo inteiro, desde o século XIX até a atualidade. Isto através da economia, com a exportação e massificação de produtos que vão da "*Coca-Cola*", da música — "*rock*" e "*jazz*" —, do cinema — *Paramount Pictures, Warner Brothers, Metro Goldwyn Mayer* —, da construção arquitetônica e da linguagem falada e escrita que tomaram a preferência da maioria da população em diversos lugares do mundo, inclusive o Brasil, a partir da expansão capitalista, do uso da mídia e da ação política.

O Brasil, que já havia passado pela influência de muitas imigrações — a lusitana, a italiana e a alemã — e de migrações internas, a partir de 1940 sofre o recrudescimento de influências norte-americanas, nos mais diversos setores, indo do econômico ao cultural.

O Vale do Itajaí, que teve predominância de imigração germânica[45] até então, não teve imigração inglesa ou norte-americana nos mesmos moldes das imigrações germânicas ou italianas.

No entanto, encontra-se na historiografia regional algumas comparações feitas entre as imigrações nos EUA e Brasil, por Max Tavares do Amaral, numa tentativa em assemelhar a imigração alemã no sul do Brasil com a inglesa nos EUA. Os ingleses vieram para a América do Norte para não mais voltar à Europa, e "*para demonstrarem o quanto foi definitiva sua deliberação de*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

abandonarem para sempre a Inglaterra, queimaram o navio que os trouxe para a liberdade"[46], enquanto que a imigração para o Vale do Itajaí, no Brasil, teria obedecido impulso semelhante: o de construir uma nova pátria, ainda que por motivos diferentes dos EUA: "*os que para cá vieram, enfrentaram o desconhecido na esperança de uma existência melhor, numa pátria nova*"[47].

A nova pátria, no caso o Brasil, já estava constituída: era uma monarquia. O que é diferente do caso da imigração dos EUA, o qual é presidencialista desde a sua independência, em 1776, oferecendo ao imigrante os mesmos direitos de estabelecer-se e praticar a cidadania como se houvesse nascido no país, inclusive com direito ao voto, caso que não aconteceu no Brasil. Porém, se por um lado as intenções que trouxeram os imigrantes para cá possam ser semelhantes aos da América do Norte, a de buscar uma nova pátria para viver, por outro lado há a questão da assimilação cultural.

Nos EUA, esta ocorreu mais facilmente devido a homogeneidade dos valores culturais encontrados pelos imigrantes na nova pátria, fazendo com que o sentido das várias imigrações fosse um só ao aportarem no país. No Brasil, e especialmente em SC, a justificativa mais comum diz que ela encontrou obstáculos e dificuldades devido a falta de atenção que estes recebem do governo nacional, deixando-os sem escolas e sem vias de comunicação com o resto do país. No entanto, inicialmente os próprios alemães não se misturaram com os luso-brasileiros e, logo depois (1870), quando vieram os italianos, não lhes foi permitido estabelecer-se no centro de Blumenau, mas sim em suas periferias (Rodeio, Ascurra e Rio dos Cedros), fazendo com que cada grupo se isolasse daqueles que imigraram de outros países, formando as chamadas *ilhas culturais*[48].

E, aparentemente, Max Tavares concorda com os sociólogos estadunidenses[49], quando estes afirmam que "*o uso da coerção para acelerar a assimilação está perto do fracasso*"[50], o que pode ser interpretado como sendo esta a sua posição referente a Campanha de Nacionalização, lembrando que ele próprio era um agente de tal Campanha.

Não é só na campanha de nacionalização que se comparam as imigrações destes dois países. Há também o relato do pastor estadunidense J.C. Fletch, que esteve nas proximidades de Joinville em junho de 1855, e fez a seguinte descrição do que viu:

> "O lugar em que nos achávamos era, na verdade, o início de uma nova cidade no deserto. (...) A aparência geral de tudo, recordava-me uma

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> colônia pioneira no Oeste. Era curioso ver homens do Reno e alguns moradores dos arredores de Berlim, plantados aqui entre as matas virgens, em cabanas da mais rude construção, cobertas com folhas de palmeiras."[51]

Ou seja, o pastor Fletch só poderia comparar as colônias alemãs que visitou através daquilo que ele próprio conhecia: as colônias alemãs na América do Norte. Sabe-se que aproximadamente 95% da imigração alemã foram para os EUA. Apenas uma parcela de 2% a 3% veio para o Brasil. Com tantos alemães nos EUA seria de supor que haja uma forte tradição cultural germânica naquele país. No entanto, é exatamente o contrário, uma vez que nos EUA eles já eram automaticamente assimilados pela legislação que os "adotava" como sendo cidadãos americanos logo que se estabeleciam no país. Ou seja, eles não apenas se sentiam bem acolhidos como também se sentiam cidadãos estadunidenses como quaisquer outros.

É interessante perceber que, sendo os imigrantes teuto-brasileiros de maioria luterana, tendo, portanto, o hábito da leitura do evangelho, as Bíblias "*tanto em versão portuguesa quanto em versão alemã, ambas eram publicadas em Nova York*"[52]. Porém, a influência germânica nos EUA nem de longe pode ser comparada à que houve em Santa Catarina.

Durante a Primeira Guerra (1914-1918), os EUA massificaram, através do cinema e da literatura, a propaganda anti-germânica. A Alemanha, por sua vez, criou a Deulig (*Deutsche Lichtspield-Gesellschaft*) e a BUFA (*Bil und Filmant*) que visavam através da produção e projeção de documentários uma publicidade positiva da Alemanha, interna e externamente, inclusive com propagandas militares. Como Blumenau, até a década de 40, esteve intrinsecamente ligada aos investimentos e à economia alemã, esses filmes chegaram até os cinemas da cidade. Também através do comércio fez-se sentir esta influência, pois a América Latina vinha num promissor envolvimento com o comércio alemão, fato que causaria uma perda de mercado no comércio norte-americano. Porém, a Segunda Guerra fez com que as economias dos países latinos se ligassem aos EUA, e deste se tornassem dependentes.

Com a Europa servindo de palco para a Guerra, os países do continente americano firmaram tratados políticos e econômicos entre si, o que significa dizer que a grande maioria de tais tratados foram com os EUA. O Brasil não foge à regra. Fez inúmeros tratados com os EUA durante a década de quarenta,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

às vezes, até de forma forçada. Em 1942, os Estados Unidos "*estavam prontos para invadirem o Nordeste, caso o ditador Getúlio Vargas não lhes entregasse as bases aéreas de Natal e Recife, essenciais para que os aviões americanos cruzassem o Atlântico*"[53].

No início daquele ano, houve uma reunião no Rio de Janeiro, presidida por Franklin Roosevelt, destinada a consolidar o rompimento das relações diplomáticas por parte do Brasil e dos EUA com o Eixo - Roma-Berlim-Tóquio. Havia o receio, por parte dos EUA, de que houvesse um ataque às costas brasileiras ou mesmo uma insurreição das comunidades alemãs e italianas no sul do Brasil. Por isso a Campanha de Nacionalização se fez tão às pressas — o que dificultou a assimilação e aculturação, feita do dia para a noite — em prol da cultura brasileira, a qual nunca foi muito explicitada e sempre sendo apresentada de forma um tanto vaga, limitando-se a dizer que ser brasileiro é saber o Hino Nacional de cor e conhecer todos os mártires e heróis militares e políticos que a História positivista, tradicional e "oficial" ensinavam nas escolas.

Portanto, em troca das bases aéreas no Nordeste, o Brasil recebeu armamentos dos EUA e o financiamento para implantação da Siderúrgica Nacional e da Fábrica Nacional de Motores (FNM), primeiros passos para a instalação da indústria de base no país.

Já em Blumenau, com a instalação do Batalhão de Caçadores em 1939, surgem relatos interessantes a respeito da cidade e sua sociedade. Rui Alencar Nogueira (1947; 137 p.), um militar que serviu junto ao Batalhão nesse período, estando, portanto, ligado aos interesses que sua instituição propunha, fez relatos de uma Blumenau ultrapassada, vivendo ainda no "*tempo dos colonizadores*", desligada do resto do país quanto às noções de conforto e de bem estar, com fortes tendências isolacionistas, com uma arquitetura antiquada, sofrendo com a falta de água encanada, onde as mulheres e os homens trajavam-se "*com requintes de elegância do século passado*" e havendo o interesse em se conservar e preservar, sem promessas de grandes modificações, tudo o que estes trouxeram da Alemanha.

Percebe-se neste relato a intenção ou a conveniência em demonstrar que os aspectos culturais germânicos são decadentes, sujos e antiquados, onde então a nacionalização veio trazer a modernidade do Novo Mundo, em contraposição às perspectivas européias do Velho Mundo. Justamente em 1943 são inauguradas as primeiras redes de água encanada, como forma de urbanização, saneamento e de civilidade do novo discurso. Bem como são

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

freqüentes no jornal *Cidade de Blumenau* artigos que enfatizam que o município precisa de um Hotel moderno, que tenha água encanada e banheiros decentes, condizente com a estrutura industrial e comercial da cidade.

Os grandes centros urbanos do país (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e mesmo Florianópolis) já haviam passado ou estavam ainda em constante processo de modernização desde as duas primeiras décadas do século XX, portanto, na década de 1940 era inaceitável que uma cidade com o porte industrial de Blumenau ainda não tivesse água encanada, rodovias e pontes ligando-a a tais centros urbanos. Tal estado tido como de retrocesso fora atribuído, como se vê pelo relato de Nogueira, ao atribuído sentimento isolacionista germânico presente na região. Com o centro urbanizado e devidamente ligado ao restante do país, as áreas rurais passam a ser vistas como resquícios desse retrocesso, um lugar onde as pessoas são antiquadas porque a modernidade ainda não chegara até lá.

Muito dessa noção persiste até hoje, onde o elemento rural e o colono são vistos como representantes de um atraso cultural. Há mesmo a noção do *alemão-batata*, que traz em seu conceito a perspectiva da humilhação: o descendente de alemão que vive no meio urbano não vê a si mesmo como quando olha para o descendente de alemão do interior; ele procura diferenciar-se como sendo mais "moderno" porque vive na cidade[54].

Dentro do que foi exposto, creio que fica mais claro perceber como o discurso do novo, do moderno, foi se estabelecendo nos olhares e sentidos do blumenauense. A presença maciça da publicidade estadunidense no Brasil, regendo as interpretações e as formas de comportamento e de consumo através dos anúncios de produtos estadunidenses nos jornais, revistas e rádios incentivou cada vez mais a voltar os olhares "modernos" para os EUA, como sendo estes um padrão e um modelo de referência para "sociedade civilizada e democrática".

Os Meios de Comunicação e os Costumes.

Além do tradicional cabo-de-guerra entre EUA e Alemanha na disputa por mercados de consumo para seus produtos no sul do Brasil, vemos que a concorrência não se limitou ao âmbito econômico. O aspecto cultural teve sua grande influência através do cinema e da imprensa.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Denise Matiola e Vilma M. Simão, no estudo *Cinema e Modos de Vida (1996)*[55], demonstram como é possível perceber o processo de assimilação de valores culturais através do cinema a partir dos anos 1950. A aceitação, principalmente por parte dos mais jovens, dos comportamentos e hábitos representados nos filmes hollywoodianos através da construção de imagens[56], fez com que a preferência dos filmes passados nos cinemas fosse muito mais de origem estadunidense do que brasileira ou alemã[57], apesar da proibição em exibirem filmes alemães e italianos durante a Guerra. O que também se fez refletir no comportamento das pessoas, contribuindo e fazendo parte do processo de modificação dos hábitos urbanos e das características sociais do povo blumenauense. Tal fenômeno, não se deu somente no nível de Vale do Itajaí, mas também em todos os países que abriram suas portas à influência cultural e econômica dos EUA, ou que deste eram alvos.

No jornal *Cidade de Blumenau* pode-se perceber que os filmes exibidos no Cine Busch durante a década de 1940 são em sua maioria de empresas como a *Metro*, *Paramount* e *Fox*, todas dos EUA. Da Alemanha, havia apenas alguns poucos filmes da *UFA*, principalmente noticiários, e alguns outros da Aliança Star Film, a qual apresentava filmes portugueses, franceses e italianos. Uma curiosa propaganda para um filme em cartaz dizia o seguinte:

> "Um Yankee em Oxford:
> forte, varonil, dominador, sincero sempre, Robert Taylor marca a maior 'performance' de sua sensacional carreira nesse film para todos os gostos!!"[58]

A forma como a chamada para o filme é colocada demonstra o caráter impositivo da própria política dos EUA: forte e dominador, não como um tirano, mas varonil e sincero como um heróico e sedutor galã de cinema. Muitos dos filmes da década de 40 abordam a Segunda Guerra sob o olhar dos aliados, como se a mesma não passasse de um campeonato esportivo fácil de vencer e ganho por antecipação, mostrando seus adversários como sendo cruéis, corruptos, inescrupulosos e sanguinários, ou então, abordando-os sob o aspecto de um musical bem humorado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Outro cartaz para o cinema, onde o mocinho, além de ser mil homens num só, é também nosso "bom vizinho".

Porém, é necessário ressaltar que havia também os descontentes com a relevância dada aos filmes norte-americanos:

> "Nenhuma celebridade do celluloide ostenta o seu nome de baptismo. Vetam-no, quasi sempre, em Holywood. (...) E a história dos artistas? Escriptores especialisados, generosamente pagos para isso, criam lances e situações românticas em torno a vida das artistas que favorecem immensamente o movimento das bilheterias. Holywwod é uma 'blague' (...) tudo é para efeito de publicidade, genero no qual devemos reconhecer a genialidade dos yanques."[59]

Ao afirmar que a especialidade dos "*yanques*" é a publicidade, o jornal demonstra a quem pertence a voz anônima do discurso, bem como a "*multiplicação (diversificada) dos meios*", criando a ilusão da multiplicidade de idéias e homogeneizando seus efeitos (ORLANDI, 1996).

Especialmente entre 1943 e 1945, quando os EUA declararam guerra à Alemanha, seguido pelo Brasil, a maioria dos filmes era justamente filmes de guerra e espionagem, além dos tradicionais e já popularizados filmes de *bangue-bangue*. Os títulos dos filmes variam, mas não se diferenciam no seu conteúdo[60]. Todos estes filmes eram exibidos pelo Cine Busch, principal cinema de Blumenau até 1990.

Estava claro quem era o "mocinho" e quem era o "bandido" nos filmes norte-americanos, porém, há também o aspecto da estética e dos padrões de beleza, onde o galã e a mocinha representavam o padrão de corpo perfeito, corte certo de cabelo, a roupa certa a ser vestida, o comportamento adequado para um indivíduo civilizado e "moderno".

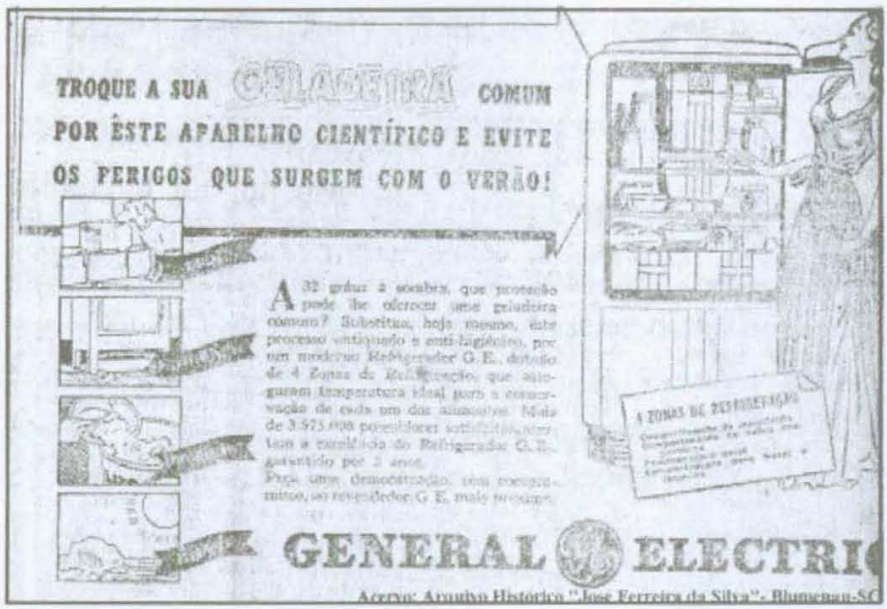
Nos anúncios e propagandas publicadas no *Cidade de Blumenau*, há anúncios da *Texaco*, *Ford*, *Kolynos*, *Atlantic*, entre outros, que trazem um discurso

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

preocupado em demonstrar como os outros produtos são velhos e antiquados, enquanto os seus representam o moderno, o avançado, o novo.

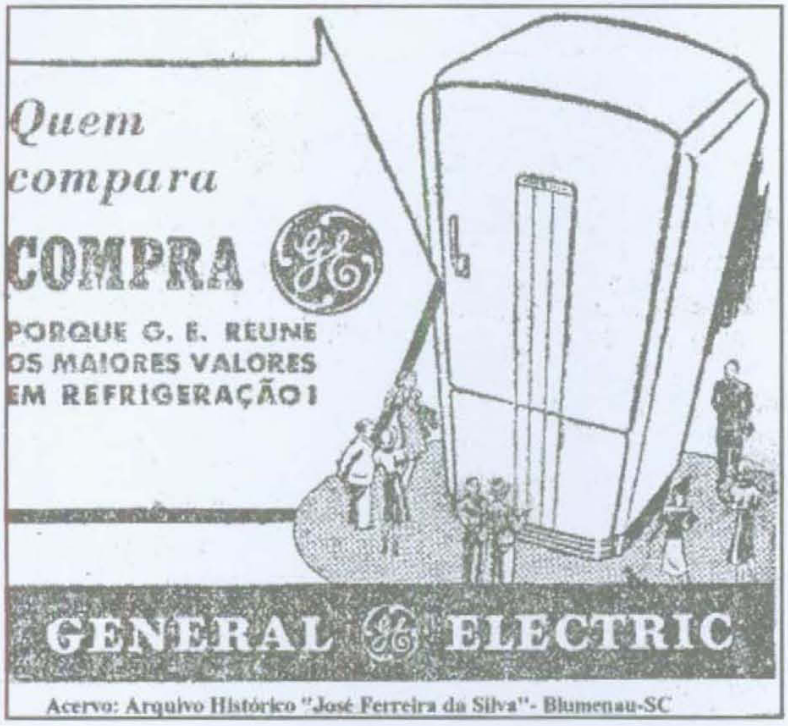
O refrigerador da Bitter Polar teve vida curta na publicidade dos jornais em Blumenau. Ao invés da cientificidade se apoiava na experiência e na tradição.



O refrigerador GE advoga para si o status de "aparelho científico", enquanto as demais "geladeiras comuns". A ciência e a tecnologia tem seu espaço na publicidade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense



A presença "marcante" do refrigerador GE é demonstrada pelo seu tamanho em relação aos diminutos consumidores, os quais parecem admirar um ícone religioso.

A *Gilette*, por exemplo, diz ser um produto que pertence ao homem moderno, em contraste com costume de cultivar uma barba longa[61]. Uma geladeira da *GE - General Electric*, faz alusão à propaganda de uma geladeira alemã, a *Bitter Polar*, dizendo que a da *GE* é um aparelho científico, enquanto a outra é uma máquina ultrapassada.

Há um grande enaltecimento da ciência nesse período, onde se tinha a expectativa de que através dela a humanidade alcançaria o máximo de conforto com o mínimo de esforço.

O discurso da modernidade é uma recorrência utilizada até hoje, onde o passado é visto como algo que está em contraposição ao tempo presente e futuro, fora de sintonia em relação às necessidades do homem, representadas pelo aspecto do descartável, de algo que só terá sua utilidade no presente, necessitando de uma renovação constante para substituir o antigo pelo último modelo, como sendo este o mais novo e mais moderno. Charles Baudelaire diz que a modernidade "*é o transitório, o rápido, o contingente*" (apud BRESCIANI; 1997). E todo esse discurso da modernidade é amparado pelo avanço tecnológico e científico, avanço este representado pela publicidade que os EUA faziam em torno de seus produtos já na década de quarenta.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O próprio imaginário do estadunidense é mais prospectivo do que retrospectivo, já que ele não vive projetado num passado histórico, mas sim, no presente, projetando-se constantemente no futuro[62].

O discurso da modernidade inserido na publicidade estadunidense, na Europa do pós-guerra, foi de grande efeito psicológico, no imaginário coletivo, pois demonstrava que o passado ideológico, representado pelas ruínas das cidades destruídas, era de cidades que traziam em suas construções e representações urbanas o discurso de uma ideologia ultrapassada, e que estas necessitavam ser reconstruídas, renovadas, substituídas por outros valores culturais que representem o moderno, o avançado[63]. E para tanto, nada mais conveniente que estes novos valores venham do Novo Mundo, no caso, dos EUA.

COMO CONQUISTADORES. — Civis Alemães passando por baixo da Bandeira dos Estados Unidos se dirigem para o Escritorio Administrativo do Governo Aliado na grande Cidade de Escweiler. Esta cena simboliza a seguinte frase do General Dwright Eisenhower, aos Alemães: "Viemos como Conquistadores e não como Opressores".
Foto do Serviço de Informações do Hemisferio.

Foto publicada na cidade de Blumenau, logo após a queda da Alemanha Nazista, onde os alemães são "conquistados" pelos EUA. Pode-se fazer uma analogia sobre a bandeira que pairava sobre os vencidos alemães e a presença sutil dos EUA entre os teuto-brasileiros.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Já em Blumenau, esse discurso de modernidade veiculado pela imprensa começa a se impor a partir da década de quarenta, quando a Campanha de Nacionalização reivindicava o presente e o futuro do idioma português, deixando o idioma alemão para o passado, junto com as cinzas da Alemanha derrotada pelos aliados, saindo os EUA — e o Brasil — como os grandes vencedores.

Concomitante à modificação dos hábitos e dos comportamentos das pessoas a partir da década de 1940 em Blumenau, também a cidade sofre mudanças significativas em sua estrutura urbana.

Com a construção de rodovias e ferrovias, o transporte fluvial — principal via de comunicação do município e fazendo parte do imaginário de muitos dos imigrantes que por ele vieram e transitaram — é desativado em 1949. O sistema rodoviário privilegiou os caminhões e veículos da *Ford* e da *GM* estadunidenses, como sinônimo de desenvolvimento urbano e econômico.

Em 1956, a antiga Igreja matriz localizada no centro da cidade, contando com uma arquitetura semelhante às igrejas católicas européias, é demolida e construída outra em seu lugar, com traços arquitetônicos retos e "modernos" que não lembram paisagem alguma. Três anos depois, vem abaixo o *Hotel Holetz*, um dos principais cartões-postais da cidade até então, dando lugar ao atual *Grande Hotel Blumenau*, também com seus traços arquitetônicos racionais e retilíneos, procurando uma arquitetura que representasse o universal e não os regionalismos, próprio da arquitetura moderna de Niemeyer.

Em 1958, as vias de comunicação trazem a telefonia internacional para o município e região. Curiosamente, a primeira ligação internacional não é para a Alemanha, mas sim para Nova York, nos EUA, onde o representante comercial Rodolfo Goemann tinha uma de suas representadas.

É certo que a aproximação do Brasil em relação aos EUA trouxe ao país uma aceleração em termos de industrialização e uma melhor urbanização nos grandes centros produtores do país. Tudo isto, no entanto, motivado pela disputa por mercados de consumo que os EUA se propuseram a tomar contra os países da Europa. As agências de publicidade estadunidenses agindo no Brasil, a imprensa nacional e o Cinema contribuíram para que o discurso da modernidade tecnológica e da superioridade econômica e política dos EUA se instalassem de forma rápida e surpreendente na região do Vale do Itajaí, ocupando espaços nos meios de comunicação antes ocupados pelo discurso

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

germânico.

Os valores culturais estadunidenses passam então a representar um modelo a ser seguido, copiado, mesmo que no inconsciente das pessoas, através do que é exibido nos cinemas e nas rádios, através do que é lido nos jornais e revistas, através dos produtos de consumo que a economia impõe, carregadas de valores que, por serem considerados modernos e avançados, acabam sendo aceitos, introjetados e copiados não só pela sociedade blumenauense, mas também pela brasileira em geral.

Tudo isto não se trata de querer levantar a raiva popular pelos "yankees", nem de querer afirmar que antes, no período do discurso germânico, Blumenau era "melhor" ou "pior". Atualmente, sofremos a influência cultural tanto de um quanto de outro. É certo que não nas mesmas proporções, uma vez que a influência estadunidense está mais presente na mídia. Trata-se, portanto, de compreender como somos e fomos construídos culturalmente a partir deste contexto. Negar a participação de tal influência em nossa vida atual significa negar parte daquilo que está ao nosso redor. E neste "negar" não está implícito o conformismo, mas sim a consciência mais próxima da realidade de quem somos enquanto produtos e produtores de cultura.

Notas:

[1] Questões tais como o desconhecimento do idioma alemão, os hábitos alimentares nada germânicos, a não preferência pela música alemã e a não concordância com o conceito da "operosidade" atribuída aos blumenauenses.

[2] Modernização esta no sentido de construir vias de comunicação (pontes, rodovias e expansão da telefonia) que ligassem Blumenau aos grandes centros do Estado e do país, uma vez que as ausências de tais vias foram utilizadas como justificativa para o isolacionismo étnico e cultural do Vale do Itajaí.

[3] Por "discursos de passagem" entende-se não aquele discurso que transita e se vai, mas sim, o discurso intermediário que procura anular o discurso anterior, preparando o caminho para o posterior, para que este encontre o espaço necessário, tornando-se predominante e forte.

[4] Como José Ferreira da Silva, Max Tavares, Malta Ferraz entre outros.

[5] Quando dizemos "gerais" não estamos "generalizando", mas sim, afirmando que existem exceções, oposições e resistências. No entanto, neste artigo não estamos abordando as resistências, mas sim os aspectos gerais da ruptura cultural blumenauense ocorrida nas décadas de 1930 e 1940 e que produziram seus reflexos nos dias atuais.

[6] MARCUSE, Herbert. Cultura e Sociedade. In *Zero Hora*. Porto Alegre; sábado, 07 de fevereiro de 1998, Cultura – Segundo Caderno, p.02.

[7] MATTIOLA, Denise e SIMÃO, Vilma M. *Cinema e Modos de Vida*. Blumenau: Projeto PIPe – FURB, 1995, p.26.

[8] New Orleans Creole Courier, 27/01/1855 in SCHILLING, Voltaire. *EUA x América Latina*: as etapas da dominação. 4ª.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto; 1991, p.13.

[9] FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*: formação do patronato político brasileiro. 5ª.ed. Porto Alegre: Globo; 1979, v.2, p.672.

[10] Luís Carlos Prestes foi um dos líderes do movimento Tenentista da década de 1920 que, após a Revolução de 30 liderada por Vargas, adota a ideologia comunista, formando a Aliança Nacional Libertadora, em 1935, a qual

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

é dissolvida após uma frustrada tentativa de Golpe no mesmo ano, a chamada Intentona Comunista, quando então Prestes é preso.

[11] SILVA, Hélio. A Grande Marcha. In FAORO, Raymudo. Op cit... 1979, p.680.

[12] Na década de 1930 houve uma tendência muito forte para que todos os países americanos se juntassem política e economicamente, o chamado Pan-Americanismo, e procurassem barrar ou limar as influências econômicas e até culturais européias de seus países. Portanto, o nacionalismo brasileiro não dizia respeito exclusivamente ao território nacional: ser brasileiro era também ser americano. É certos que, devido a dependência econômica de muitos países latino-americanos, estes mantinham estreitos laços com os EUA, único país do continente com força política e econômica suficiente para manter o restante do continente sob sua tutela.

[13] CIDADE DE BLUMENAU. *Cidade de Blumenau*. Blumenau: 08 de maio de 1940, nº 57.

[14] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 08 de maio de 1940, n º 57.

[15] FAUSTO, Boris. História do Brasil. 2ª.ed. São Paulo: EDUSP; 1995, p. 353.

[16] Idem..., p.356.

[17] RAMALHO, Lúcia Carpi e CAMPOS, Jéssica Moura D. *Integralismo*. Série Cadernos de Nossa História. Rio de Janeiro: Arquivo Público do RJ; 1995, 59 p.

[18] NSDAP: National Socialistiche Deutschen Arbeitem Partey. Sigla alemã do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, ou Partido Nazista como ficou mundialmente conhecido.

[19] Apesar de desde o início da década de 1930 haverem núcleos e organizações nazistas em Blumenau.

[20] HILTON, Stanley E.. *O Brasil e a Crise Internacional (1930/1945)*.. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1977, p.31.

[21] CALENDÁRIO BLUMENAUENSE 1934/1935. Blumenau: Arquivo Histórico JFS; 1934.

[22] FONSECA, Abelardo Schneider da. Blumenau e o Sentimento Nacional. In *Calendário Blumenauense 1934/1935*. op.cit., p.29.

[23] BALSINI, Alfonso. O que devemos aos Extrangeiros. *Calendário Blumenauense*, op.cit. p.82-3.

[24] FAUSTO, Boris. Op.cit....p.360.

[25] O Integralismo, durante 1936 e 1937, envolveu-se em vários confrontos com a ALN e com antifascistas, resultando em manchetes negativas nos jornais, pois onde haviam tumultos e confusões lá estava a AIB. No entanto, apesar de serem nacionalistas e defensores da cultura brasileira, tinham toda sua estrutura paramilitar calcada nos moldes fascistas, o que os fez serem vistos como um grupo ideologicamente estrangeiro ou "alienígena", a exemplo do nazismo (Alemanha), do comunismo (URSS) e do próprio fascismo (Itália) no qual se espelhava.

[26] Blumenau havia votado em Júlio Prestes e não em Vargas em 1930. A Revolução de 30 nunca fora bem aceita pelos blumenauenses, a não ser pelos partidários de Vargas no município. Tal inquietação também é perceptível na imprensa, quando ocorre a queda da censura em 1945.

[27] BLUMENAUER ZEITUNG. O Novo Quadro Territorial do Brasil e o seu Sentido Nacional. Blumenau; 18 de outubro de 1938, n º 78, p.01.

[28] Provavelmente ele se refere à Lourdes Lages, que tocou em 26/11/1940 na Sala de Beethoven, em Berlim, a qual depois foi acusada de ser espiã nazista. Porém, este parece ter sido um caso isolado. CIDADE DE BLUMENAU. Brilhante atuação de uma pianista brasileira. Blumenau; 22 de janeiro de 1941, ano XVII, n º 26.

[29] FONTOURA, Matheus da. A Secular Colaboração Alemã em Terras do Brasil. In *Almanaque Wille Kalender*. Blumenau; 1940, ps. 47-8.

[30] BECKER, João. Mensagem ao Clero e aos Católicos sobre a Pátria e o Patriotismo. In *Der Familienfreund Katholischer Hauskalender*. Porto Alegre; 1941, ps. 17-25.

[31] BECKER, João. Op.cit..p.20.

[32] Idem... p.20.

[33] Idem...p.21. Tal é dito em relação à suástica nazista e ao sigma integralista, bem como aos demais símbolos, bandeiras e emblemas que estes ostentavam.

[34] DER FAMILIENFREUND KATHOLISCHER HAUSKALENDER. O que o Tio Calendário tem a dizer? Rio Grande do Sul; 1942, p. 51.

[35] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 31 de janeiro de 1940, n º 31.

[36] É fato notório que Vargas, apesar de dizer-se um "bom vizinho" em relação aos EUA, manteve o Brasil com um intercâmbio comercial promissor com a Alemanha nazista até o início da década de 1940, praticando uma espécie de escambo: trocava café ou outras matérias primas por armas e máquinas alemãs, uma vez que a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Alemanha negava-se a utilizar o dólar como moeda internacional de troca.

[37] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 17 de janeiro de 1940, n °. 29.

[38] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 30 de março de 1940, n ° 47.

[39] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 22 de maio de 1940, n ° 60.

[40] Além disto, há que se ressaltar que é nesse período que as grandes agências de publicidade e comunicação estadunidenses (McCann Erikson, Associated Press, Standard Oil etc) introduzem seus trabalhos no Brasil com uma intensidade maior que na década anterior, justamente por força da Guerra e para garantir seu espaço de mercado.

[41] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 13 de março de 1940, n ° 23

[42] Idem.

[43] CIDADE DE BLUMENAU. Brazil Brazileiro. Blumenau; 18 de maio de 1940, n ° 59. O próprio título deste artigo, apesar de tratar-se de um discurso de Vargas, parece provocativo, pois "Brazil" está escrito com "z", como se escreve em inglês, e dize-lo "Brazil Brazileiro" se está questionando que brasilidade e que sentimento nacionalista é este que se mistura tanto aos EUA. Tal pode ser interpretado como uma "manobra" por parte da oposição para burlar a censura.

[44] CIDADE DE BLUMENAU. *O Brasil e o Momento Internacional*. Blumenau; 18 de maio de 1940, n ° 59.

[45] No século XIX se compreendia como germânicos os imigrantes oriundos dos territórios da Bélgica, Áustria e Polônia, além da contemporânea Alemanha.

[46] AMARAL, Max Tavares do. Assimilação e Aculturação dos Estrangeiros e seus Descendentes no Vale do Itajaí. In *Centenário de Blumenau*. Blumenau: Prefeitura Municipal; 1950, p.356.

[47] Idem.

[48] Sachet (1970) utiliza este termo em relação aos diversos grupos de imigrantes europeus (italianos, poloneses, russos, austríacos e alemães) que levantaram seus povoados em terras catarinenses mas sem se mesclarem entre si, não só pela falta de vias de comunicação, mas também por uma opção por preservarem sua cultura e seus hábitos.

[49] Max Tavares cita Maurice A. Davie (*World Immigration – New York, 1936*) e Donald T. Taft (*Human Immigration – New York, 1936*).

[50] AMARAL, Max Tavares do. Op.cit.. p.362.

[51] SACHET, Sérgio. Homens do Reno em Cabanas. In *Jornal de Santa Catarina*. Ed. Especial Santa Catarina 100 anos de História. Florianópolis: Sábado, 29 de março de 1997, edição 4, p. 05.

[52] RENAUX, Maria Luiza. As Falsas Europas: colônias alemãs no sul do Império. Caras e Modos dos Imigrantes. Cap. 6. in *História da Vida Privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia das Letras; 1997, p.329.

[53] GASPARI, Elio. Os EUA iam invadir o Nordeste. In *Zero Hora*. Porto Alegre; Domingo, 22 de fevereiro de 1998, p.04.

[54] Sobre este interessante tema ver a obra de René Gertz, *O Perigo Alemão*, 1998, 87 p.

[55] Tal estudo mostra, através da História Oral, os relatos dos outrora jovens dos anos 1950 sobre como o cinema influenciava seus comportamentos. A sala de espera nos cinemas era muitas vezes o palco das paqueras, quando os garotos imitavam os trajes e trejeitos dos atores galãs para conquistarem as meninas que se impressionavam com os mocinhos dos filmes. MATIOLA, Denise e SIMÃO, Vilma M. *Cinema e Modos de Vida*. Blumenau: Pesquisa PIPe – FURB; 1996.

[56] Mostrando uma sociedade americana de classe média alta, com boas intenções, tecnologia, hábitos alimentares e sociais "singulares", prontos para defenderem com a própria vida aquilo que mais amam e sempre corajosos e aptos a lutarem pela chamada "liberdade".

[57] Até fins da década de 1930 muitos filmes alemães, franceses e italianos eram projetados nos cinemas, além dos estadunidenses, não havendo uma preferência definida por este último. Porém, com o Decreto Federal de 1941, os filmes alemães e italianos tiveram sua exibição proibida, tendo sua liberação somente durante a década de cinqüenta. Durante esse tempo, na década de quarenta, a predominância dos filmes de Hollywood, os seriados e os noticiários tiveram a preferência do público devido a massificação da narrativa cinematográfica norte-americana.

[58] CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 04 de maio de 1940, n ° 56.

[59] CIDADE DE BLUMENAU. Hollywood é uma "blague". Blumenau; 28 de março de 1940, n°46.

[60] Alguns títulos: Navio com Asas, O Homem que diz matar Hitler, Espião Invisível, Falsos Patriotas, Defensores

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

da Bandeira, Perigo no Pacífico, Ao Diabo com Hitler, Correspondente em Berlim, Os Filhos de Hitler, Espiões do Eixo, Paris nas Trevas, entre muitos outros.

[61] Modernidade esta apresentada sob o aspecto da economia de tempo e de dinheiro, da boa aparência que garante ascensão social e profissional, bem como o sucesso no amor.

[62] Isto pode ser percebido na celebração do dia da Independência (04 de julho) onde a intenção não é relembrar um fato histórico, mas sim o de repeti-lo a cada ano. É como se a cada 4 de julho eles proclamassem novamente sua independência.

[63] Sobre a presença cultural estadunidense na França do pós-guerra ver: BODY-GENDROT, Sophie. Uma Vida Privada Francesa segundo o Modelo Americano. In: PROST, Antoine e VINCENT, Gérard. *História da Vida Privada 5:* da Primeira Guerra a Nossos Dias. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Cia da Letras, v.5, 1992, p.529-79.

Referências Bibliográficas.

AMARAL, Max Tavares do. Assimilação e Aculturação dos Estrangeiros e seus Descendentes no Vale do Itajaí. *Centenário de Blumenau.* Blumenau: Prefeitura Municipal de Blumenau; 1950, ps. 355-68.

BALSINI, Alfonso. O Que Devemos aos Estrangeiros. *Calendário Blumenauense 1934/1935.* Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva; 1934, ps 82-83.

BECKER, João. Mensagem ao Clero e aos Católicos sobre a Pátria e o Patriotismo. *Der Familienfreund Katholischer Hauskalender.* Porto Alegre: 1941, ps. 17-25.

BLUMENAUER ZEITUNG. O Novo Quadro Territorial do Brasil e o seu Sentido Nacional. *Blumenauer Zeitung.* Blumenau: 18 de outubro de 1938, nº 78.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, Cidadania e Imaginário. apud SOUZA, Célia Ferraz de e PESAVENTO, Sandra Jatahy (coord.) *Imagens Urbanas:* os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Ed.UFRGS; 1997, ps. 13-20.

CALENDÁRIO BLUMENAUENSE. Prefácio. *Calendário Blumenauense 1934/1935.* Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva; 1934, p.02.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural:* entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1988, 239 p.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 17/01/1940, ano XVI, n º 29.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 31/01/1940, ano XVI, n º 31.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 13/03/1940, ano XVI, n º 43.

CIDADE DE BLUMENAU. Hollywood é uma "blague". Blumenau: 28/03/1940, ano XVI, n º 46.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 30/03/1940, ano XVI, nº 47.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 04/05/1940, ano XVI, n º 56.

CIDADE DE BLUMENAU. O Brasil e o Mundo. Blumenau: 08/05/1940, n º 57.

CIDADE DE BLUMENAU. "Brazil Brazileiro". Blumenau: 18/05/1940, ano XVI, n º 59.

CIDADE DE BLUMENAU. O Brasil e o Momento Internacional. Blumenau: 18/05/1940, ano XVI, n º 59.

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau: 22/05/1940, ano XVI, n º 60.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CIDADE DE BLUMENAU. Blumenau; 22/05/1941, ano XVII, nº 26.
DER FAMILIENFREUND KATHOLISCHER HAUSKALENDER. O Que o Tio Calendário tem a Dizer. *Der Familienfreund Katholischer Hauskalender*. Porto Alegre: 1942, ps. 50-61.
FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder*: formação do patronato político brasileiro. 5ªed. Porto Alegre: Globo; 1979, v.2, 700 p.
FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. 2ªed. São Paulo: EdUSP; 1995, 680 p.
FONSECA, Abelardo Schneider da. Blumenau e o Sentimento Nacional. *Calendário Blumenauense 1934/1935*. Blumenau: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva; 1934, p.29.
FONTOURA, Matheus da. A Secular Colaboração Alemã em Terras do Brasil. *Almanaque Wille Kalender*. Blumenau: 1940, ps. 47-8.
FOUCAUL, Michel. *A Ordem do Discurso*. 3ªed. São Paulo: Loyola; 1996, 79 p.
GASPARI, Elio. Os EUA iam invadir o Nordeste. *Zero Hora*. Porto Alegre: Domingo, 22 de fevereiro de 1998, p. 04.
HILTON, Stanley E. *O Brasil e a Crise Internacional (1930-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1997, 203 p.
MARCUSE, Herbert. Cultura e Sociedade. *Zero Hora*. Porto Alegre; Sábado, 7 de fevereiro de 1998, Cultura - Segundo Caderno, p.02.
MATIOLA, Denise e SIMÃO, Vilma M. *Cinema e Modos de Vida*. Blumenau: Relatório Final de Pesquisa, PIPe - FURB, 1995.
NOGUEIRA, Rui Alencar. *Nacionalização do Vale do Itajaí*. Rio de Janeiro: Biblioteca Militar; 1947, vol. cx, 137 p.
ORLANDI, Eni Puccinelli. *Interpretação*: autoria, leituras e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes; 1996, 150 p.
RAMALHO, Lúcia Campi e CAMPOS, Jéssica Moura D. *Integralismo*. Série Cadernos de Nossa História. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Rio de Janeiro; 1995, 59 p.
RENAUX, Maria Luiza. As Falsas Europas: colônias alemãs no sul do Império. Caras e Modos dos Imigrantes. *História da Vida Privada no Brasil 2*. São Paulo: Cia da Letras; 1997, v.2, cap. 6, ps. 291-335.
SACHET, Celestino. Fundamentos da Literatura Catarinense. In SILVA, Jurandir B.F. da (coord.). *Fundamentos da Cultura Catarinense*. Florianópolis: Lauder; 1970, ps. 77-111.
SACHET, Sérgio. Homens do Reno em Cabans. In *Jornal de Santa Catarina*. Ed.especial Santa Catarina 100 Anos de História. Florianópolis: Sábado, 29/03/1997, edição 4, p.05.
SCHILLING, Voltaire. *EUA x América Latina*: as etapas da dominação. 4ªed. Porto Alegre: Mercado Aberto; 1991, 78 p.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Crônicas do Cotidiano

– O Chá dos Imortais

– Projeto Gemini

TEXTO:

*URDA ALICE KLUEGER**

O Chá dos Imortais

Desde criança que ouvia falar do famoso chá dos acadêmicos da Academia Brasileira de Letras, mas nunca me imaginei participando de um. Um dia, inclusive, fui eleita e tomei posse na Academia Catarinense de Letras, e só então é que vi o quanto as pessoas tinham curiosidade sobre o chá dos imortais. Na ocasião, inúmeras pessoas vieram me perguntar se, a partir daí, eu também iria tomar chá, e tive que desiludi-las: cá por Santa Catarina, a Academia tinha uma série de sessões: Sessão de Posse, Sessão de Saudade, sessões festivas, mas nenhuma cerimônia de chá nas quintas-feiras, como o pessoal da Academia Brasileira. Eu teria que continuar a tomar chá de sabugueiro na ocasião das gripes, como sempre fizera, e quando falava isto, via a desilusão no olhar dos que me inquiriam. Assim, fiquei sabendo da importância que as pessoas davam ao famoso chá dos Imortais, da curiosidade que havia a respeito dele. Então, depois do que aconteceu nos últimos dias, achei por bem escrever esta crônica, contando como é, na verdade, o chá dos Imortais.

Faz duas semanas que estive no Rio de Janeiro, junto com os colegas Imortais de Santa Catarina, bons e criativos companheiros, uns amores de pessoas, que me dão a impressão de terem o cérebro sempre em ebulição, tal a quantidade de idéias que rola enquanto a gente conversa. Fomos ao Rio a convite da Academia Brasileira de Letras, e nosso convívio foi doce e bom; deixou na boca o gosto daqueles dias que depois a gente lembra com saudade. Íamos ser homenageados na Academia Brasileira de Letras, a convite da sua presidente, escritora Nélida Piñon e, na agitação que é a minha vida, não me inteirei muito da agenda a ser cumprida.

* Escritora e membro da Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Já no Rio de Janeiro, nosso presidente, Paschoal Apóstolo Pítsica foi quem me intimou: amanhã, às três da tarde, na Academia.

Às três da tarde lá estava, e com os colegas, conheci as dependências daquela instituição tão tradicional na vida brasileira: a Academia funciona num antigo casarão do centro do Rio, lindo, harmonioso, cheio de peças decorativas de alto valor, e com uma ampla biblioteca que me encantou: estão lá todas as obras de todos os imortais, os de agora e os do passado, onde ficamos a bater papo com o simpático bibliotecário. A primeira hora passou num instante, e logo Nélida Piñon nos chamava para o chá, o famoso chá, sim senhores, sem mais nem menos, só que não às cinco, mas às quatro da tarde, talvez para fugir um pouco à tradição britânica, à tradição desses britânicos que tanto mal já fizeram ao Brasil e a tantos outros pueblos.

A sala onde é servido o chá é uma sala ampla e luminosa – poder-se-ia dizer que é como uma grande sala-de-visitas de uma casa. Diversas mesas estavam requintadamente arrumadas e servidas – dei uma olhada geral para contar para vocês. Alguns acadêmicos muito velhinhos já estavam sentados, um deles tão velhinho que viera numa cadeira de rodas, empurrada por uma enfermeira. Fiquei morrendo de pena: não os conhecia, não sabia os seus nomes, não conhecia suas obras. Eram pessoas de um outro tempo, de uma época anterior à minha, não tivera eu a oportunidade de saber o que tinham feito. Era de morrer de pena estar ali e não saber, ter a oportunidade de falar com eles e não saber o que dizer. Conformei-me quando me chamaram para sentar – fiquei numa mesa com gente bem conhecida, com alguns dos meus companheiros daqui de Santa Catarina, e encaramos o chá.

Havia um monte de pratos e pratinhos com coisas deliciosas, como bolo de fubá com coco e pasteizinhos, e um garçom prestativo nos servia o chá quentíssimo. Apesar de estar me deliciando com as iguarias, não pude deixar de fazer uma comparação: aquelas coisas ali estavam muito gostosas, mas não chegavam perto das mesas de doces que a minha prima Sofia fazia nos seus aniversários.

Na verdade, eu não estava muito emocionada por estar ali. Estar na Academia Brasileira de Letras era como estar em qualquer outro lugar, até que, de repente, tudo se iluminou: acabava de chegar a grande mestra, a que trouxe a emoção que estava faltando. Raquel de Queiroz adentrou à academia como se tivesse um halo luminoso, e eu fremi e me arrepiei ao conhecê-la pessoalmente. Não é todos os dias que se pode conhecer um ídolo! Aí senti que valeu a pena ter ido lá! Aí senti que o chá dos Imortais tem a sua grandeza!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Projeto Gemini

Sempre digo que me criei numa época maravilhosa, onde aconteceram coisas tão fantásticas como nunca o mundo tinha visto. Essas coisas vão desde os Beatles até o movimento hippie, com sua quebra dos valores estabelecidos, e entre elas, sem dúvida, uma das mais empolgantes foi a corrida espacial.

Eu ainda não sabia ler quando me chegou a primeira informação: o Sputnik, artefato soviético que andou entrando na órbita da terra. O Sputnik chegou até mim através de uma revista infantil chamada "Reizinho" – minha irmã Mariana foi quem leu para mim a história do Reizinho às voltas com um Sputnik que ele não entendia.

Em seguida, houve a história da cachorra Laika, que havia entrado em órbita terrestre. Talvez Laika tivesse viajado no próprio Sputnik, não sei mais – o que sei é que nasceu uma ninhada de cachorrinhos, lá em casa, e a cadelinha mais bonita recebeu o nome de Laika. Bem empolgantes foram os meus primeiros contactos com a corrida espacial! Só tinha que me envolver com ela!

Em 1961, quando estava no segundo ano de escola, minha professora, a Irmã Rosária, contou-nos que um ser humano, dentro de uma nave espacial, andara na órbita da terra. Não sei o que as outras crianças acharam, mas para mim foi o máximo: para uma criança que tinha uma cachorra chamada Laika e que já prestara atenção no Sputnik, aquilo era uma baita novidade. Se a memória não me falha, o ser humano em questão chamava-se Iuri Gagarin.

Daí para a paixão total pelo assunto foi um pulo, principalmente quando os Estados Unidos entraram na corrida espacial e começou o projeto Gemini.

Quantas Geminis foram para o espaço? Já não sei mais, mas foram muitas. Sei é que não perdia mais um noticiário, no rádio, de meio-dia e de noite, para ver se havia alguma notícia nova sobre o projeto Gemini.

As naves espaciais Gemini sempre levavam dois ou três astronautas, e é claro que eu também iria ser astronauta quando crescesse. A cada nave que ia pra o espaço, eu passava dias e dias o mais que podia junto ao rádio, acompanhando todas as possíveis notícias sobre cada astronauta, vivendo a vida deles, querendo respirar por eles.

Houve uma viagem de uma Gemini que não deu muito certo: na hora

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de reentrar na atmosfera da terra, alguma coisa saiu errada, e a nave não podia mais voltar. Meu Deus, o que seria dos meus maravilhosos astronautas que eram como pessoas da minha família? Eles iriam morrer lá em cima, quando acabasse o oxigênio – um astronauta era alguém sagrado, não podia morrer! Ah! Como eu rezei naqueles dias, o quanto pedi a Deus e ao meu anjo-da-guarda que ajudasse os estadunidenses para que eles achassem uma solução, para que salvassem os astronautas! Era indizível a minha angústia, impossível sossegar ou dormir quando sabia que, lá no céu, em algum lugar, alguns astronautas poderiam, dali a algumas horas, ficar sem oxigênio e morrer!

Os estadunidenses acabaram achando o ângulo certo para a nave reentrar na atmosfera, e os astronautas por quem eu tanto rezava acabaram caindo no Oceano Pacífico, e saíram da sua Gemini sorrindo para todo o mundo. Essas imagens a gente via nas revistas, na semana seguinte, e elas aqueciam o coração, como aqueciam!

Daí, já perto de 1970, quando eu já era uma mocinha mas não tinha perdido nem um pouquinho do meu entusiasmo pela corrida espacial, uma Gemini chegou à lua! Só fui ver as imagens televisadas anos depois – ainda não tínhamos televisão, continuava com as fotos das revistas, mas aquilo foi uma das coisas mais fantásticas que poderia ter acontecido! E claro que depois da lua iríamos a Marte, e a outros, outros e outros planetas. Eu me aplicava na escola para estar bem preparada na hora de ser astronauta, mas a coisa mixou. Depois da lua, o Projeto Gemini foi parando... parando... até que parou de vez. Vieram outras coisas, depois, ônibus espaciais, coisas assim, mas a magia do projeto Gemini nunca mais voltou. Acabei sendo bancária, sem a menor chance de algum dia chagar à astronauta. Foi uma pena! Teria sido muito mais divertido se o antigo sonho tivesse dado certo!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Memórias

- Localização não propícia da Cidade de Blumenau
- A Bromélia e o Plasmodium

TEXTO:

*SIEGFRIED CARLOS WAHLE**

BLUMENAU em Cadernos

Localização não propícia da Cidade de Blumenau

A localização de Blumenau, a mais importante colônia às margens do rio Itajaí, não foi fundada em lugar muito propício. Este assunto tem sido objeto de muitos comentários, principalmente por Frei Estanislau Schaette, que em muitas reuniões abordava este assunto com muita insistência. Realmente, quando Blumenau foi fundado, os meios de comunicação eram resumidos ao transporte fluvial e ao transporte rodoviário por meio de carroças e montarias, que dispensavam estradas de rodagens bem traçadas e bem acabadas. Raras eram as vezes que os colonos se dirigiam ao centro. Esta freqüência começou a aumentar com o aparecimento das igrejas católicas e protestantes. Até os princípios do século 20 somente eram usadas carroças e montarias e esporadicamente carros de mola, e estes somente por famílias de grandes recursos. O automóvel apareceu isoladamente no início do século 20 e com maior intensidade na década de 10. Foi com o aparecimento do transporte automotivo que se agravou a localização imprópria da cidade de Blumenau. Para os administradores de Blumenau, administrativamente medíocres, este assunto era tabu, com exceção do Dr. José Bonifácio da Cunha, que, além de possuir uma visão muito clara da situação inadequada de Blumenau, iniciou, no seu mandato de Superintendente, em dar às ruas um traçado mais adequado. Infelizmente, outros candidatos às Superintendências o combatiam até que ele afastou-se de Blumenau desiludido. Com isto Blumenau permaneceu com a sua planta urbanística completamente inadequada. Frei Estanislau, nas

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

reuniões em que tomava parte, criticava asperamente a falta de iniciativa dos administradores blumenauenses, por simples comodismo ou ignorância.

Entre as sugestões que apareceram numa das reuniões, foi a do Dr. Henrique Schloemann, diretor da Geobra., projetista e construtora da ponte metálica ferroviária. Dr. Schloemann era de opinião que o rio Itajaí, na passagem pela cidade, fosse retificado desde o cotovelo acima da Ilha do Ovo (Ei Insel), até o cotovelo no início do município de Gaspar. Houve quem achasse esta solução de fantasiosa. Na realidade só quem ignora a existência de soluções idênticas poderá considerar esta uma solução de fantasia, quando ao em vez, poderia ser considerada uma solução onerosa. Não vamos tão longe. No Rio de Janeiro foram obtidas grandes áreas com os desmontes hidráulicos do Morro do Castelo e do Morro Santo Antônio, que modernizaram a urbanização do Rio de Janeiro, como o Aeroporto de Santos Dumont, e a ampliação da Praia do Flamengo. O desaterro dos morros junto ao rio Itajaí serviria para aterrar o leito do rio que passa pelo centro da cidade. Esta retificação e aterro da parte do leito do rio que atravessa o centro da cidade praticamente ampliariam pelo dobro a parte urbana da cidade. Naturalmente, qualquer empreendimento desta natureza exigiria inicialmente um levantamento topográfico que possibilitasse uma avaliação econômica da obra. Estes trabalhos de engenharia são feitos por empresas de engenharia especializadas com grandes experiências nestas obras. Uma vez avaliados os custos desta obra, torna-se necessário um estudo de viabilidade e as possibilidades de obtenção dos recursos. Só então se procede a elaboração de um projeto básico. Os custos destes trabalhos de engenharia podem chegar a 10% do valor final da obra. Os profissionais para a elaboração destes levantamentos são formados por muito poucas escolas de engenharia. No Brasil a escola mais renomada na formação destes tipos de engenheiros foi a antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro, que mudou de nome com a criação da Universidade do Brasil em 1937 para Escola Nacional de Engenharia e para Escola Nacional de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com a criação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Entre os maiores engenheiros formados no Brasil encontra-se o blumenauense Emilio H. Baumgart e o carioca Paulo de Frontim, o grande reformador da cidade do Rio de Janeiro.

A falta de iniciativa para a avaliação da melhoria do lugar não propício para um lugar mais adequado é um freio no progresso da urbanização de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A Bromélia e o Plasmodium

Quando em 1927 apareceu em Blumenau com certa intensidade a malária, também fui vítima da mesma. Os sintomas, calafrios e suadouros alternados foram o suficiente para caracterizá-la. O remédio que se receitava eram cápsulas de massa de trigo bipartidas, recheadas com um composto de sulfato de quinino. As metades eram coladas com clara de ovo. Na Farmácia Central de João Medeiros encontravam-se estas cápsulas sempre prontas. Tinham um gosto horrível provocando ânsias de vômito. Em 1929, um novo ataque de malária, e as mesmas cápsulas de quinino foram ingeridas. A malária não se restringia só a mim, meu pai também a teve por diversas vezes e o recurso era sempre o Sr. João Medeiros.. Este senhor era o benfeitor dos pobres, ajudava os carentes de Blumenau sempre com muito carinho. A farmácia parecia-se com uma sala de espera de uma clínica pública, com a diferença que o doente não só saía diagnosticado, mas também ia suprido com os necessários remédios sem pagar. Ao entrar na farmácia, pelo aspeto do doente, já se sabia o que ele tinha. Quando apresentava calafrios ou suadouros, estava caracterizada a malária. Semanalmente o Sr Medeiros atendia pessoas acometidas de malária. Como a grande maioria dos doentes de malária era tratada em farmácias, tornava-se difícil fazer um levantamento para ver a incidência da mesma na população. Durante a minha permanência no Ginásio Catarinense em Florianópolis, ela não mais se manifestou.

Ao realizar o meu estágio no Arsenal de Marinha da Ilha das Cobras, quando estava terminando o curso de engenharia, em fins de 1941, fui novamente atacado pela malária em pleno Rio de Janeiro.

Ao que tudo indicava, a causa deve ter sido um dique antigo desativado com as comportas fechadas e somente meio cheio de água, que parece ter sido de chuva, porém coberto de teias de mosquitos. Parecia ter sido o foco de larvas de mosquitos.

Um especialista em doenças tropicais, suspeitou deste dique desativado, e receitou-me um remédio chamado Atebrina, da Bayer, já há muitos anos abandonado. Este remédio tinha uma reação, mudava a cor do usuário deixando a pessoa de repente totalmente amarelada. Do modo como a cor aparecia, também desaparecia. Este remédio não só curava como prevenia contra a malária. Tal remédio não foi adotado pelas forças americanas, mas

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

reformulado para perder a propriedade de mudança de cor. O remédio para malária era estratégico para as forças americanas, localizadas no Pacifico

Alguns anos mais tarde espalhou-se a notícia que um padre do Seminário Metropolitano da cidade de Brusque(SC), que sofria de ataques de malária, também dedicado ao estudo da botânica, observou que os mosquitos ***Anopheles*** do subgênero ***Kertesziase***, portadores do perigoso protozoário ***Plasmodium***, que provoca a malária, hospedavam-se nos pequenos tanques suspensos da bromélia. Embora parecesse algo insignificante, esta observação indicou a origem da malária em Santa Catarina permitindo a erradicação da mesma.

Este padre, Cônego Dr. Raulino Reitz, passou a ser carinhosamente apelidado de Padre dos Gravatás (plantas bromeliáceas). O padre Reitz sentia-se feliz e orgulhoso com este apelido,

Em conseqüência desta descoberta começaram os desmatamentos nas proximidades das cidades catarinenses, afastando mais dos perímetros urbanos o perigo da malária.

Quem foi este Padre dos Gravatás? Raulino Reitz nasceu em 19 de setembro de 1919 em Antônio Carlos (SC), onde cursou a Escola primária. Herdou de seu avô o amor e o cultivo da botânica. Freqüentou o Ginásio e o Clássico no Seminário Metropolitano, Azambuja, Brusque, SC, (1932 a 1936). Cursos adicionais para a sua formação de sacerdote os realizou no Rio Grande do Sul. Com o mesmo idealismo metódico, que abraçara a carreira sacerdotal, paralelamente o fazia ao estudo da botânica. O Padre dos Gravatás era dotado de um temperamento persistente e realizador em assuntos de botânica.

Antes mesmo de ser ordenado sacerdote em 1943, já tinha fundado em 1942 o Herbário "Barbosa Rodrigues". Com este herbário estava homenageando o grande botânico mineiro, no dia do centenário de seu nascimento.

Depois de ordenado sacerdote, em Florianópolis e celebrada a sua Primeira Santa Missa, em sua cidade natal, prestou serviços pastorais em duas paroquias, sempre levando consigo o seu Herbário. Em 1946 foi removido para Itajaí, onde terminou a sua peregrinação. Em Itajaí a sua sede provisória era a Casa Paroquial de Itajaí, onde fundou também uma sociedade científica civil em 1946.

Em 1950-1953 construiu a sede própria do Herbário. Catorze anos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de sua vida (1951-1964) dedicou ao levantamento da flora catarinense, acumulando uma coleção de aproximadamente 70.000 exsicatas (plantas secas e prensadas para herbário). Estima-se que o Herbário Barbosa Rodrigues contenha cerca de 95% da flora catarinense.

Além dos trabalhos de pesquisas, publicou 45 livros e 114 artigos sobre botânica. Editou a revista Sellowia, no inicio de 1949. Idealizou e editou a Flora Ilustrada Catarinense, impressa em 174 fascículos, num total de 13.000 páginas.

A vida do padre Raulino não só se restringia às pesquisas, completava-se com o ensino. Durante 24 anos (1947 a 1971) exerceu o cargo de Diretor de Ensino no Seminário de Azambuja, Brusque.

Em 1970 licenciou-se em Filosofia pela FIDENE. (Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Rio Grande do Sul) IJUÍ, RS, e em 1973 doutorou-se em Botânica Sistemática na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, SP), além de outros cursos de tecnologia, na IOWA State University, EUA.

Exerceu o cargo de professor titular de Botânica Sistemática na FURB, Blumenau, SC.

Em 1961 criou e implantou o Parque Botânico do Morro Baú, em Ilhota, SC com 750 hectares.

Foi sócio , participou, integrou conselhos, diretorias, inclusive a diretoria do Jardim Botânico do Rio de Janeiro(1971-1975). Foi filiado a 25 sociedades científicas e culturais. Sócio honorário de várias instituições científicas de várias partes do mundo. Vinte e cinco prêmios, medalhas, diplomas e outros, recebeu durante as suas atividades. Ocupava a cadeira número 07 da Academia Catarinense de Letras, em Florianópolis, onde foi eleito por unanimidade. Estagiou em várias instituições, nos EUA, Alemanha e França.

Em 1990 foi agraciado pela ONU com o Prêmio Global 500. Ao ser homenageado pela Câmara de Vereadores de Itajaí às 18,30 horas, no dia 19 de novembro de 1990, e durante a seção, enquanto estava pronunciando palavras de agradecimento, sentiu um mal súbito. Deixou a tribuna, foi levado às pressas ao Hospital, onde veio a falecer às 7,45 horas do dia 20 de novembro de 1990 de um enfarto agudo do miocárdio,

Sobre a sua lápide consta: *"Cônego Dr. Raulino Reitz". o "Padre dos*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Gravatás 19.09.1919 - 20.11.1990". "Todas as plantas da Terra louvai ao Senhor" (Dan.2,76).

Padre dos Gravatás,. como ele gostava de ser chamado, era de origem pobre, humilde, modesto, simples, idealista, trabalhador, metódico, persistente e realizador. Gostava de conversar com pessoas simples e idosas. Grande defensor da flora e da fauna, soube conciliar a vida Sacerdotal com a de Botânico.

Cônego Dr. Raulino Reitz dentro de sua humildade e modéstia foi um dos maiores protetores dos catarinenses, livrando-os do grande mal que foi a malária.

Solilóquio do Padre dos Gravatás

As bromélias me causaram sofridos acessos febris de malária, quando aluno e professor, no vale de Azambuja em Brusque.

No entanto sua beleza e classe me apaixonaram, passando, a ser-lhes cativo.

Referências:

BERNARDES, Zilda Helena Deschamps. Necrológio Cônego Dr. Raulino Reitz: "o padre dos Gravatás". In: Revista *Sellowia,* n. 45/48. Herbário Barbosa Rodrigues.

REITZ, Raulino. *Bromeliáceas e a Malária - Bromélia Endêmica.* Herbário Barbosa Rodrigues. 1983, VIII.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Monsenhor Friedrich Tombrock e a nomatização de comportamento em São Ludgero, SC (1896-1957).

TEXTO:

*ELZA DAUFENBACH ALVES**

No século XIX, a Igreja Católica na Europa, enfrentava uma crise bastante aguda que lhe diminuía gradativamente seu poder tanto no plano temporal quanto no espiritual, resultado do processo de industrialização, do pensamento liberal e do nacionalismo. Esta crise foi mais sentida na Alemanha e na Itália em cujos territórios tais mudanças ocorreram somente naquele século.

A existência de correntes de pensamento baseados nos princípios liberais colocava o indivíduo como senhor de suas ações e responsável por seu destino moral e espiritual. A industrialização propiciava a adesão e tais princípios, fazendo com que valores religiosos agrários fossem deixados de lado pelos operários, inclusive os que emigravam do campo. O nacionalismo, por sua vez, retirava da Igreja os estados pontifícios na Itália.

Esta perda de poder fez a Igreja reagir, notadamente na segunda metade do século, através da condenação dos valores do mundo moderno, da negação dos princípios democráticos, da tentativa de renovação dos seus quadros, da decretação da infalibilidade papal e de centralização do poder na figura do Papa.[1]

Conforme Roberto Romano, o Ultramontanismo, como tendência de centralização sob o comando de Roma, criou bases com a reforma do clero secular e religioso, dando-lhes uma disciplina rígida e uma formação nos seminários de acordo com as normas do Concílio de Trento, do século XVI, sob inspiração filosófica do tomismo. Reforçou o poder episcopal apoiado em clero formado na mentalidade antimodernista, sob o triunfalismo da soberania espiritual visível da Igreja.[2]

* Doutoranda do programa de Pós-graduação em História da UFSC. Trabalho apresentado originalmente no X FECAB - Federação dos Centros de Cultura Alemã no Brasil.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Na Alemanha, a Igreja Católica, especialmente a Diocese de Münster, começou a ver nas colônias teutas do sul do Brasil a possibilidade de êxito de seu projeto de catolicismo restaurado. Vários fatores contribuíram para a empreitada: a origem rural da maioria dos emigrantes católicos demonstrava que ainda não tinham sofrido influência significativa dos valores da modernidade; a quase inexistente presença do clero brasileiro nestas comunidades e as reiteradas solicitações para a vinda de padres alemães feitas pelas mesmas; e ainda o muito conhecido processo histórico da Igreja Católica no Brasil e da precária formação do clero brasileiro resultava, na época, em práticas religiosas muito diferentes daquelas que estavam acostumados.

Então, com intuito de manter e fortalecer a religiosidade com bases tridentinas nas colônias alemães (e aos poucos romanizar todo catolicismo brasileiro), a Diocese de Münster começou a enviar padres e freiras para essas regiões, processo que passou a se chamar "Missão de Münster".

É dentro desse contexto que pode-se melhor compreender a atuação de religiosos alemães em Santa Catarina e, no caso específico, de Monsenhor Friedrich Tombrock em São Ludgero.

O povoamento de São Ludgero, começou em 1873, com famílias de imigrantes católicos westfalianos que haviam chegado na década anterior na Colônia de Therezópolis, localizada atualmente no município de Águas Mornas, SC, e que se transferiram para o Vale do Braço do Norte, no Sul do Estado, devido a vários descontentamentos, entre os quais a pouca produtividade obtida nas terras pouco férteis e de topografia muito acidentada.

Eram em torno de 70 núcleos familiares que por intervenção do padre Guilherme Röer conseguiram terras onde hoje é o município de São Ludgero.

Dentre as muitas carências que tinham esses colonos nesta nova comunidade, entre elas estradas, escola, hospital, mercado para os produtos, uma das mais sentidas e reivindicadas era a ausência de um guia espiritual que os atendesse regularmente, dado que de 1874 a 1895 esse atendimento foi feito precariamente pelo próprio Padre Röer, vigário de Therezópolis e outros padres alemães, entre eles Topp, Auling, Eising e Schmees, que por ordens superiores nunca ficavam muito tempo no local.

Em 1896 chegou o Padre Friedrich Tombrock da Diocese de Münster, permanecendo em São Ludgero até sua morte em 1957, num período de 61 anos.

O poder dos padres nas comunidades de imigração européia e a religiosidade dos colonos já foram temas de vários estudos acadêmicos. E é inserido neste contexto que deve ser percebida a atuação do Monsenhor

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Frederico Tombrock em São Ludgero. Numa comunidade fechada étnica e geograficamente, formando, conforme definição de Luiz de Boni e Rovílio Costa, uma "cosmovisão sacral", num mundo que "girava em torno da religião, dando mesmo a impressão de que, fora dela, não havia outra forma de vida social"[3], ele foi guia espiritual, comandante das ações temporais e juiz em ambos os casos.

Porém a sua atuação foi marcada por sua personalidade, um tanto peculiar. Os dados biográficos mostram que Tombrock nasceu em Roxel, Westfália, em 1864, filho de um mestre ferreiro. Na infância freqüentou a escola elementar na sua cidade natal e depois cursou o ginasial do Paulinum de Münster. Quando jovem, desejava angariar um dote de 5 mil marcos para casar com uma boa moça e, para consegui-lo, tentou carreira no exército prussiano, chegando a suboficial. Mas, desentendeu-se com um oficial superior e entre outras querelas, desafiou-o para um duelo. A insubordinação teve como desfecho a sua prisão e o fim da carreira militar.[4]

No mesmo ano, em 1888, Tombrock ingressou no Instituto Borromeu de Münster, sendo ordenado sacerdote secular em 18/03/1893. Trabalhava como coadjutor em Köesfelg, quando, em 1894, aceitou o convite do Padre Francisco Xavier Topp para emigrar para o Brasil e atuar junto aos colonos alemães estabelecidos em Santa Catarina. Em 11/02/1895 embarcou em Hamburgo.

Em Santa Catarina, instalado em Brusque, Tombrock exerceu a função de vigário, não adaptando-se, porém, àquela comunidade. A dificuldade de aceitação mútua pode ser creditada, em grande parte, à sua personalidade. O depoimento do Padre José Locks, citado por Dall'Alba, é importante para se começar a conhecer um pouco dessa personagem singular.

Um tanto agressivo nos sermões, no púlpito chamava "os bois pelo nome". Por isso foi expulso de Brusque, onde era vigário há um ano, desde sua chegada da Alemanha. Foi levado para além do rio, e dali um católico foi levá-lo a cavalo, até Itajaí, onde embarcou para o sul. Filho de seu tempo, de um Alemanha vencedora de quatro guerras, vinha animado por um entusiasmo pela pátria alemã, com conseqüente desprezo pela França e principalmente pelo Brasil, país completamente subdesenvolvido, naquele tempo. Sentia também menosprezo pelos colonos, analfabetos ou semi-analfabetos. (...) No entanto ele viera justamente para acudir às suas necessidades culturais e espirituais. E neste ponto cometeu o grande erro de se considerar padre, vigário, ou cura de almas dos germânicos, e só colateralmente dos luso-brasileiros.[5]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em São Ludgero, Tombrock exerceu, desde a sua chegada, em 1896 até sua morte em 1957, poderes ilimitados, abrangendo praticamente todas as esferas do cotidiano dos habitantes, sendo o principal ordenador na organização da comunidade.

A pesquisa por mim realizada, através da história oral, com pessoas de mais de 80 anos que sempre moraram na comunidade, corrobora as informações do Padre José Locks e acrescenta outras tantas que esclarecem um pouco mais acerca de Tombrock. Pela representação que os entrevistados fizeram do Monsenhor, é possível vislumbrar alguns sinais característicos da personalidade e dos desejos de "Herr Pastor" na manutenção e reelaboração da "cosmovisão sacral" da comunidade.

Tombrock desprezava profundamente os luso-brasileiros, inclusive os moradores da comunidade vizinha do Quadro do Norte, seus paroquianos, a ponto de classificá-los de "Die Halben" (a metade), numa alusão à inferioridade que julgava que essas pessoas possuíam em comparação com os alemães e teuto-brasileiros. A mesma desqualificação valia para o Bispo Diocesano, Dom Joaquim Domingos de Oliveira, com quem às vezes se desentendia.

Também os teuto-brasileiros eram por ele avaliados matematicamente. Na sua opinião, um homem valia o que possuía de germânico. Assim, o colono alemão valia 100%, o filho do colono nascido no Brasil valia 75%, o neto desse colono apenas 50% e o bisneto somente 25%.

Repulsa também lhe causavam todos os que não fossem católicos. Por isso, em São Ludgero, durante sua atuação houve apenas duas tentativas de protestantes se estabelecerem junto à comunidade. Na primeira vez, foi um ferreiro, exímio artesão e de grande utilidade para o povo local. Os desentendimentos começaram com a implicância de tal homem com o hábito dos católicos de tomarem cachaça na venda tão logo tinham comungado na missa dominical. Depois de consecutivas discussões entre eles, e instados pela repugnância que tal indivíduo causava no vigário, foi-lhe prometida uma surra caso ousasse permanecer no local; ameaça que produziu efeito imediato.

O segundo caso refere-se a uma viúva que possuía dez filhos e por infortúnio foi morar em São Ludgero, próximo à igreja. Meses depois, alguns rapazes acharam por bem apedrejar a casa desta senhora e em seguida ir contar ao padre que, segundo afirmam, achou a atitude normal. Tal família também abandonou a comunidade.

Tombrock esteve sempre certo de que quem não fosse católico

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pertencia ao demônio. Certa vez, no final dos anos 40, indo a cavalo visitar os cantos mais retirados de sua imensa paróquia, o animal assustou-se derrubando-o. Na queda fraturou bacia e fêmur. Depois de algumas horas estirado no caminho por onde, na época, não passava quase ninguém, avistou-o um colono e seu filho pequeno que retornavam da roça. Preocupado, o homem correu ao seu encontro na tentativa de ajudá-lo. Antes, porém, Tombrock perguntou: "protestante?". A resposta afirmativa fez Monsenhor gritar: "não toque em mim satanás, não se aproxime". Diante de tal manifestação, o protestante achou por bem pegar seu cavalo e ir até a comunidade dos católicos solicitar que viessem acudir seu pastor.

Esta sua visão maniqueísta levava-o a excomungar, durante os sermões, as duas religiões do demônio: o protestantismo e o "bolchevismo".

Nas missas dominicais, assistidas por ludgerenses e também por paroquianos luso-brasileiros do Quadro do Norte, os sermões - que duravam horas - eram pronunciados em dois idiomas. Primeiramente, o também westfaliano Padre Huberto Others, coadjutor da paróquia, fazia o sermão em português, ocasião em que os alemães e teuto-brasileiros saíam da igreja para fumar ou conversar. Após, começava a prédica em alemão do Monsenhor para os seus conterrâneos e descendentes, na ausência dos "brasileiros".

Em suas pregações no púlpito, Monsenhor, além de pregar o Evangelho, orientar sobre a conduta e condenar todos os procedimento desordenadores de seus paroquianos, também deixava claro o seu projeto comunitário. Referindo-se à necessidade de recriar no local uma "pequenina Alemanha", reprovava de forma veemente a insistência de algumas pessoas de falar português, bem como as que insinuavam vender terras aos nacionais. Nestas ocasiões costumava dizer: "em vez de vender as terras para brasileiros deixem que os espinhos cresçam nelas. É preferível ter erva ruim do que outra gente morando entre nós".

Nas conversas, recomendava aos paroquianos o não envolvimento com a política nacional. Seguindo o seu estilo, afirmava que "política é igual a pau de galinheiro: de cima a baixo está suja". No entanto, tentava manter-se informado acerca da política alemã.

Vibrava com as vitórias iniciais da Alemanha. Em 1917 celebrou o aniversário do Kaiser. No discurso concitou a todos a assinarem o empréstimo de guerra. "E se a Alemanha perder a guerra, deve nos consolar o pensamento de termos feito algo pela pátria".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(...) Ao ter notícia da derrota da Alemanha caiu sem sentidos".[6]

As estratégias de Tombrock para resguardar a moralidade e a religiosidade da gente local incluía a proibição de iluminação elétrica (através de dínamo) na praça que circundava a igreja, devido o perigo de casais namorarem no local à noite. Vetava também a possibilidade de realizar casamentos nas sextas-feiras, sábados e domingos, uma vez que o cansaço provocado pelos festejos fazia com que os participantes faltassem à missa dominical.

No entanto, abstraindo tais atitudes que hoje parecem um tanto bizarras, Monsenhor Tombrock propiciou à comunidade empreendimentos necessários que o governo do Brasil não fez. Até a sua chegada o ensino escolar era muito precário, tanto nas instalações quanto no conteúdo, ministrado por algum colono de boa vontade e pouca erudição, geralmente na casa deste ou no paiol da casa.

Tombrock preocupou-se com esta situação, não exatamente pela qualidade do ensino laico mas pela precariedade ou ausência do ensino religioso (catecismo e história sagrada). Tendo como lema que a formação cristã derivava do ensino da catequese na escola, fez construir, com ajuda dos colonos e dinheiro que trouxe da Alemanha o colégio São Ludgero, que funcionou como escola particular e gratuita até meados de 1980, quando foi transferido para o Estado. Para ministrar aulas, primeiramente chegaram, por sua solicitação, dois professores leigos. Em outubro de 1899 vieram as primeiras quatro freiras da Congregação Divina Providência. Em novembro daquele ano, já com um corpo discente de 80 alunos e 15 alunas, Monsenhor transferiu o colégio para a administração das mesmas, que além das aulas cuidavam da Igreja e mantinham um posto de enfermagem.

Em 1902 estava pronto o internato, obra construída pela vontade individual de Tombrock e mantida pela comunidade e pela Alemanha. O internato foi projetado para ser o lugar onde as crianças que moravam nas comunidades rurais mais afastadas do núcleo da colônia ficavam morando durante seis meses, período de preparação para a primeira comunhão. Em 1904 o internato passou a receber também alunos filhos de fazendeiros da região serrana e de outros abastados. O internato funcionou até 1984, quando Padre José Kunz, sucessor de Tombrock, teve que fechá-lo por insistência de boa parte dos moradores do núcleo citadino. O que aconteceu foi que até o final de 1960 os fazendeiros e citadinos encaminhavam seus filhos para aquele

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

colégio sob a perspectiva de uma sólida formação intelectual e religiosa; após este período os pais para lá enviavam os filhos, principalmente adolescentes, ou para serem contidos em sua rebeldia, ou para os recuperarem de algum vício ou atos marginais. Assim, considerando o comportamento desses internos como uma influência ruim sobre seus próprios filhos, muitos habitantes se opuseram à continuidade da instituição.

Também foi sob as ordens de Monsenhor que foi construído o Convento Sant'Ana, para abrigar as várias irmãs que chegavam da Alemanha e também para despertar vocações locais. Em 1919 fundou-se o seminário de São Ludgero, fechado em 1920 por falta de apoio do bispo e, em parte, da comunidade, que já auxiliava no sustento do colégio, do internato, do convento e na manutenção da igreja. Foi reaberto em 1942 e novamente fechado em 1973, agora por falta de vocações.

Apesar de tantos empreendimentos, as principais obras de Monsenhor não possuem visibilidade material, porque resultaram comportamentos normatizados e "visões de mundo" peculiares.

A maioria das comunidades católicas rurais teutas do sul do Brasil, bem como as italianas, partilharam da presença de padres de formação eclesiástica rígida que se transformaram em ordenadores de comportamentos, em juízes de causas terrenas, amealhando um poder sobre os demais poderes locais. Assim foi em São Ludgero, com a singularidade que nessa comunidade o mesmo padre permaneceu por tempo demais. Durante toda sua existência considerou-se responsável por duas missões: de manter e acentuar o catolicismo Ultramontano e de conservar a germanidade dos colonos. E em muitos aspectos obteve êxito.

Notas:

[1] KREUTZ, Lúcio. O professor paroquial: magistério e imigração alemã. Porto Alegre: Ed. Da Universidade/ UFRS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991, p. 20-26. Comunicação realizada no X Congresso Nacional da FECAB, 27 a 30 de Julho/2000.

[2] ROMANO, Roberto. *Conservadorismo romântico: origem do totalitarismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 202-203. Apud. Kreutz. Op. Cit., p. 26.

[3] DE BONI, Luíz Alberto e COSTA, Rovílio. *Os italianos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDUCS; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul/Correio Riograndense, 1984, p. 125.

[4] Arquivo Eclesiástico da Cúria Metropolitana de Florianópolis: pasta Monsenhor Friedrich Tombrock.

[5] DALL'ALBA, João Lenoir. *O Vale do Braço do Norte*. Orleans: Ed. do Autor, 1973, p. 183-184.

[6] DALL'ALBA. Op. Cit., p.187

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Jornais de Casamento

TEXTO:

*JOSÉ FERREIRA DA SILVA**

Ainda está por escrever-se um capítulo dedicado ao folclore das comunidades nascidas com a colonização alemã em Santa Catarina.

Tentativas já foram feitas, muito válidas, mas onde se não aprofundou nas origens, na análise dos usos e costumes trazidos pelo emigrante e que aqui adquiriram características próprias, facetas diferentes dos modelos originais.

Houve quem desse, como parte do folclore de certas áreas do Estado, povoadas de gente de origem germânica, manifestações do folclore puramente litorâneo, como o "boi de mamão", algumas modalidades de benzimentos, cantigas de reis, etc.

Há, é bem verdade, em determinadas áreas de Blumenau, por exemplo, onde o elemento luso-brasileiro é mais numeroso, como no bairro do "Garcia", ou da "Fortaleza", esporadicamente, brincadeiras de "boi-de-mamão" ou outros de caráter evidentemente açorita. Mas, isso, absolutamente, não pode ser tomado como folclore das ex-colônias teuto-brasileiras.

Circunscreve-se, apenas, a determinados grupos de pessoas migradas do litoral e que chegam a formar comunidades bem populosas onde procuram reviver as tradições deixadas pelos antepassados. E, assim mesmo, isso vai se tornando cada vez mais raro, à proporção que esses grupos vão sendo influenciados pela civilização trazida pelos imigrados europeus.

Os colonos alemães, também trouxeram para cá muitas crendices, muitas rezas, como as conhecidas "Himmelsbrief" (Carta do Céu), equivalente aos "breves" da tradição açoriana.

* Idealizador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Orações e benzimentos, embora não com a freqüência que se verifica no litoral, também existiram e existem nos meios "alemães".

Hoje, vamos entreter-nos um pouco com um assunto do folclore blumenauense menos complicado e de mais fácil definição.

E, se formos levados a citar pessoas, o faremos, não em desrespeito às regras da ética jornalística, mas numa homenagem, muito cordial, aos bons amigos cujos nomes virão ajudar-nos a tornar mais claras as expedições necessárias.

Não será muito fácil escrever a história dos "Hochzeitzeitung", os "Jornais de Casamento", ou ainda "Gazeta Nupcial" que se publicam ainda, muito raramente, em Blumenau, para registrar e comemorar enlaces matrimoniais de pessoas de destaque na vida social da Comuna. Antigamente, nos fins do século passado e nos primeiros decênios deste, eles eram costume muito difundidos.

Esses jornaizinhos constituem-se numa das mais interessantes e preciosas manifestações do folclore blumenauense. Possuímos, no Arquivo Histórico do Município, mais de uma dessas Gazetas Nupciais.

Escrever a história desse costume é difícil porque, além dele estar desaparecendo, os "jornais de casamento" eram impressos em número reduzido de exemplares, distribuídos, apenas, entre os familiares e os convidados dos noivos, e poucos chegaram até nós.

Numa das "gazetas", a que foi publicada em 5 de outubro de 1957, data dos casamentos de Jorge Luiz Buchler com Renata Otte e de Ivo Koffke com Marlies Buchler, dá-se uma excelente definição do interessante costume.

Convém reproduzi-la: "A edição de uma "Gazeta Nupcial" por ocasião dos enlaces matrimoniais, tornou-se uma tradição já consagrada em Blumenau.

Ela permite meter o dedo nos assuntos alheios e mexer com as pequenas fraquezas dos nossos semelhantes de ambos os sexos e de todas as idades.

Às vezes, a "pimenta" é um pouco forte, mas, o que se visa, não é criticar a quem quer que seja e, sim, aproveitar os cacoetes, as manias ou a cachaça de cada um, para o divertimento de todos.

É ela, também, uma homenagem aos nubentes e aos seus familiares, visando a estreitar, cada vez mais, os laços de amizade que os unem aos organizadores e aos convidados em geral. E quanto maior for a estima e a

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

amizade que desfrutam as respectivas famílias envolvidas no casório, maior será a franqueza e mais forte a "pimenta". Os amigos da onça, que a presente edição organizaram, rendem a sua homenagem a todos os seus leitores e se alguém achar ruim, que se lixe!"

Por aí se tem uma idéia para que servia um "Hochzeitzeitung". Para "mexer" com os noivos, seus convidados, parentes e amigos. E como "mexiam"!!! As "pimentas" eram, algumas vezes, tão picantes, que as pessoas atingidas se ofendiam, inimizando-se com os autores das pilhérias. As "diretas" e as "indiretas", muitas vezes davam em briga. E não era para menos em muitas ocasiões.

Vamos transcrever alguns anúncios e comentários de diversas dessas "Gazetas Nupciais", alguns inocentes, outros pesados demais. Entre as inocentes: "Peço à digna direção do Teatro que não me dê senão papéis de titio e de papai, pois, não posso servir mais de galã". (O noivo era amador do grupo teatral "Frohsinn").

"Oferta de casamento: Um pobre diabo procura casar-se com um anjo rico. Dirijam ofertas à Elly que se encarregará do resto". "Cuidado! Aviso a todos os meus fregueses, amigos, camaradas e conhecidos que durante os quinze dias posteriores ao meu casamento, não estarei em casa para ninguém".

"Tomem cuidado os que se aproximarem de minha residência, pois espalhei armadilhas de pé e tiros automáticos em redor dela". "Edital da Polícia: Pede-se aos convidados que não atirem foguetes no trajeto para a igreja, pois, o noivo e algumas testemunhas da noiva são tão secos que podem pegar fogo facilmente". "Até nas mais escuras ocasiões posso dar luz" (Assinava o artigo o industrial Frederico Busch, que era o dono da empresa elétrica de Blumenau).

"Em troca da remessa de 20 réis, eu ensinarei a todos como foi que eu fiquei magro. Não há logro nem trapaça".

"Vendem-se, por preço módico, uma chocadeira com pouco uso. Tem capacidade para chocar 200 ovos podres de uma só vez". "Eu estive muitos anos doente, sentia pulsações, suspirava seguidamente, tinha insônias, falta de apetite, unha encravada, fiquei magro e desconfiado" (é o noivo que assinava o comunicado).

Em vez de tomar "Isis Vitalin", fiquei noivo. E vejam como me tornei saudável!. "Uma moça bonita, forte e alegre, beirando os vinte anos, procura um genro apropriado para sua mãe. Quem souber de algum, avise esta redação".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"Em Bremen (Alemanha) deve-se fazer um juízo bem cômico sobre o povo de Indaial. De uma certa família lá residente veio um pedido de informações sobre se a noiva do seu filho Fulano, tinha olhos, nariz, boca e orelhas no meio da cara. Certamente os pais do noivo não ficarão aborrecidos se formos indiscretos, adiantando que a noiva, infelizmente, só tem um braço e uma orelha no lado direito, porque o outro braço e a outra orelha estão no esquerdo". "Uma boa esposa tem todos os direitos sobre o marido, até mesmo sobre sua carteira". "Quantos maridos não levantariam sua mulher até ao céu se eles tivessem a certeza de que ela não voltaria mais de lá".

"O marido para a jovem esposa: Por que, querida, essa cara tão triste?" E ela: "Meu Deus, querido! Pois já faz duas horas que botei os ovos a cozinhar e não há meio deles ficarem moles!". "As mulheres são como as gravatas. Primeiramente a gente as acha bonitas, depois tem-se-as amarradas ao pescoço". E assim por diante.

As "Gazetas Nupciais" são um tema magnífico para um livro inteiro. Elas refletem, não só verve e o bom humor de uma sociedade sadia, como espelham diferentes épocas da vida comunal, ligando um acontecimento comum, natural, como é um casamento, com ocorrências as mais variadas no seio das famílias, das sociedades recreativas e culturais e até mesmo da política e da administração municipal.

É lamentável que uma tradição tão amável esteja desaparecendo, como tantas outras manifestações folclóricas. Não haverá meios de evitar isso? Façamos o possível para preservá-la.[1]

1 Jornal de Santa Catarina. Blumenau. nº 267.6/7-08-1972.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

– Lobatiana

– Aleijadinho

– Variadas

TEXTO:

*ENÉAS ATHANÁZIO**

Lobatiana

Conheci D. Hilda Junqueira Villela Merz quando ela era a encarregada do Arquivo/Museu da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo, função que exercia com extremos de dedicação. Tempos depois ela me convidou para o seminário "Monteiro Lobato sempre ... atual", do qual participei, inclusive como palestrante, e desde então nossa amizade se consolidou através de contatos, telefonemas e trocas de cartas. Ainda espero trazê-la a Balneário Camboriú para que ela conheça este chão que Monteiro Lobato nunca pôde pisar.

Entre as pessoas que conheço, D. Hilda é a que mais sabe a respeito de Monteiro Lobato, sua vida e sua obra. Esse conhecimento vem de reiteradas e atentas leituras da obra dele e seus intérpretes, como também do costume de ler e guardar tudo que a ele se refere, em livros, jornais e revistas, e do conhecimento pessoal do escritor, amigo de sua família e cuja casa frequentava com assiduidade, em especial nos últimos anos de vida. Bem jovem naquela época, ela não esquece do respeito e admiração que Lobato despertava nela e nos familiares nessas visitas em que o mito comparecia em carne e osso à sua casa, às vezes para almoçar. Lembra do solenismo com que a avisavam de que "hoje o doutor Lobato vem almoçar conosco." Nessas ocasiões ela teve a oportunidade rara de ouvir o escritor expor suas idéias, contar casos e conversar, arte em que seria ainda mais interessante que escrevendo, segundo o depoimento de pessoas que o conheceram, se é que isso é possível.

* Escritor e Advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

No mês de julho passado, quando recebi a visita de um amigo paulistano, ele foi portador do envelopão enviado por D. Hilda. Esquivando-se do assédio dos lobatianos paulistas, ela me oferecia uma pasta de documentos e comentários sobre Monteiro Lobato, por ela organizada, onde reuniu verdadeiras raridades de autoria do escritor e sobre ele. Com o título de "Lobatiana 2", a pasta contém boa parte das pesquisas e descobertas que essa admiradora dedicada realizou ao longo dos anos. Fiquei comovido por ter ela me escolhido como depositário dessa preciosidade entre tantos interessados, muitos deles, com certeza, melhor aparelhados que eu para aproveitá-la.

Creio que agora Santa Catarina, com esse novo acréscimo, reunindo o que doei ao Arquivo Histórico de Blumenau e o que trago comigo, possui o maior acervo sobre Monteiro Lobato, depois de São Paulo. Tenho, inclusive, a coleção da "Revista do Brasil", do período lobatiano, talvez a única existente em nosso Estado. Dia virá em que esse material será disputado pelos estudiosos.

A primeira parte da pasta é denominada "Lobato e o Brasil de Norte a Sul" e nela a organizadora procura mostrar a dimensão nacional do escritor, sintetizada na célere frase "Somos, de norte a sul, terrivelmente irmãos, nas qualidades e nos defeitos."

Seguem-se depois documentos sobre Lobato e o petróleo, cartas do escritor, suas manifestações sobre o teatro, o cinema, o dicionário brasileiro, prefácios pouco ou nada conhecidos, pensamentos de Lobato coligidos em seus escritos. Traz ainda crônicas, pensamentos colhidos no sítio de D. Benta e entrevistas de Lobato sobre a conjuntura mundial e a guerra. Muitas dessas páginas foram colhidas dos próprios originais, às vezes publicações raríssimas ou extintas.

Como se vê, é um acervo rico e variado sobre esse escritor cuja presença é cada vez mais forte na vida cultural brasileira à medida que os anos passam.

Aleijadinho

A revista "Notícia Bibliográfica e Histórica", editada pela PUC de Campinas (SP), sob a direção do Prof. Odilon Nogueira de Matos, publicou excelente ensaio sobre o escultor mineiro de autoria de Hélcio Pupo Ribeiro, focalizando os profetas de Congonhas, creio que o mais importante conjunto de realizações de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Começa descrevendo a pequena cidade onde está a colina, circundada por portentosa cordilheira, em cujo cimo foi erigido o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, diante do qual estão as impressionantes figuras dos doze profetas, cada um identificado por detalhes nem sempre notados pelos visitantes. Segundo o ensaísta, Oswald de Andrade afirmou que o santuário "parece um presépio armado por mão divina na palma da mão da montanha."

Depois de considerações históricas sobre a cidade e o conjunto de obras, ele se fixa em estátuas, escrevendo: "Figuras altas, angulosas à maneira gótica, estão cheias de êxtase como o desejou Antônio Francisco Lisboa. Não anunciam paz nem esperança, piedade ou amor, fausto ou pompa. Não ! São os arautos dos maus presságios. Preparemo-nos. Isaías tem os olhos para os céus voltados e lembra na sua cautela que "enquanto os serafins adoravam o Senhor, foi encostada por um deles uma brasa em seus lábios." Ezequiel, de porte severo, anuncia o castigo para os opressores. Jeremias lamenta e chora a destruição de Jerusalém. Baruc freme ao predizer o fim da humanidade. Oséias propõe o perdão à adúltera, pois acredita na regeneração. A Assíria dissoluta e sua capital Nínive, cidade do pecado, serão banidas da terra, é a profecia de Naum. Que ser estranho e fantástico é a baleia exausta aos pés de Jonas! Daniel saiu incólume da cova dos leões e um deles aí está, submisso, alçando a cabeça para receber um afago. O profeta é pura imagem da sublime placidez. O humilde Amós, contempla, sereno, o casario silencioso a seus pés: nascido pastor, tornou-se profeta. Estudiosos das artes admitem a possibilidade de somente duas destas estátuas terem sido feitas inteiramente pelo Aleijadinho: Daniel e Jonas, as únicas em monobloco."

O conjunto, desde a via sacra até a igreja, é impressionante. E o ensaísta, neste trabalho modelar, conseguiu transmitir a sensação.

Muitos trabalhos de catarinenses e sobre nosso Estado têm sido publicados nas páginas da revista da PUC de Campinas.

Variadas

— Realizou-se em São Paulo, entre 20 e 23 de setembro, o I Congresso Mundial do Ministério Público, reunindo as maiores expressões da Instituição, no Brasil e no mundo, para debater temas de maior importância, com ênfase para o fenômeno da criminalidade. Foi, sem dúvida, o maior evento jurídico

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do País neste ano e nele esteve presente a delegação catarinense.

— "Chão de Palavras", de Renata Pallottini, e "Malditos e Renegados", de Ubiratam Machado, são as mais recentes publicações do Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, na sua coleção, Mapa. Essa entidade é dirigida por Iaponan Soares e Vera Araújo e tem sede em Florianópolis.

— Em opúsculo alusivo ao centenário de morte de Emílio Carlos Jourdan, fundador de Jaraguá do Sul, cuja celebração aconteceu na mesma cidade, foi publicado o ensaio "Toponímia – Estudo Linguístico das Expressões Jaraguá e Itapocu", de José de Alberto Barbosa, bem como "O Relato", excertos dos trabalhos do mesmo Autor, reveladores de seus conhecimentos nesses assuntos.

— Foram publicados no período, entre outros, os livros: "Cinema e História", de Zeca Pires, versando sobre José Julianelli e Alfredo Baumgarten, pioneiros do cinema catarinense; "Datas Históricas de Santa Catarina", de autoria de Jali Meirinho, desde 1500 até hoje; "Anita Mulher – Uma Trajetória de Amor", de autoria da poeta Leatrice Moellmann. Circulam novos números de "A Ilha", suplemento literário, sendo um deles a edição normal e outro alusivo a Cruz e Sousa. O suplemento agora é editado em São José, onde reside seu criador, Luiz Carlos Amorim.

— Diversas editoras estão apostando na publicação de pequenos livros, em forma de "pocket-books", para contrabalançar as obras volumosas que invadem o mercado. Entre outros, assim têm sido publicados contos de Miguel Torga, Guy de Maupassant, Shakespeare, uma novela de Pedro Almodóvar, clássicos brasileiros etc.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R$ 50,00 (anual = 6 números)
-) Renovação assinatura: R$ 40,00 (anual = 6 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R$ 5,00 (Cada exemplar/número antigo)

☒ Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **2001** (Tomo 42). Anexo a este cupom a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

☐ Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)

☐ Cheque

Banco: .....

Número: .....

Valor: R$ .....

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"
Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990
Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLII
Março/Abril de 2001 - Nº 3/4

Apoio Cultural:

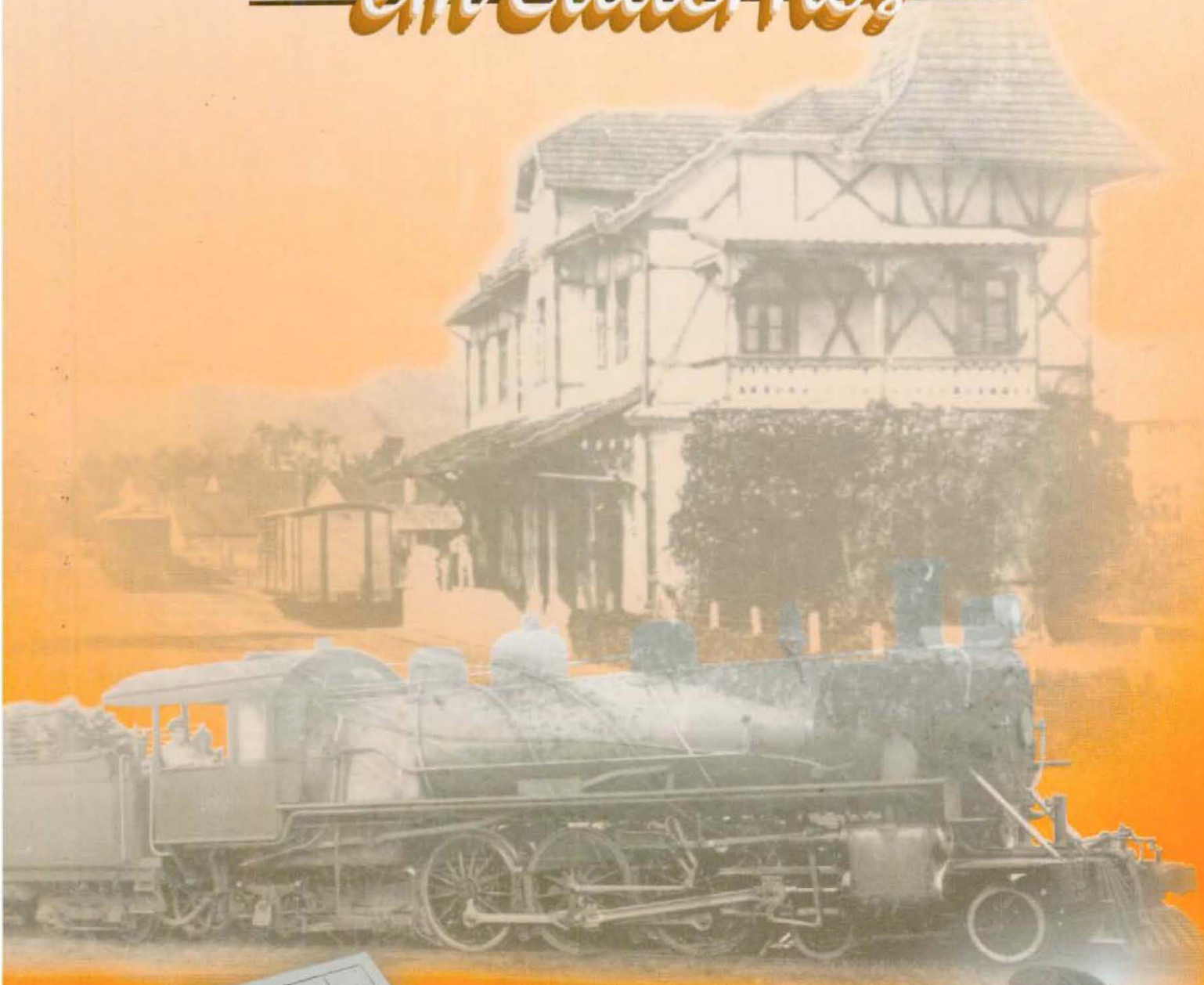
Benjamim Margarida *(in memoriam)*
Genésio Deschamps
Victória Sievert
Willy Sievert *(in memoriam)*
Buschle & Lepper S/A
Cremer S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Cia. Hering
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Madeireira Odebrecht
Unimed Blumenau
43 S/A Gráfica e Editora

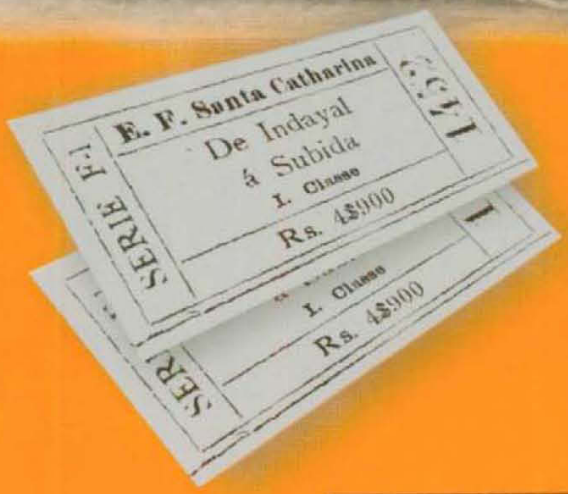
Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos





FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLII
Março/Abril 2001
NÚMERO 3/4

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense